Erupção do vulcão Etna faz um morto e catorze feridos

O único vulcão ainda activo no continente europeu — o Etna — entrou ontem em erupção, provocando a morte de uma pessoa e ferimentos noutras catorze. As vítimas encontravam-se num hotel siciliano que se desmonorou após os sismos que se seguiram à violenta explosão provocada pela abertura de uma nova cratera no Etna. Uma torrente de lava continua, entretanto, a escorrer por uma das encostas do vulcão, de cuja erupção de Natal a foto ao lado nos dá uma imagem. **Pág. 15**

Natal na estrada: 35 mortos em 5 dias

Números provisórios da primeira fase da «Operação Rota Certa-85», que ao longo de cinco dias, mobilizou importantes efectivos da GNR, já apontam para 35 mortos e 534 feridos, 169 dos quais em estado grave, nos 658 acidentes verificados nas estradas portuguesas entre as 12 horas de sexta-feira e o meio-dia de hoje.

Continua na pág. 24

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 945 Quinta-feira, 26 de Dezembro de 1985 Preço 40$00

CANDIDATOS FALAM AO "DL"

ZENHA

Como presidente serei agente do maior consenso

«O único frentismo presente nestas presidenciais é o de Freitas do Amaral», diz ao «DL» Francisco Salgado Zenha, referindo-se à reedição, por aquele candidato, do projecto «um Presidente, uma Maioria, um Governo», que foi o de Soares Carneiro em 1980. Zenha salienta a importância da separação dos poderes e das responsabilidades em democracia, e sintetiza as suas ideias sobre o exercício das funções presidenciais: «Como Presidente da República, serei o agente do maior consenso nacional e entre as instituições democráticas».

Págs. 12, 13 e 14

FRAUDE NO BANCO DE MIRA

250 milhões em tribunal

O processo respeitante à fraude bancária que lesou a agência de Mira do Banco Pinto e Sotto Mayor em 250 mil contos foi hoje, ao princípio da tarde, entregue no Tribunal Judicial de Vagos, juntamente com o principal arguido, o ex-gerente Joaquim Lúcio Barros de Carvalho, recentemente extraditado do Brasil para onde fugira depois de detectada a sua actividade ilícita.

As investigações estiveram a cargo da Polícia Judiciária de Lisboa que viria a deter seis pessoas envolvidas no caso, tudo pessoas importantes, das quais apenas uma não foi restituída à liberdade. **Pág. 24**

Vai ser muito mais a... guiar

Um tanto inesperadamente, a Rua Joaquim António Aguiar acordou hoje, com obras. Diz-se aqui da surpresa com que o automobilista terá encarado a iniciativa, mas ela aparece na sequência lógica das mudanças que se têm registado no corredor de saída/entrada em que a artéria se enquadra. Na verdade, depois da implantação do «shopping» das Amoreiras e das modificações que implicou na Duarte Pacheco, o melhoramento e talvez o alargamento da Joaquim António de Aguiar apresentava-se como inevitável para quem ali passa a...guiar. Assim, torna-se mais fácil chegar ao Marquês que, esse, já não tem muito onde alargar. A ver vamos.

Evocar Mário de Castro (2)

Democracia económica em sobreposição ao republicanismo liberal

Victor de Sá

Mário de Castro (1901-1977) bateu-se desde estudante, como já vimos, contra as doutrinas conservadoras do integralismo lusitano. E como advogado em Lisboa também desde cedo afirmou a sua inquieta rebeldia cívica e intelectual, ao lado de outros valores da sua geração, como foram José Rodrigues Miguéis e David Ferreira. Com estes participou, nos finais da República e início da Ditadura, o Grupo Dinamizador da Seara Nova.

A minha atenção de agora para Mário de Castro foi suscitada pela leitura recente de um seu livro antigo: Alentejo, terra de promissão, publicado em 1933, de que me ocuparei em próximo artigo. Dois anos antes tinha publicado também um **Ideário Republicano.** Era este um ensaio de reformulação do programa da República, visto ela não ter sido tão eficaz como poderia ter sido. Querem-se factos, querem-se realizações. «A actividade económica exige cada vez mais a intervenção do sindicato e da cooperativa na administração da riqueza pública, organizadas à maneira de serviço público; e o interesse social exige cada vez mais que o direito de propriedade se exerça como uma função social, fazendo do proprietário um agente sujeito a um regime estutário inteiramente semelhante à concessão de serviço público».

Este **ideário** de 1931 já não repetia, como se vê, os chavões do antigo republicanismo liberal assente na consagração divinatória do conceito de propriedade privada. Sublinhando sempre que o fundamental é uma democracia, e distinguindo entre democracia jurídica e democracia política, é para a democracia social que o seu pensamento aponta ao propor «uma política de valorização crescente do **trabalhador** até ao estabelecimento completo de um regime pelo qual — **seja o trabalho a empregar o capital e não o capital a empregar o trabalho».**

No entanto, escapa-lhe neste opúsculo uma contradição que foi fundamental na Primeira República: a recusa efectiva do sufrágio universal. Prometido durante a propaganda, o sufrágio durante a República nunca foi universal, nem o número de eleitores subiu significativamente em relação à monarquia constitucional. O Congresso Socialista de 1924 denunciava o sufrágio ainda então praticado como sendo «um privilégio das classes burguesas e dos partidos adversários dos trabalhadores», e explicava porquê: restringindo-se o eleitorado aos que sabiam ler e escrever, mas tendo-se descurado o combate ao analfabetismo, a quem de facto e sistematicamente se negava o direito de votar era especialmente às «multidões trabalhadoras».

Para Mário de Castro, ao debruçar-se sobre a questão de quem deve votar, continuava em 1931 a responder singelamente: aqueles «que saibam ler e escrever». Aparentemente estava mais sensibilizado pela democracia económica que pela democracia política.

Herdeiro de avantajada fortuna, a riqueza não o fez egoista, antes serviu muitas vezes para concretizar os sentimentos da sua generosidade. Na luta contra o fascismo já dominante, assegurou em 1935 as condições financeiras para a publicação de um jornal republicano radical, o resistente «Mundo Novo». Assente numa estrutura editorial «em organização», forma ao tempo algumas vezes usada para tentar fugir ao controlo administrativo e político, mesmo assim a ditadura salazarista não permitiu que o nóvel jornal fosse além dos dois primeiros números.

Mais tarde, já no tempo da Guerra, seria o apoio a amigos em julgamentos políticos no famigerado tribunal Plenário que o 25 de Abril extinguiu. Testemunha, por exemplo, do Dr. Fernando Piteira Santos, diz-me este amigo em carta recente que também «tive um longo período de colaboraçãoi com ele em trabalhos clandestinos». Seria vantajoso evocar agora, que meio século vai passado, esses trabalhos do tempo da clandestinidade.

Dos que ao tempo eram novos, também já começam a ser raros os que se lembrarão de quanto o nome de Mário de Castro andou falado em finais do ano de 1945. Sentiu-se numa situação tão desconfortável, traído pela lealdade que confiara em alguns amigos, que isso foi causa de profundo desgosto e razão que o terá feito afastar-se discretamente do trabalho político em que até aí preponderara.

Tinha nesse ano terminado a II Grande Guerra Mundial. Em Maio tinha havido em todo o país explosivas manifestações populares, que constituiram séria advertência democrática a um Governo que sempre se inclinara a favor das potências agora derrotadas do nazi-fascismo.

O ditador Salazar sentiu que não poderia mais dominar a vontade de um povo hostil no novo contexto internacional, e montou a sua manobra política de adaptação ao verbalismo («democracia orgânica») e ao formalismo eleitoral. Em 6 de Outubro decretou que houvesse eleições e anunciou no dia seguinte que iria dar liberdade de imprensa para que fossem apreciados os actos do Governo e tornada possível a propaganda das várias políticas e dos candidatos ao sufrágio. Insinuava pretender que «as eleições fossem tão livres como na livre Inglaterra».

A esta manobra demagógica de atrelagem ao novo mundo democrático saído da Guerra respondeu a Oposição republicana requerendo de imediato uma sessão pública, que teve lugar no Centro Almirante Reis, paradecidir sobre as condições de participação no acto eleitoral. Foi a primeira vez, ao cabo de dezanove anos, que a Oposição pôde afirmar-se no quadro da Ditadura.

Foram requerentes dessa sessão histórica os advogados José Magalhães Godinho, Teófilo Carvalho dos Santos, Mário Lima Alves, Armando Adão e Silva e Afonso Costa filho, os intelectuais Gustavo Soromenho, Manuel Mendes, Luís da Câmara Reis e Alberto Candeias, enfim dois comerciantes Manuel Catarino de Castro e Guilherme Canas Pereira. Os operários, esses, tinham-se afirmado antes, durante o surto grevista de 1943-44. Alguns dos subscritores do requerimento vinham do MUNAF, o movimento unitário clandestino constituído três anos antes. Era o Movimento de Unidade Nacional Antifascista.

E da sessão pública no Centro Republicano Almirante Reis que vai sair por sua vez o Movimento de Unidade Democrática (MUD), de que vamos ocupar-nos no próximo artigo.

Mensagens recebidas pelo "DL"

Boas festas e feliz Ano Novo

Continuamos a receber mensagens, votos e cumprimentos, enviadas por entidades, leitores, anunciantes e amigos do nosso jornal, que muito agradecemos:

General Salazar Braga, major António Manuel Salavessa da Costa, prof. dr. J.J.R. Fraústo da Silva, Roberto Artur da Luz Carneiro, dr. Luís Francisco Rebelo, dr. Joaquim de Seabra Lopes, Isabel de Melo e Castro, João Cordeiro Pereira, Albérico Fernandes, dr. José Alfaia Pinto Pereira, José Joaquim Custódio Correia, major Jorge Almeida Coelho, Maria Teresa Carvalho, Ana Salazar, Fernando Vicente, Carlos Alberto Franco de Oliveira, Carlos Santos Bicho, Carlos Manuel Alves Martins, Yolanda M. de Faria, Paula e Guedes, General Chefe do Estado-Maior do Exército, Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada, Estado-Maior-General das Forças Armadas, Câmaras Municipais de Viana do Alentejo, Vila Franca de Xira e da Chamusca, Radiotelevisão Portuguesa e Nuno Martinho, jornal «Correio da Manhã» e Carlos Barbosa, jornal «O Semanário», Embaixada da República da Nigéria, Embaixada da Coreia do Sul, Guarda Nacional Republicana, Câmara do Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Justiça, Bolsa de Valores de Lisboa, Provedor e Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, Cyanamid Portugal, Lda., Companhia Carris de Ferro de Lisboa, Gabinete da Área de Sines, Representação da Organização de Libertação da Palestina, Montepio Geral, Banco Fonseca e Burnay, UGT-União Geral dos Trabalhadores. Confederação Nacional da Agricultura, Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil, Sociedade Nacional de Sabões, Ana do Carmo (Moda), Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, Estaleiros Navais de Viana do Castelo, Tulipa Vermelha, Profoto, Cena-Companhia de Teatro de Braga, Escorial Restaurante, Partex, Instituto do Investimento Estrangeiro, Instituto Nacional de Estatística, Instituto Nacional de Administração, Hotel Sheraton, Renault Portuguesa, Cooperativa de Edições e Impressão Gráfica, Lorilleux Lefranc, Inter Press Service, Publimedia, Juventude Social Democrática, Arca Filme, Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Clube de Futebol Estrela da Amadora, Casa Pia Atlético Clube, Clube Atlético e Cultural, Junta de Freguesia de Odivelas.

SE OS JOVENS PUDESSEM...

Madalena, 16 anos, estudante

"Sem estudar ninguém é nada na vida

— O que estuda?

— Estou no 10.º ano da área D, de Estudos Humanísticos — Jornalismo/Turismo.

— Porque fez essa opção?

— Quero seguir Turismo e esta era a área que me convinha. Além disso, foi uma maneira de fugir às disciplinas de Matemática e Física.

— Ao fazer a sua opção estava a par das perspectivas de encontrar emprego com esse curso?

— Estava. Sei que é difícil, e para conseguir tenho que ter uma boa preparação. Agora, dentro da área de Turismo ainda não sei bem o que quero fazer. Em princípio gostava de gestão hoteleira, mas sei que aí os empregos são muito escassos.

— Informou-se no seu estabelecimento de ensino antes de fazer a sua escolha?

— Informei-me, mas não no liceu.

— Que problemas existem no seu liceu?

— Acho que o mais grave é a falta de condições sanitárias. Os responsáveis esquecem-se que os liceus são sítios (ou deveriam ser) onde os jovens aprendem a ser higiénicos. Mas, atendendo às condições das casas de banho dos liceus, só se pode pensar o contrário. Outro problema é a falta de professores, pois começamos o ano sem professores nalgumas cadeiras e passamos assim os primeiros meses de aulas. Isso leva-nos a não darmos o programa completo, o que dificulta imenso, pois no ano seguinte exigem-nos conhecimentos que nós não podemos ter.

— Em sua opinião o ensino é uma área um pouco «abandonada» por parte do Governo?

— Acho que sim, pois cada vez vai havendo mais alunos e menos escolas e todos os anos são mais os alunos sem escola para frequentar. E sem estudar ninguém é nada na vida.

— Como ocupa os tempos livres?

A maior parte deles são os fins-de-semana, que passo no Benfica

— Pratica alguma modalidade?

— Não, mas como adoro desporto, apesar de não praticar gosto de ver. Além disso, há um convívio com malta da minha idade, que me agrada.

— O desporto em Portugal é apoiado?

— Só o é a nível de grandes clubes e só em algumas modalidades, como é o caso do futebol.

— Com um novo ano à porta, que mudanças gostaria de ver em Portugal?

— Gostava que fossem criados mais empregos, porque andamos a estudar uma série de anos para chegarmos ao fim do curso e nos perguntarmos «o que é que andei a fazer? Não tenho emprego». Era bom também que em 86 as condições de vida dos portugueses fossem melhoradas, e que se resolvesse o problema da habitação.

— Se pudesse governar o que começava por alterar?

— O sistema de ensino.

Lembranças para a "esquerda"

LEIO, num semanário de Lisboa, um texto intitulado: «Lembranças para a direita». Um comentador político arguto, dirigente distrital do PSD, o dr. José Miguel Júdice é o seu autor. Essas «lembranças» escritas com a intenção de advertir e esclarecer uma área da Direita portuguesa, se nos não enganmos, poderão oferecer à Esquerda portuguesa tema de reflexão. São lembranças para a Esquerda, sem qualquer exclusão, estas que, transcrevendo e glosando o que o comentador social-democrata escreveu, nos propomos registar.

É tempo de nos não ignorarmos. De não cometermos a defensiva hipocrisia de fingir que não lemos o que se escreve noutros jornais, o que se publica em livro, o que se opina em palestras públicas. É tempo de diálogo. E é tempo de o diálogo, sem deixar de ser aberto, compreensivo, fraterno, ter a coragem de não recusar a polémica. O debate de ideias nada tem a ver com a intolerância ou a ferocidade inquisitorial, mas é necessário para a elucidação dos espíritos, para esclarecer problemas, para rasgar caminhos, para inovar, libertar, criar.

Como disse o engenheiro Rogério Martins, na entrevista que concedeu ao «Belém»: «E o que a vida me ensinou é que a direita portuguesa, ao nível dos interesses e tradições que a enformam, não é reformista nem demasiado se preocupa com a ascensão social das classes de menores haveres. É egoísta, imediatista, fechada, quando não arrogante e ostentatória».

O antigo secretário de Estado da Indústria, no governo de Marcelo Caetano, posiciona-se hoje como social-democrata e opta pela candidatura de Mário Soares. O apoio destes «independentes» — o eng. Rogério Martins saiu do PSD — conduziria, no caso da ascensão de Mário Soares à Presidência da República, a uma reconstituição do «bloco soarista» — um «bloco central» hegemonizado pelo Partido Socialista. Ora, para os sociais-democratas do PSD que apoiam Cavaco Silva, a sobrevivência do Governo que o líder social-democrata chefia **exige a vitória de Freitas**. Nem Mário Soares, nem Zenha, nem Pintasilgo, dão qualquer garantia ao PSD e permitiriam a continuidade de Cavaco Silva. Os sociais-democratas continentais e insulares que fazem menção, ou já declaração, de votar em Mário Soares, aprestam-se, na realidade, para bater Cavaco Silva. Através da eleição de Mário Soares acalentam o objectivo partidário da derrota de Cavaco Silva. Há sinais — dizemos: sinais — de que essa seja a orientação de um Alberto João Jardim, de um Mota Amaral, de um Francisco Balsemão.

Durante longos meses, como à «direita» lembra José Miguel Júdice, foi acalentada a esperança de encontrar «um militar». Transcrevemos: «Só juravam por um militar e queriam, embora o não confessassem, um militar **assim-assim** e não um militar **bom**, para que Eanes o pudesse apoiar. Mas o que acima de tudo não queriam era um civil, considerado por definição axiomática (vá lá perceber-se a direita...) um derrotado.» E quando se sonhava com uma candidatura militar que, eventualmente, pudesse contar com luz verde de Belém, o **«mau da fita** era Mário Soares, uma espécie de inimigo público número um».

Mas não foi possível concretizar a candidatura militar. Soares de «mau da fita» foi promovido a «do mal o menos». Entretanto, surgiu Diogo Freitas do Amaral. Escreve o comentador: «durante algumas longas semanas, não se jurou senão por Freitas do Amaral, passando a considerar como perigoso subversivo quem tivesse a ousadia de uma dúvida». Voltou-se ao sonho do candidato militar. Mais uma vez a hipótese se desvaneceu. Depois: «Foi a época dos cenáculos bem pensantes, em que se admitia que era uma estratégia sem ridículo que Freitas (com 40% de apoio) desistisse a favor de Soares (com 12%)...»

Fixemos a informação: «cenáculos bem pensantes» confabularam a desistência de Freitas do Amaral a favor de Mário Soares. Para muitos, na «área política e eleitoral da direita», essa seria a fórmula preferível e a única que asseguraria uma vitórias à primeira volta que poderia ser negociada em termos políticos favoráveis ao PSD e ao Governo de Cavaco Silva.

A candidatura de Francisco Salgado Zenha, com a possibilidade de ser a mais votadas da «área eleitoral de esquerda» na primeira volta, veio dar novas razões aos adeptos da desistência de Freitas do Amaral a favor de Mário Soares. Ao que parece não estarão encerradas as sessões e lucubrações dos «cenáculos bem pensantes».

Da candidatura de Mário Soares disse o eng. Rogério Martins que, como se sabe, transitou do «marcelismo» para a «social-democracia»: «Socialista democrático. Não é uma opção política que meta medo a um social-democrata: o que a ambos aproxima é muito mais do que os separa...»

Estará, a tudo isto, atento um Cavaco Silva. Ele sabe que nas eleições presidenciais se joga o seu futuro político, o seu lugar como líder do PSD, a sua posição como chefe do Governo. E não só está em jogo o PSD como toda a «direita» — a que se proclama «social-democrata», a que se proclama «democrata-cristã», a que se proclama «liberal conservadora».

Com clareza, José Miguel Júdice, lembrando-o à «direita», prestou à «esquerda» os seguinte esclarecimentos: «(1) A vitória de Freitas do Amaral é possível, mas exige esforço e luta política; (2) Nenhuma outra solução é minimamente satisfatória para os objectivos da direita; (3) Soares é apenas (e já é muito) o melhor dos candidatos da esquerda; (4) Zenha e Pintasilgo são por igual adversários perigosos e que não podem ser menosprezados...»

Não se pode pedir à «Direita portuguesa» que vá mais longe na delimitação do seu território político e eleitoral e na definição da sua estratégia. Delimitação e definição que, precisando o âmbito da candidatura e o seu propósito político, contribuem para clarificação da presente situação política nacional. Estas «lembranças para a direita» que a «Esquerda portuguesa» deveria analisar criticamente, superando as estreitas competições de pessoas e de partidos, na sua clareza impõem uma convergência eleitoral: a das forças da Democracia, do Progresso, da Mudança, da Inovação.

A «Direita portuguesa» — mesmo a dos «cenáculos bem pensantes» —, procurando **um militar,** escolhendo **um civil,** tem um objectivo: a «ordem velha», o «antigamente», um governo de estabilidade que imite o imobilismo do «Estado Novo».

Folhetim artistico

Paris em arquitecturas

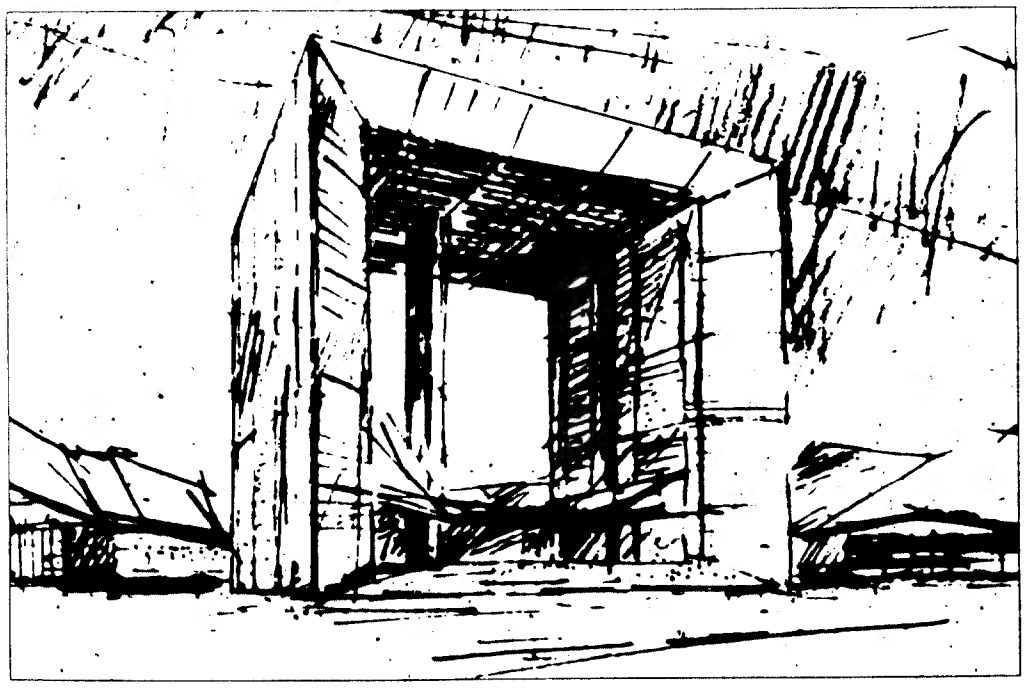
José Augusto França

Paris mandou a Lisboa, à Fundação Gulbenkian, uma exposição das suas últimas arquitecturas em projecto e, já, em execução, que modernizarão o seu perfil de fins do século, após várias realizações que a crítica arquitectónica em geral tem desapreciado — como o complexo da Défense, o Front de Seine, a torre de Montaparnasse e outros sintomas duma arte que conheceu melhores tempos, ao longo da sua história secular. Com os novos programas, a «cidade luz» ainda dos anos 40-50, procura recuperar brilhos tradicionais que a mitificaram nas culturas e nas vivências ocidentais, e, diga-se desde já, que muito está conseguindo, num mundo por de mais confiado em modas pós-modernistas — que não deixam também de a atacar.

Dois museus, uma ópera, um ministério, um complexo de utências culturais, um instituto político-cultural, uma ponta extrema possível de cidade, são objecto de outros tantos programas que se passam em revista nesta exposição que, em parcelas tive várias ocasiões de ver e apreciar «**in situ**».

O Louvre, ou o Grande Louvre, primeiramente, que vai com o Ministério das Finanças, dos seus flancos saído para outro sítio, e com isso ganhando, uma e outra instituição, espaço e figura.

O caso do Louvre dum próximo futuro, idealizado pelo presidente Mitterand, foi polemicamente reduzido à «questão da pirâmide», neutral e afinal simpática construção transparente a ser erguida nos jardins, entre as duas alas, do rio e da rua Rivoli, esta agora anexada para exposição, com saída das repartições das Finanças. Os parisienses são por ou contra (e mais contra do que por, ao que as sondagens na altura revelaram) a «pirâmide» que o arquitecto sino-americano I.M. Pei imaginou para coroar uma vastíssima e única entrada subterrânea, distributiva e comercializada, para as várias secções do Museu ampliado; deixando-se de lado o que esta única entrada representa culturalmente, e até na prática do futuro atropelo de 5 milhões de visitantes por ano, todos pluricanalizados em liberdade condicionada. Como se a democracia (para não dizer o socialismo) estivesse em fazer entrar toda a gente pela mesma porta... Teremos assim um museu-consumo, com imensas infra-estruturas de «parkings», mais beneficiadas que as próprias salas de mostrar obras de arte — outra crítica que se levantou, com uma associação cultural criada para o efeito e presidida por um antigo ministro da Cultura contra o que actualmente o é. Diga-se em abono da verdade, que, no caso, a própria administração da cidade saiu vencida do confronto de forças com o governo.



De positivo, sem discussão, é, porém, o aumento das áreas, mesmo que as pretendam atulhar com turistas — já que o processo é naturalmente idêntico àquele que rege a circulação automóvel, sempre fatalmente atraída por vias mais largas e logo paralisadas por isso mesmo...

De outra opção é o Museu

Continua na pág. 20

Economia portuguesa em 1985

Custos foram demasiado elevados para a política de austeridade

Nicolau Santos
Serviço ANOP/DL

A economia portuguesa continuou a atravessar, em 1985, uma conjuntura claramente recessiva, em que se fizeram sentir com particular intensidade os efeitos da política de austeridade iniciada em Junho de 1983.

Os últimos dados conhecidos indicam, por exemplo, que as vendas de cimento e aço para a construção até Junho deste ano tinham sofrido uma quebra de 15,5 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior, enquanto o consumo de fuelóleo, com exclusão da EDP, diminuiu 12 por cento até Setembro.

Com efeito, as previsões avançadas nas Grandes Opções do Plano para 1985 mostram um razoável desfasamento em relação ao andamento dos indicadores económicos: por exemplo, a taxa de crescimento do produto interno bruto deve situar-se pouco acima dos 2 por cento, contra uma estimativa inicial de 3 por cento, o défice da balança de transacções correntes rondará os 200 milhões de dólares contra uma previsão de mil milhões e o investimento voltará a cair na ordem dos 3 por cento, quando se admitia um crescimento de 2 por cento.

O anterior Ministro das Finanças, Ernâni Lopes, pôs assim em prática uma política que, embora tenha alcançado alguns dos objectivos previstos (diminuição do ritmo do endividamento externo, contenção do aumento da dívida externa global, diminuição drástica do défice da balança de transacções correntes), teve custos internos demasiado elevados e não conseguiu concretizar a estratégia do «crescimento controlado» prevista para este ano.

A descida do dólar nos mercados internacionais, o bom ano agrícola e a quebra dos salários reais permitiram que a inflação se situe abaixo dos 22 por cento, a meta estabelecida pelo anterior Governo.

Clara viragem com o novo governo

Contudo, a política económica conheceu uma clara viragem com a entrada em funções do novo governo, cuja medida mais polémica foi, sem dúvida, a suspensão da desvalorização deslizante do escudo até Março do próximo ano.

Economistas de diversas áreas mostraram já o seu desacordo em relação a esta medida e, mais importante, parece não subsistirem dúvidas sobre a existência de divergências entre o Ministério das Finanças e o Banco de Portugal, após a intervenção que a técnica daquela instituição, Teodora Cardoso, fez no seminário para banqueiros estrangeiros, que decorreu no fim de Outubro, no Estoril.

Na altura, Toedora Cardoso defendeu uma diminuição da desvalorização deslizante para 0,75 por cento ao mês, e outros economistas como Silva Lopes, Xavier Pintado e João Salgueiro reconhecem a possibilidade de diminuir o ritmo de depreciação mensal do escudo, mas nenhum deles se manifesta favoravelmente à suspensão do «crawling-peg» até Março, até pelos movimentos especulativos que até aquela data se desenvolverão inevitavelmente.

Outra medida polémica do actual executivo foi a subida dos preços de determinados bens essenciais e dos combustíveis, este sem justificação plausível dada a aevolução do dólar e a descida do preço do barril de petróleo nos mercados internacionais, a não ser o de obter uma margem de manobra acrescida para o ano em termos financeiros e diminuir os défices acumulados do Fundo de Abastecimento.

Este aumento de preços conduziu a um acréscimo de cerca de 1,6 por cento na taxa de inflação para o ano em curso, tendo constituída também uma forma de diminuir a subida de preços no próximo ano e obter receitas acrescidas.

A descida de 4 pontos nas taxas de juro, já esperada, foi outra das medidas tomadas em Novembro, com a qual a maioria dos agentes económicos esteve de acordo.

Investimento à espera das eleições presidenciais

Contudo, é pouco provável que se verifique desde já um acréscimo no investimento privado porque, com disse à ANOP, um conhecido economista, «os agentes económicos só tomarão as suas opções, após o resultado das eleições presidenciais».

As consequências desta política permitem prever, a curto prazo, um crescimento das importações (que se tornam mais baratas, face à suspensão da desvalorização do escudo) nos próximos meses, facto aliás admitido pelo Ministro das Finanças, Miguel Cadilhe.

Não é, contudo, seguro, que essas importações sejam canalizadas para máquinas e equipamentos, que seria o objectivo, mas antes para a reposição de «stocks» das empresas e mesmo para operações especulativas nesta área.

De qualquer modo, as importações não deverão ultrapassar as estimativas do princípio do ano (8 por cento em volume), mas é provável que as exportações não alcancem o acréscimo estimado de 7,5 por cento este ano, após um crescimento espectacular em 1984.

Finalmente, tudo indica que o consumo privado deverá ter estagnado este ano, tendo sido possível conter o crescimento do consumo público, devido a um assinalável esforço de poupança, que não de aumento das receitas fiscais, cuja cobrança ficou bastante aquém das previsões.

Como resultado, o Governo apresentou, aliás, na Assembleia da República, um Orçamento Suplementar para o ano em curso, que eleva para 471,2 milhões de contos o défice orçamental em 1985.

Patriarca afirma no Natal

São os projectos mais discretos que são mais eficazes

O Cardeal Patriarca de Lisboa advertiu ontem na homília de Natal para o risco de construírmos uma sociedade evoluída e tecnicamente perfeita, mas desumana porque sem alma nem razões pelas quais valha a pena viver.

D. António Ribeiro, na homília que proferiu na Sé Patriarcal de Lisboa, advertiu ainda contra a «ameaça de um secularismo excessivo e agressivo que pretende construir um mundo de tal modo fechado e auto-suficiente que já não admite espaço para Deus».

D. António Ribeiro considerou que «longe de Cristo ou à margem de Cristo jamais será possível ao homem atingir a sua realização completa».

O Cardeal Patriarca de Lisboa apontou como «necessário e urgente» que os cristãos «assumam a tarefa, especialmente sua, de animarem do espírito do Evangelho as realidades do Mundo, com as quais todos os dias estão em contacto».

Assinalou ainda que «o grande acontecimento do Natal» se deu «numa pobre gruta, porque na estalagem não havia lugar para Jesus nascer» e verificou-se «no silêncio da noite, quando os ricos e poderosos dormiam e apenas os humildes, como os pastores de Belém, estavam de vigia».

Perguntou se «este admirável mistério» não quererá dizer que «nem sempre as coisas espectaculares, as acções retumbantes e os projectos abertamente publicitados são os mais densos de significado humano», que «o valor e a eficácia real dos nossos empreendimentos é, quase sempre, tanto maior quanto mais humildes, mais discretos e mais simples eles se configuram».

8.ª CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE LISBOA
ANÚNCIO

Faz-se saber que na 8.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa corre processo para afastamento de presunção de paternidade requerido por FILOMENA DE FÁTIMA SOUSA BARROS LEONOR, residente nesta cidade, na Rua Eng. Cunha Leal, lote 517, 3.º, dit.º, contra seu marido JOSÉ RAMOS LEONOR, cuja última residência foi em Lisboa na Rua Eça de Queiroz, n.º 24 e hoje em parte incerta estando o casal separado de facto há 8 anos. Por isso, o filho que ela deu à luz no dia 10 de Julho de 1985 e que ficou registado com o n.º 471 do corrente ano na 8.ª Conservatoria de Lisboa, não é filho de seu marido. Se alguém tiver alguma oposição a fazer ao pedido por ela formulado, deve dirigir-se àquela Conservatória no prazo de 8 dias a partir da publicação do último anúncio, com a dilação de 30 dias.
1.º Pub — DL — 26/12/85

FERNANDO DO PATROCÍNIO RODRIGUES
Missa do 7.º Dia e Agradecimento

Sua mulher, filha, neto, irmão, irmã, sobrinhos e demais família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir a este piedoso acto, informando que será celebrada missa pelo seu eterno descanso no dia 26 pelas 19.15 na Igreja de S. Nicolau.

Candidatos só até amanhã

Pré-campanha morna no Natal

A um dia do fim do prazo para apresentação de candidaturas à Presidência da República, a pré-campanha eleitoral está numa toada morna, determinada pela quadra festiva que se atravessa. Apenas o debate hoje à noite, na TV, entre Lurdes Pintasilgo e Freitas do Amaral irá quebrar a calmaria que se prevê venha a durar até ao fim do ano.

E é nessa altura que se realizará o mais esperado dos confrontos televisivos, o que vai deixar frente-a-frente Mário Soares e Salgado Zenha.

Amanhã é o último dia em que, de acordo com a lei eleitoral, se podem apresentar candidaturas a Belém. Para se juntar a Ângelo Veloso, Lurdes Pintasilgo, Mário Soares, Freitas do Amaral e Zenha está anunciada a presença amanhã no edifício do Tribunal Constitucional da antiga deputada do PS, Carmelinda Pereira. A dirigente do POUS, que tem como mandatário nacional Fernando César Pita, apresentado como fundador da ASP e do PS, será, depois de entregar o seu processo de legalização, o terceiro candidato oriundo das bancadas parlamentares socialistas, juntamente com Soares e com Zenha.

Outros pré-candidatos parecem ter ficado pelo caminho. É o caso de Ricardo Nunes, do MRPP, Luís Franco e Orlando Vitorino. No dia 28, logo a seguir ao encerramento do prazo para apresentação dos candidatos, será sorteada a ordem das candidaturas nos boletins de voto e a campanha decorre entre 11 e 24 de Janeiro.

Até ao dia 23, de Janeiro, os candidatos que quiserem poderão desistir.

É isso que, em princípio, vai acontecer com o candidato comunista, Ângelo Veloso. A partir de 4 do próximo mês ficará decidido qual o candidato que o PCP apoiará, decisão a adoptar durante uma reunião da Conferência Nacional do PCP que se realiza nesse dia.

Este órgão irá decidir «no concreto o candidato da democracia para o qual se orienta o consenso das forças democráticas». Isso consta das teses para a conferência, que foram elaboradas pelo Comité Central do PCP numa reunião realizada no dia 20 de Dezembro e são hoje divulgadas no semanário oficial «Avante!».

São dez as teses destinadas a serem debatidas nas reuniões preparatórias da conferência. Nelas reafirma-se aquilo que o PCP tem dito — o objectivo essencial é derrotar «os candidatos da direita» e assegurar a «vitória de um candidato da democracia».

Os «candidatos da direita» são, já se sabe, Freitas do Amaral e Mário Soares: ambos, para o PCP, «anunciam o propósito de levar por diante uma política de direita no plano interno e internacional e de subverter o regime democrático conquistado com o 25 de Abril e consagrado na Constituição».

Os candidatos da democracia são, aparentemente, todos os restantes. Mas só um pode ganhar e é necessário evitar divisões que permitam a Freitas e Soares encontrarem-se na segunda volta.

Para isso, é necessária a convergência e apoio a um só candidato na primeira volta. Convergência que quer dizer, pensa o PCP, votos «do sector eanista, dos sectores socialistas que se opõem à política de alianças de Mário Soares, sectores democráticos diversificados e o movimento operário, popular e democrático no qual o PCP representa um papel de primeiro plano».

Dizem as teses do CC do PCP que «o melhor serviço que podem fazer à democracia candidatos democráticos que não disponham destes apoios é desistirem a favor do candidato que conte com eles».

A questão, de acordo ainda com PCP, não é de «preferência ou simpatia pessoal por um candidato», mas sim de determinar qual é o candidato que conta com os apoios referidos para vencer.

As teses em discussão terminam com a garantia de que «impõe-se um esforço de aproximação, compreensão, entendimento, convergência e cooperação entre todos os que desejam que Portugal continue o caminho da liberdade, democracia, progresso social, independência e paz aberto com a gloriosa revolução de Abril».

Pintasilgo em festa

Entretanto, no dia de Natal, alheia a convites para desistir que se vêm repetindo, Lurdes Pintasilgo promoveu a realização de uma festa de Natal na sua sede da Luciano Cordeiro. Cerca de 200 crianças, recebidas pelo coordenador geral da campanha, Sousa e Castro, assistiram a um espectáculo do grupo de fantoches «Lanterna Mágica» e foram depois convidados a manipular os bonecos e a participar nos trabalhos de desmontagem.

Zenha aos emigrantes

Salgado Zenha, depois de ter mandado uma mensagem de Natal aos portugueses, aproveitou também a quadra festiva que atravessamos para saudar os emigrantes que, recorde-se, não votam nas eleições presidenciais.

Uma mensagem que os tem por destinatários e que foi divulgada pelos serviços de candidatura é, afirma Zenha, «o penhor do meu desejo de que o futuro do nosso país venha a permitir que não mais seja necessário procurar noutras terras aquilo que Portugal lhes deverá dar».

PUBLICIDADE

Mais de 51 Mil Contos no Concurso n.º 51 do Totoloto!

560.000$00

POR CADA ESCUDO INVESTIDO

Não é um negócio da China.
Não é um fenómeno do Entroncamento.
É o resultado de uma aposta feita em Famalicão.
Na verdade, esta semana um metalúrgico de 28 anos, casado e pai de um filho, apostou que os números que iriam sair no TOTOLOTO seriam
3 - 6 - 19 - 20 - 22 - 43
Apostou e foi o único a acertar.
Apostou com 90$00 e recebeu 51.280.919$00* — mais de 560 contos por cada escudo investido! Um magnífico palpite que lhe vai permitir comprar o que mais deseja —uma casa e um carro—, ajudar a família e assegurar o futuro do seu filho.
Este anónimo conseguiu, ao mesmo tempo, ser o maior premiado de sempre do TOTOLOTO!

Mas esta semana há mais pessoas que estão de parabéns.
Se não, repare-se.
Os seis apostadores que acertaram no segundo prémio (3 anónimos de Lisboa e um de Aveiro, e ainda os Srs. João A. Machado, de Guimarães e João Novais, de Barcelos) vão receber mais de 1.700 contos*!
Para estes apostadores, o Natal de 1985 será inesquecível e marcará o começo de uma vida verdadeiramente nova.

Parabéns!

* Números provisórios

totoloto

É FÁCIL É BARATO DÁ MILHÕES

Em visita à Estefânia

Cavaco: milhões de contos não trataram a saúde

O Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva, afirmou ontem que se têm gasto «milhões de contos na saúde, sem que a qualidade tenha melhorado». Cavaco Silva produziu esta afirmação no final de uma visita que efectuou no dia de Natal ao Hospital Pediátrico de D. Estefânia.

O chefe do Executivo regozijou-se pelo facto de o seu Governo «pôr a funcionar os hospitais que não funcionavam» e ter posto «as construções hospitalares na dependência do Ministério da Saúde». Cavaco Silva recordou que o seu gabinete decidiu realizar esta mudança com vista «à racionalização dos poucos recursos» de que se dispõe.

Segundo afirmou aos jornalistas, outra prior dade do Governo no sector da Saúde é a «humanização» dos hospitais. «Já fizemos visitas aos serviços de urgência e tentaremos também que sejam criadas condições mais humanas nas enfermarias», acrescentou. Cavaco Silva disse ainda que o Executivo se propõe complementar a rede hospitalar com centros de cuidados primários «para libertar» mais os serviços de Urgência.

Sobre o hospital de D. Estefânia, Cavaco Silva considerou que se trata de «uma excepção para melhor, apesar das carências que se verificam».

Nesta visita acompanharam o Primeiro-Ministro, para além de sua mulher, a ministro da Saúde, Leonor Beleza, e ainda elementos da administração e vários médicos e enfermeiros em serviço no dia de Natal.

Novo presidente de Coimbra à espera da posse

"Vou agarrar obras antigas com as minhas duas mãos"

— disse António Moreira ao "DL"

Na hora da eleiçao, os presidentes das Câmaras fazem planos e abordam as prioridades dos respectivos concelhos. Da necessidade da regionalização à urgência do saneamento básico, os temas vão desfilando numa lista de carências.

Novo Hospital Escolar de Coimbra: mais de dez milhões de contos à espera de decisões do Governo

O presidente do Município de Seia (distrito da Guarda), Jorge Correia, afirmou à ANOP que a regionalização do País é necessária face à integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE). O autarca considerou que a regionalização deve abranger, num esquema geral, todo o País «e não apenas esta ou aquela região onde se façam apenas somas de distritos».

Na sua opinião, deve haver nas futuras regiões administrativas «uma homogeneidade de carácter cultural, histórico, económico, geográfico e geológico».

Advertiu, contudo, que qualquer regionalização «deve obrigatoriamente ter em conta os reais interesses das populações, suas aspirações e necessidades ou afirmações culturais». «Somos um País pequeno e dividi-lo em várias zonas pode ser perigoso, mas regionalizá-lo verdadeiramente é uma forma de proporcionar progresso», expressou.

Jorge Correia, reeleito presidente do Município de Seia em 15 de Dezembro, afirmou defender a fixação das remessas dos emigrantes e poupanças regionais, na própria zona de onde são oriundas.

Referiu-se, principalmente, às remessas de emigrantes «que, apesar de enviadas para a região, são posteriormente canalizadas para Lisboa sem beneficiarem a própria regiõ».

Soure: industrialização e saneamento

Firmino Ramalho, do PS, novo presidente da Câmara de Soure (distrito de Coimbra) disse quarta-feira que são prioridades do seu mandato a industrialização do concelho e o saneamento básico.

Em declarações à ANOP afirmou que a conclusão da rede de saneamento básico em curso «é um grande emprendimento que beneficiará as freguesias da 'serra'». Outros objectivos daquele autarca são a remodelação da rede de água e esgotos da vila de Soure e o abastecimento domiciliário de água a todo o concelho. «O projecto de abastecimento de água orça os 360 mil contos — sublinhou — e embora seja uma das prioridades, vamos também cuidar os aspectos culturais, desportivos e no plano do ensino criar novas salas de aulas, remodelando as existentes».

Soure tem oitenta por cento das estradas pavimentadas, mas o melhoramento da rede viária é igualmente preocupação do presidente da Câmara.

O PS tem maioria absoluta na Câmara e Assembleia Municipais de Soure, sendo o executivo composto por cinco vereadores socialistas e dois sociais-democratas.

O anterior executivo era também de maioria absoluta socialista, sendo presidido por Manuel Cordeiro Leal.

Firmino Ramalho atribuiu à abstenção as perdas socialistas no distrito de Coimbra e disse que «foi o comodismo das pessoas que fez, por exemplo, com que Coimbra fosse uma Câmara mal perdida pelo PS».

Montemor-o-Velho: o futuro é agrícola

O socialista Pinto Correia, reeleito presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, considera que a definição do futuro agrícola do Baixo Mondego é fundamental para o dssenvolvimento do concelho que representa.

Em declarações à ANOP, aquele autarca salientou que é sua intenção pressionar o poder central, no sentido de ouvir as «forças vivas» da agricultura sobre o futuro do Baixo Mondego. «Disso depende a agricultura do concelho e a instalação de indústrias agro-alimentares que muito podem contribuir para o desenvolvimento económico de Montemor», disse Pinto Correia.

A vertente industrial do desenvolvimento económico é também uma das prioridades do presidente da Câmara de Montemor-o-Velho, que se propõe conceder apoios à instalação de empresas.

O Fomento da habitação social, na perspectiva de Pinto Correia, é fundamental para a fixação de jovens quadros no concelho e para a implantação de unidades industriais.

Para além disso, o autarca pretende completar o programa de abastecimento de água ao concelho e melhorar a rede viária, tendo em vista a promoção turística da região. O turismo, na óptica de Pinto Correia, é um bom factor de desenvolvimento do concelho, em virtude da sua localização geográfica, entre a Figueira da Foz e Coimbra.

Rezende: a urbanização

O presidente da Câmara de Resende, distrito de Viseu, Brito de Matos, reeleito a 15 de Dezembro pela quarta vez, disse à ANOP que é seu objectivo manter o empenhamento do município na urbanização da vila.

Brito de Matos, do PSD, acrescentou que pretende também que a autarquia dê mais atenção à zona termal de Caldas de Aregos, próximo da albufeira da Barragem de Carrapatelo, rio Douro, cujo desenvolvimento, disse, tem sido praticamente nulo.

O PSD, em 15 de Dezembro, aumentou a margem de maioria absoluta de que dispunha no executivo camará-rio de Resende, tendo eleito seis vereadores, conquistando ao PS um dos lugares que este partido dispunha. O CDS manteve um lugar na vereação. Anteriormente, o PSD tinha cinco vereadores, e o CDS e o PS, um cada.

Os planos na hora da eleição

Da regionalização à urgência do saneamento básico

O novo presidente da Câmara Municipal de Coimbra tem entre mãos um «programa de acção» que accionará imediatamente após a sua investidura: retomar as obras que o seu antecessor suspendeu. Por uma razão bem simples: porque as entendeu como importantes para a população coimbrã, aquando do seu anterior mandato, entre 1979 e 1982. «Vou agarrar essas obras e relançá-las com ambas as mãos», disse ao "DL".

Entre outras, António Moreira adiantou ao "Diário de Lisboa" a Biblioteca Municipal, as circulares e esgotos. Nos seus horizontes está, ainda, a melhoria dos mercados da cidade, quer de pequena quer de grande dimensão. Relativamente aos últimos, o novo presidente do Município de Coimbra salientou o do Calhabé e o «D. Pedro V», destacando o de Santa Clara entre os pequenos.

António Moreira, cabeça de lista da coligação PSD/CDS/PPM fará incidir a sua acção sobre obras de carácter social, nomeadamente os transportes e o abastecimento de água (reforço de Santa Clara e de povoações rurais), além do saneamento básico e da habitação social. Não disse que meios accionará, tendo em conta que mais de metade dos fundos da Câmara Municipal são canalizados para os seus funcionários/trabalhadores.

O trânsito na cidade preocupa-o. A determinação de avançar com as circulares é disso exemplo, uma delas servindo os acessos — que ainda não existem — ao novo Hospital da Universidade.

António Moreira espera do actual Executivo o apoio que Coimbra merece. Quando assim nos fala, o novo presidente da edilidade refere os casos das obras do Mondego e da Estação de Tratamento de Esgotos, esta última implicando algumas iniciativas da Câmara Municipal, sobretudo com a construção de emissários

Vale Mondego: «frutos amargos»

Engenheiro civil, António Moreira tem quatro anos à sua frente — mais um que o seu antecessor — para concretizar o seu programa da acção. «Vamos retomar algumas obras paradas pelo anterior Executivo e por nós lançadas e, naturalmente, arrancar com outras», entre elas a construção de novas escolas primárias — acrescentou — e uma Escola Secundária que, se bem que não seja da sua esfera, terá de ser impulsionada, pelo menos, pela CM.

O Parque de Campismo de Coimbra volta à ordem do dia no próximo mandato, que o eng.º António Moreira não sabia, quando há dias o contactámos, quando começaria. «Ainda não sei em que dia é que tomarei posse. Sei que será entre 5 e 20 de Janeiro, nada mais», afirmou-nos. Mas outras obras, igualmente prioritárias para a cidade e o concelho, se perfilarão, desde os parques industriais de Taveiro e Eiras ao Terminal TIR, à Central Rodoviária, à Ínsua dos Bentos (zona de lazer e desportos), à Casa da Cultura (Terreiro da Erva) e aos quartéis dos Bombeiros Municipais e da PSP.

Outra obra que preocupa todos os autarcas da região é o Plano Integrado do Vale Mondego, que começa, como alguém já disse, a «dar frutos amargos». É outra obra do Estado de que a Câmara Municipal muito espera. De resto, como nas ligações com todos os pontos do País, para o que são necessárias obras integradas, tendo em conta que o concelho é cruzamento obrigatório do Norte com o Sul e do Leste com o Oeste.

Lençol de água permanente

O Mondego é hoje em dia preocupação para todos, autarcas e habitantes de Coimbra. Inserido no Plano de Aproveitamento Hidro-Eléctrico em execução desde 1973 e que se espera fique completo dentro de sete anos, o Monde-

Continua na pág. 10

Tribunal Constitucional reúne para conhecer recurso sobre Vila Real de Santo António

O Tribunal Constitucional reúne-se hoje para conhecer o recurso da coligação PS-PSD sobre o apuramento do resultado das eleições no concelho de Vila Real de Santo António.

A primeira contagem dos votos, no dia das eleições, deu a vitória à coligação entre socialistas e sociais-democratas por uma diferença de nove votos.

A APU reclamou, no entanto, a anulação feita a 25 boletins que considerava expressamente válidos nas «argolinhas».

O apuramento definitivo realizado na última sexta-feira acabou por dar a vitória à APU por uma diferença de oito votos.

A coligação PS/PSD de Vila Real de Santo António esclareceu entretanto que a sua posição sobre o acto eleitoral naquele concelho não é a de reclamar a repetição das eleições autárquicas, mas confirmar a vitória.

Em comunicado, aquela coligação, que na terça-feira interpôs recurso no Tribunal Constitucional, afirma pretender, tal como está expresso nesse recurso, que este órgão de soberania «decida sobre a validade dos votos nulos que a assembleia de apuramento, manipulada pela APU considerou como válidos».

«A nossa posição não pode ser a de pretender a repetição das eleições, mas de reclamar que seja feita justiça, sobre pena de ser aberto um precedente grave na nossa democracia: o de sinais totalmente fora dos quadrados, frases e grafismos sobre os sinais passarem a ser considerados como votos válidos em todo o País» – lê-se no comunicado.

O dirigente distrital socialista, Luís Filipe Madeira, tem vindo a proferir declarações segundo as quais o seu partido pretende a anulação e repetição das eleições.

O comunicado da coligação local esclarece a este propósito que não é esta a sua posição.

«Não tememos qualquer repetição eleitoral mas pensamos que acima de qualquer estratégia estão a justiça e a democracia», afirma-se no documento.

UDP faz das autárquicas exemplo para presidenciais

A União Democrática Popular afirmou que as eleições autárquicas mostraram que «existem condições» para derrotar o candidato presidencial Freitas do Amaral. Para a UDP, que expressou esta posição em conferência de Imprensa sobre os resultados das eleições autárquicas, a eleição daquele candidato poderia levar «à fascização do País».

Os resultados das eleições são considerados «um êxito, pois consolidámos a nossa base de apoio e votação», disse Mário Tomé.

A UDP «conseguiu manter-se muito perto dos 53 autarcas que possuía», «apesar do pacote autárquico que reduziu em cerca de um terço o número de autarcas em todo o País», disse.

«A manter a votação de 1982, a UDP ficaria nestas eleições com apenas 16 autarcas», esclareceu Carlos Marques, que explicou que, com a nova lei autárquica, o seu partido corria o risco de «desaparecer das autarquias».

No concelho madeirense do Machico, a UDP «foi buscar 1500 votos ao PSD e ficou a 500 de ganhar a Câmara», apesar de as autárquicas terem ali decorrido «sob o signo da ofensiva de João Jardim», denunciou Mário Tomé.

Outra das conclusões que a UDP tirou das eleições foi a de que «a direita não conseguiu o objectivo de tentar reforçar as posições para apoiar Freitas do Amaral».

No entender da UDP, «O PS serviu mais uma vez de 'carrinho de mão' à direita» e o PRD mostrou que mais que contribuir para «a descida da direita quer destruir o PS». «O eleitorado do PRD não está assegurado por Zenha», disse Mário Tomé reflectindo as posições da UDP que continua a defender a «única candidatura» que consegue «congregar votos de todos os quadrantes e recebe já o apoio entusiástico do povo na rua».

Mário Tomé aludia à candidatura da engenheira Lurdes Pintasilgo, candidata presidencial que a UDP ainda não apoiou oficialmente mas que considera reunir aquelas condições.

A União Democrática Popular que em quatro concelhos desistiu em favor da APU regozijou-se também com a não conquista daquelas câmaras «pela direita».

APU em Lisboa: «força alternativa»

«Os resultados eleitorais de 15 de Dezembro confirmam a APU como força alternativa à gestão actual da cidade», sublinha um comunicado do comité local de Lisboa do Partido Comunista Português ontem divulgado aos órgãos de Comunicação Social.

No texto, sublinha-se que a Aliança Povo Unido consolidou as suas posições na Câmara e na Assembleia Municipal, passando de 26,5 por cento para 29,1 nesta última «e colocou-se claramente como segunda força eleitoral no Município, dispondo de 5 vereadores e com mais 40 mil votos que o PS».

Da análise dos resultados da coligação, a nota do comité local de Lisboa do PCP destaca as maiorias, obtidas pela primeira vez, nas freguesias do Castelo, Santiago e S. Vicente, aumentando, assim, de 9 para 12 o número de freguesias em que tem a Presidência, a obtenção de maioria absoluta em Marvila e na Ajuda, e a vitória nas freguesias da Charneca e da Ajuda contra as coligações «do PS com o PSD e o CDS». «A APU foi a única força que não perdeu a Presidência de nenhuma Junta de Freguesia», sublinha o texto.

Sobre o comportamento eleitoral das outras forças concorrentes, o comunicado refere-se ao Partido Socialista, considerando que a sua descida de cinco para três vereadores, e de 26,7 para 17,1 por cento, perdendo todas as freguesias de que dispunha, «revelam a condenação do povo de Lisboa pela política de direita e de colaboração com Abecasis perseguida pelos vereadores do PS». Acerca da reeleição do actual presidente Nuno Abecasis, os comunistas da capital indicam que «significa a insistência numa gestão de descaracterização e degradação da cidade, de especulação, compadrio e esbanjamento dos dinheiros e bens do Município, de agravamento dos problemas da população de Lisboa».

Balanço dos desastres em 85

Um ano sob o signo do fogo

O ano de 1985 deixou marcas de fogo na carne e no património dos portugueses. Incêndios florestais, por vezes ateados criminosamente, causaram a maior devastação de sempre nas matas e pastagens e estiveram na origem da morte de 14 bombeiros em Armamar.

Logo no início do ano, uma explosão de gás, seguida de indêndio deixou dois mortos e trinta e dois feridos numa escola do Cartaxo.

A professora e alguns dos jovens atingidos sofreram queimaduras no rosto e nas mãos que deixaram marcas para o resto da vida.

Mais recentemente, em Setembro, o choque entre dois comboios no troço Nelas-Mangualde, degenerou num imenso braseiro, ateado pelo combustível das locomotivas Diesel, e dezenas de pessoas foram carbonizadas. Alguns dos corpos ficaram reduzidos a cinzas e ainda hoje existem dúvidas quanto ao número exacto de vítimas, que poderá exceder a meia centena.

Segundo estatísticas do Serviço Nacional de Protecção Civil, a área total de floresta, mato e pastagem destruída este ano pelo fogo rondou os 150 000 hectares, o que ultrapassa em muito o pior ano até agora registado.

A maior destruição do património florestal tinha-se verificado em 1975, quando arderam 82 000 hectares.

A época dos incêndios florestais começou em 15 de Julho, na serra de Monchique, e prolongou-se até princípios de Outubro, quando caíram as primeiras chuvas.

Para além do tempo muito quente e seco que se fez sentir, a mão do homem teve papel importante em muitos dos fogos, sendo capturados em flagrante dezenas de incendiários na sua maior parte elementos marginais e simi-irresponsáveis ou com perturbações mentais, que actuavam incitados e pagos pelos verdadeiros responsáveis, que ficaram na sombra.

As chamas não se limitaram a destruir bens materiais. Vinte e uma pessoas, incluindo um total de dezasseis bombeiros, perderam a vida.

A maior tragédia ocorreu em Armamar (Peso da Régua), quando um grupo de catorze elementos da corporação local foi cercada pelas chamas, a 8 de Setembro.

Mais dois bombeiros, um de Santarém e outro de Lagos, tombaram no combate às chamas, num ano em que as corporações de bombeiros não tiveram um momento de descanso desde Julho a Outubro.

A explosão na escola do Cartaxo, logo a 25 de Janeiro, daria o tom dramático a um ano que, em contrapartida, não foi assinado pelas inundações que em anos anteriores constituíram o principal flagelo das populações.

Já o mar continuou a cobrar um pesado tributo aos pescadores portugueses e, este ano, também aos barcos de recreio estrangeiros que passaram junto à costa.

Oito pesqueiros afundaram-se com a perda de treze vidas em naufrágios ocorridos sobretudo no Norte do País, mas igualmente no Algarve e na Madeira.

O cargueiro angolano «Kassamba» afundou-se na barra de Leixões mas a tripulação foi salva e o mesmo aconteceu perto de Faro ao cargueiro panamiano «Nabucodonosor».

Nada menos de seis iates estrangeiros naufragaram ou encalharam e foram destruídos pelas vagas na costa portuguesa, perdendo a vida oito dos seus tripulantes. Entre as vítimas figuram quatro alemães-federais, três franceses e um dinamarquês.

As águas de uma barragem, no Pego do Altar, engoliram ainda cinco turistas portugueses quando a pequena embarcação de recreio onde passeavam se virou.

Capturados com blusão alheio

No Largo Roque Gameiro, em Lisboa, três indivíduos foram perseguidos e detidos pela PSP após terem furtado o blusão a um transeunte, a quem agrediram. Gonçalves, de 34 anos, pintor, Lameiras, de 26 anos, pedreiro, e Abreu, de 23, ajudante de camionista, todos solteiros e residentes na capital, deram entrada nos calabouços do Governo Civil, devendo ser julgados ainda hoje no Tribunal de Polícia.

Cidadã belga integrava quadrilha

Um casal (ele português e ela de nacionalidade belga), respectivamente de 23 e 22 anos, e ainda três menores, com idades compreendidas entre os nove e os treze anos, foram detidos sob a acusação de terem participado em assaltos a doze residências de veraneio localizadas na Costa Nova, no distrito de Aveiro. Os prejuízos, incluindo os objectos roubados e os estragos, foram orçados em cerca de onze mil contos. O casal foi presente ao juiz de Instrução Criminal da comarca, que confirmou a sua prisão, e os menores entregues no Internato Prisional de Aveiro.

Surpreendido com isqueiro no bolso

O vigilante da empresa «NCR Portugal Informática», situada na Rua dos Anjos, em Lisboa, surpreendeu no interior das instalações um jóvem de 22 anos, de apelido Veiga, natural de Angola. Na altura, o assaltante, que está desempregado, tinha apenas em seu poder, já guardado no bolso das calças, um isqueiro da marca «Dupont» que afirmou ter furtado de sobre uma secretária. Quanto à sua entrada no edifício processou-se, ao que disse, através de uma janela.

Dois pasteleiros de Silves já desistiram

Estiveram 78 horas a fazer bolos para entrar no Guiness

Os dois pasteleiros de Silves que se propuseram entrar para o «Guiness Book» a confeccionar bolos durante 72 horas seguidas terminaram na véspera de Natal a sua maratona em que fizeram 2500 bolos-rei e 2200 bolos sortidos.

António dos Ramos Reis, de 36 anos, e Alexandre Vilhena Catete, de 32, iniciaram a sua maratona às 9 e 30 horas de sábado e terminaram no dia 24 às 15.55 h, registando 78 horas e 25 minutos seguidas de trabalho de pastelaria.

dos Ramos Reis começou a ter problemas estomacais devido aos comprimidos que ingerira para não dormir.

Os dois pasteleiros interrompiam a confecção de bolos durante 20 minutos de quatro em quatro horas para descanso. Ambos são pasteleiros e naturais de Aljustrel.

A maratona teve o patrocínio do jornal regional «A Avezinha» (Paderne) e das Câmara Municipal e Junta de Freguesia de Silves.

Durante este período confeccionaram 2500 bolos-rei (com pesos que variaram entre um e meio quilo), 2200 bolos sortidos e algumas dezenas de bolos de aniversário e de baptizado.

Os dois pasteleiros ofereceram 500 bolos-reis às 2000 pessoas que os visitaram durante a tentativa de entrada para o «Guiness Book» que até hoje não registou nenhum recorde neste género de trabalho.

A maratona de pastelaria foi interrompida porque António

Após três dias de bloqueamento pela neve

Estradas da Serra da Estrela voltaram a estar transitáveis

As estradas principais do Macico central da serra da Estrela encontravam-se esta manhã desobstruídas após um período de três dias de bloqueamento devido à queda de neve. De momento apenas está vedado ao trânsito o acesso à torre a partir do ramal para aquele local, no alto da serra, tendo sido também reaberta a estrada de ligação entre Manteigas e Gouveia.

Quanto à altura da neve no Macico central varia entre os 20 centímetros na área da Nave de Santo António e os cerca de 2 metros nos locais mais abrigados e elevados.

Também estradas da Guarda, Covilhã e serra da Gardunha se encontram transitáveis, devendo contudo a circulação processar-se com cuidado devido à acumulação de areias e folhagens nas vias de circulação.

Bate-chapas assassinado e o cunhado em perigo de vida

A Polícia Judiciária procura identificar o autor dos disparos que, na noite de anteontem, na garagem privativa do edifício Ostente, no Monte Estoril, provocaram a morte de Daniel Barco Matias, de 37 anos, bate-chapas, natural de Aljustrel, e ferimentos graves no seu cunhado Nuno Graciliano Macedo de Faria, de 50 anos, nascido no Funchal, e porteiro há seis anos daquele imóvel.

O assassino, que com mais dois indivíduos procurava roubar um automóvel «Golf», de matrícula alemã, disparou ao ser surpreendido em plena acção por Daniel Barco e pelo seu cunhado, que haviam acorrido ao local após terem sido alertados por um dos moradores do prédio, no momento em que estavam reunidos no jantar de Natal.

Os três «ratos» de automóveis conseguiram fugir.

Daniel Barco, que residia na zona de Sapadores, em Lisboa, era casado e deixa dois filhos menores. Quanto ao porteiro, atingido por uma bala de 9 mm, que lhe perfurou o pulmão saindo pelas costas, mantinha-se esta manhã em estado crítico no Hospital de S. José.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Filosoficamente falando, meu caro, o fenómeno da telenovela insere-se num fenómeno mais vasto chamado alienação...

Assim o meu amigo Fonseca principiou a feroz catilinária contra a telenovela. «Explica lá isso da alienação», pedi eu com a sabedoria do provinciano que não teme mostrar a sua ignorância. Então o Fonseca explicou tudo desde as origens, ou seja, desde Marx. Para explicar melhor deu o exemplo das cadeiras. «Ó Fonsequinha, tornei eo, o que é que o Louco Amor tem a ver com as calças, quer dizer, com as cadeiras?»

O que o descontrolou não foi a minha ignorância, foram as calças. Perdeu a cabeça:

— Vocês são todos os mesmos, uns lorpas, uma cambada de carneirinhos. Tu não vês a droga que aquilo tudo é? São enredos sem lógica, sem sentido, sem nenhuma relação com o nosso quotidiano, com a nossa realidade ou com qualquer realidade. Tu achas, diz lá, que a sociedade brasileira está ali representada? Aquilo é tudo uma grande aldrabice, pá, é uma treta para enganar os papalvos. As pessoas habituam-se, ficam em casa todos os dias, aquela porcaria acaba às nove e meia e depois, claro, já ninguém sai para ir ao seu partido, ao sindicato, ao café, ver os amigos, conversar, trocar impressões, estás a topar? As pessoas são afastadas da realidade social ou, para tudo dizer, são alienadas. Aquilo é uma droga indecente e quem se deixa ir na cantiga está completamente tramado.

Espumava de santíssima ira. Encontrei-me na obrigação de o acalmar, receoso de que lhe desse uma coisa:

— Deixa lá, homem, pelo menos hoje não transmitem essa porcaria.

Ele quase deu um pulo.

— Não transmitem? Mas com que direito? Com que direito cortam às pessoas o que elas gostam de ver? Por causa do Natal? Fariseus! Como é que eu vou passar sem aquilo...

Nervosíssimo, o Fonseca. Mas eu fiquei para ouvir o resto sobre a alienação.

Nos rios e barragens portugueses

Perca-sol põe em perigo fauna piscícola

A fauna piscícola das barragens e rios portugueses está a ser depredada por um pequeno peixe muito voraz, chamado perca-sol ou perca arco-íris — sustenta um grupo de pescadores desportivos da cidade de Tomar.

Este grupo de pescadores, que está a trabalhar na constituição de uma comissão de protecção à vida piscícola, vai lançar uma campanha de defesa das espécies piscícolas com valor desportivo e, simultamente, de combate ao perca-sol também conhecido por «chanchito».

Em sua opinião, as águas das albufeiras e rios portugueses estão infetadas por este animal que, de 1975 a esta parte, se terá multiplicado em prejuízo de espécies como a boga, a carpa, o bordalo e o pimpão.

Um dos impulsionadores daquele grupo, José Graça Ferreira, disse à ANOP que desde 1975 capturaram-se milhares de percas-sol com uma média de 13/15 cm e entre as 10 e 20 gramas.

O combate ao perca por parte daquele grupo começou já na barragem de Montargil onde — segundo disse José Graça Ferreira — cada vez é mais difícil capturar carpas o bogas.

Aquele grupo de pescadores crítica ainda a Direcção-Geral de Florestas que, sendo responsável pelas barragens e rios portugueses, está na sua opinião a fazer «vista grossa» ao problema.

A poesia como espectáculo

Poemas ditos pelo actor João Villaret

A «Editorial Estampa» acaba de publicar um volume de 470 páginas que é dedicado ao grande actor João Villaret e à poesia que ele disse. Esta «Antologia Poética — poemas ditos pelo actor» deve-se a Mário Baptista Pereira; ele se encarregou da recolha, organização e apresentação desta interessante «Antologia Poética» que, para além de conhecimento para uns, de constituir, para outros, recordação da poesia que João Villaret disse e da qual fez um verdadeiro espectáculo cultural, oferece-nos um panorama do gosto de uma época e uma informação sobre a cultura de um artista que, individualmente, em recitais memoráveis, colocou as suas capacidades como actor ao serviço dos poetas seus eleitos.

Os seus pares admiraram-no como homem de teatro. O escritor Francisco Mata dele escreveu por ocasião da sua morte: «Os poetas perderam a voz privilegiada que levou ao povo maravilhas impensáveis até de pressentir se, acaso, João Villaret as não tivesse revelado, espalhado e sublimado.»

Na «Antologia Poética» que recolheu os poemas ditos por João Villaret figuram alguns poetas menores e poesiasinhas de circunstância, mas o leitor encontra, mais frequentemente, belos poemas e grandes poetas: Carlos Drumond de Andrade, Eugénio de Andrade, Mário de Andrade, Sofia de Mello Breyner, Manuel Bandeira, Jorge Barbosa, Mário Beirão, Olavo Bilac, Bocage, António Botto, Brecht, Fernando Pessoa (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis), Eugénio de Castro, Paul Claudel, Jean Cocteau, Ribeiro Couto, Ruben Dario, Robert Desmos, João de Deus, Américo Durão, Florbela, José Gomes Ferreira, António Feijó, Manuel da Fonseca, Lorca, Garrett, Jorge Guillén, Nicolas Guillén, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Jorge de Lima, Manuel Lopes, António Machado, Vinicius Moraes, Vitorino Nemésio, Fernando Namora, João Cabral de Melo Neto, António Nobre, Camilo Pessanha, Jacques Prévert, Carlos Queiroz, Antero, José Régio, Mário de Sá Carneiro, Miguel Torga, Cesário Verde, Gil Vicente, Afonso Lopes Vieira.

Na «Antologia» incluem-se três poemas do próprio João Villaret. Graciosas e fúteis brincadeiras que só a rima inculca tratar-se de incursões de tosco amador no domínio cultural que amava e valorizou: a Poesia. Nada as três composições acrescentam — pelo contrário — à glória de João Villaret, esse grande actor ao qual poetas de Portugal e do Brasil, de Cabo Verde, da França, da Espanha, da América Hispânica, devem uma divulgação, com qualidade, dos seus poemas.

Receita: Casa da Imprensa

Baile dos jornalistas dá prémios culturais

Obras de António Pimentel, Inácio Matsinhe, Margarida Varjão e dos cartonistas Sam, António e Vasco vão ser sorteadas na tômbola do baile de passagem de ano que o Clube dos Jornalistas efectua na Gare Marítima de Alcântara.

«É também um baile cultural» — referiu à NP um responsável da organização.

Além disso, todos os possuidores de bilhete vão habilitar-se a duas viagens de ida e volta à Madeira e, possivelmente, a uma viagem a Macau, além de outras «passeatas».

Por uma questão de limpeza, os organizadores decidiram também sortear um prémio que dá direito a pastas dentífricas e vários artigos de higiene para uma família, durante um ano.

Obras completas de Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, José Saramago e Manuel da Fonseca, concedidas por várias editoras, são outros dos prémios a que se habilitam os foliões que escolheram a Gare de Alcântara para entrar na CEE.

Os candidatos às eleições presidenciais continuam convidados para o baile, tal como outras figuras da política. «Esperamos que tenham a coragem de aparecer, pois, por um dia, prometemos não fazer perguntas muito incómodas» — assegurou o mesmo elemento da organização.

O Presidente da República foi também convidado para o baile. «Esperemos que, depois da habitual fábrica, nos visite a nós, jornalistas» — referiu.

«E que mostre que sabe dançar, independentemente da música que toque» — adiantou.

Figuras do Teatro, das Artes e da Cultura já deram o «sim» quanto à sua presença no baile, destacando-se desde já a da actriz brasileira Dina Staff, conhecida de muitos portugueses através das telenovelas.

O lucro do baile reverte a favor da Casa da Imprensa, e os bilhetes que sobram estão ainda à venda no Sindicato dos Jornalistas, Casa da Imprensa e Palácio Foz.

Associação de Cegos

«LUIZ BRAILLE»

Lista dos Prémios do Sorteio Realizado em 18/12/85

1.º — Um Automóvel Citroen, mod. BX 14	N.º	439059
2.º — Um Automóvel Citroen, mod. Visa Especial e um Atrelado-Tenda Combi-Camp, mod: Júnior	»	198072
3.º — Um Automóvel Citroen, mod. Visa Club	»	179189
4.º — Um Automóvel Citroen, mod. Dyane	»	237539
5.º — Um Automóvel Citroen, mod. 2 CV	»	112142
6.º — Uma Televisão de Mesa Grundig, a cores C 840 (66 cm) c/ Tele-Comando e um Gravador-Video 2x4	»	121961
7.º — Um Conjunto de Alta Fidelidade Grundig, composto por: 1 Sintonizador T 7500 / 1 Amplificador V 7000 / 1 Gravador de Cassetes CF 7300 / 1 Gira-Discos PS 6000 / 2 Colunas G 350 II / 1 Móvel	»	206413
8.º — Uma Máquina de Lavar Loiça Candy, mod. P 5.020 D e 1 Combinado Candy NA 3970 O	»	556569
9.º — Uma Máquina de Lavar Loiça Candy, mod. P 5.020 D e uma Máquina de Lavar Roupa Candy, mod. P.7.61	»	621629
10.º — Uma Máquina de Lavar Loiça Candy, mod. P 020 D	»	514335
11.º — Uma Máquina de Lavar Roupa Candy, mod. P 6.41	»	303361
12.º — Um Party Center Grundig, mod. 1000 A (UKML) c/ 2 colunas (2x20 W)	»	673350
13.º — Um Congelador Vertical Candy, mod. NV 1960 (140 l.)	»	598499
14.º — Um Fogão Porta Botijas Fagor, mod. FG 950	»	420110
15.º — Um Rádio Gravador Portátil Grundig, mod. RR 2000	»	017399

LISTA GRÁTIS

QUALQUER DONATIVO, POR FAVOR SÓ NA SEDE

TODOS OS NÚMEROS, CUJOS 5 ALGARISMOS FINAIS SEJAM IGUAIS AOS DOS 14 PRIMEIROS PRÉMIOS, SERÃO CONTEMPLADOS COM UMA MOCHILA MONTE CAMPO, MOD. ESTRELA, NO VALOR DE 7.560$00

BITOLAGRÁFICA

Nasceram em todo o país

Treze crianças na Noite de Natal

Oito bebés do sexo feminino e cinco do sexo masculino nasceram em diversas maternidades portuguesas na noite de Natal.

Foram em número de quatro as maternidades «contempladas»: Alfredo da Costa, Magalhães Coutinho, ambas em Lisboa, Júlio Dinis, no Porto, e Bissaia Barreto, em Coimbra.

Além de contribuírem para garantir a sobrevivência da espécie, registando-se um maior número de crianças do sexo feminino, os nascituros elegeram maioritariamente as maternidades Magalhães Coutinho e Bissaia Barreto para virem a este mundo. Três meninas e um rapaz nasceram em cada uma delas.

Flores e Corvo sem Pai Natal

Os cerca de cinco mil habitantes das ilhas açorianas de Flores e Corvo passaram o Natal sem prendas nem comunicações telefónicas.

O mau tempo atrasou a atracagem do navio «Ponta Garça» da companhia «Transinsular», que só na manhã de 24 de Dezembro procedeu à descarga nas Flores das «prendas» de Natal para aqueles ilhéus. Era já tarde para garantir que elas chegassem a horas aos seus destinatários.

Quando o vento é forte nos Açores, o que é habitual nesta época, os navios dificilmente operam nas ilhas sem cais acostáveis.

O «Ponta Garça» foi desviado de uma operação na ilha de Santa Maria — no extremo oriental do arquipélago — para descarregar as encomendas de Natal nas Flores e Corvo — situadas no extremo oposto.

Só que o navio não chegou a tempo de descarregar todas as prendas de Natal, de modo a permitir que elas sejam colocadas junto às árvores e aos presépios, como é de tradição.

Corvinos e florentinos não tiveram por isso as suas prendas de Natal.

Relativamente às comunicações telefónicas, o serviço inter-urbano dos CTT confirmou a existência de uma avaria telefónica para as duas ilhas do arquipélago. Uma fonte da empresa acrescentaria à NP ser «difícil» contactar os serviços técnicos dos CTT naquelas duas ilhas, de modo a garantir a reparação da avaria.

De 8 de Dezembro aos Reis

Madeiro de Natal é tradição que se repete

A tareta começa em 8 de Dezembro, dia consagrado a Nossa Senhora, quando grupos de jovens rebuscam nos campos raízes e troncos de madeira que transportam para as praças públicas dos meios urbanos ou rurais.

As Beiras (Alta e Baixa) parecem assim construir pequenos castelos informes nos adros das igrejas, como que em tom de defesa ou na perspectiva de mais uma festa, porventura das maiores nesta terra interior: o Natal.

O madeiro ou a fogueira, como em algumas localidades é conhecido, é, ainda, uma tradição viva na maioria das povoações beirãs, assumindo proporções de grande dimensão em Castelo Branco, Penamacor, Marialva, Longrovia, Covilhã e Sarzedas, terras que teimam em aquecer a noite de Natal com fogueiras que crepitam até ao Ano Novo.

Penamacor é considerada como a maior das maiores fogueiras de Natal, tradição que encerra um pouco de etnografia, história profana e herança cultural.

São os rapazes das «sortes» (hoje inspecções militares) que têm o encargo de fazer transportar até ao adro da igreja matriz os pesados lenhos, embuídos de uma vontade competitiva de fazer o amontoado ainda maior do que o do ano anterior.

E assim, ao longo dos tempos apenas uma fogueira deu lugar ao amontoado de troncos e raízes que são oferecidos pelos proprietários mais abastados e ricos.

São sobretudo pedaços de sobreiro, que podem ser oferecidos também pela câmara municipal local, à falta de outras ofertas.

À volta das fogueiras

Na tarde de 7 de Dezembro, os rapazes das «sortes» deslocam-se à tarde, para os sobreirais, onde prenoitam e arrancam os sobreiros (dizem os locais que são oito, geralmente, as árvores arrancadas).

À volta de fogueiras, acesas no local, contam-se anedotas, histórias, lendas e cantam-se modas antigas e modernas, numa festa a que se associam populares.

O petisco faz parte deste costume com o chouriço a crepitar nas brasasl o vinho da terra, o pão caseiro, sardinha, carne de porco e uma morcela ou farinheira.

Na manhã de 8 de Dezembro, a madeira é transportada para Penamacor, em veículos enfeitados com ramos de laranjeira com o gruto, que cobrem ainda os madeiros transportados.

A chegada ao adro da Igreja matriz é feita à hora da saída da missa, perante a curiosidade dos populares face ao espectáculo que é a vinda do madeiro.

Os rapazes atiram então as laranjas para o povo, conjuntamente com rebuçados. Feito o amontoado dos troncos e «cepos» (ou raízes), juntam-se à noite os das «sortes» ao baile do madeiro.

A fogueira é ateada no dia de Consoada (24 de Dezembro), enquanto que os velhos e novos, realizada que foi a ceia de Natal, se juntam em volta do crepitar lento do fogo que aquece este Natal beirão.

O fogo continua em toda a quadra festiva, prolongando-se por vezes por quase 15 dias, até aos Reis, já no Ano Novo.

Diz o juiz do Fundão ao absolver um jornalista

O direito à crítica dos actos públicos deve ser amplo e livre

O «Jornal do Fundão» e o seu chefe de redação, Fernando Paulouro Neves, foram absolvidos da acusação de abuso da liberdade de Imprensa que lhe foi formulada pelo Centro Nacional de Pensões e o seu presidente, Pedro Falcão de Miranda Villaverde Gonçalves.

O juiz da comarca do Fundão dr. Gaito das Neves, que julgou o processo, escreveu na sentença — uma peça exemplar em que o papel da Informação num estado democrático é analisado em profundidade — que **«o direito à crítica dos actos públicos deve ser amplo e livre»** e que **«a apreciação criteriosa dos actos das autoridades públicas, desde que não haja propósitos de ofensa, ainda que seja violenta, constitui para a Imprensa uma levantada missão social».**

O jornalista Fernando Paulouro Neves foi defendido pelo dr. António Gascão e teve como testemunhas abonatórias entre outras, José Salvado, director do Museu de Castelo Branco, Alberto Martinho, técnico do Parque Natural da Serra da Estrela, os jornalistas Daniel Reis e João Fonseca e o presidente do Sindicato dos Empregados de Escritório do Distrito de Castelo Branco.

A matéria de facto

O processo teve origem num postal recebido por um beneficiário da Previdência e aparentemente remetido pelo Centro Nacional de Pensões e onde era informado que a sua reforma ia ser suspensa pelo período de um ano pelo facto de não ter devolvido, a tempo, determinado impresso.

O beneficiário dirigiu-se à Junta de Freguesia, que por sua vez o encaminhou para o Sindicato dos Empregados de Escritório de que fora antigo associado, e este, para além de o ajudar na redacção de um ofício a pedir esclarecimentos à Caixa, pediu ao «Jornal do Fundão», por escrito e com fotocópias dos documentos essenciais, para tratar o caso publicamente, dado ser ele de flagrante interesse público.

Com base nestes documentos, o chefe da redação do «Jornal do Fundão» publicou uma crónica intitulada «de como o Centro Nacional de Pensões tira o pão aos reformados» e que, depois de zurzir no comportamento do Centro e do seu presidente concluía com um verso de Jorge Sena: **«Que adianta dizer-se que é um país de sacanas?»**

O Centro Nacional de Pensões não prestou ao jornal qualquer esclarecimento sobre o assunto, tendo aliás o seu presidente confessado em tribunal estar proibido de o fazer e que os esclarecimentos públicos só podiam correr pelo Gabinete de Imprensa do ministério da tutela; o próprio beneficiário só dois meses depois recebeu resposta à sua carta, verificando-se que o postal era falso, mas sendo garantido em tribunal a impossibilidade de saber se foi escrito por algum funcionário. O Gabinete de Imprensa do Ministério também não disse nada e, em vez de esclarecer o público, através do jornal que levantou a questão, o presidente do Centro Nacional de Pensões moveu um processo ao «Jornal do Fundão» e ao seu chefe de redacção por alegado abuso de liberdade de Imprensa.

Fernando Paulouro, o chefe da Redacção do "Jornal do Fundão" absolvido num processo movido pelo Centro Nacional de Pensões

Negligência de esclarecer pressa de incriminar

O juiz resolveu a questão de facto considerando não ter havido intenção de injuriar ou lesar o presidente mas apenas informar o público e criticar a instituição. Além disso, mesmo provando-se posteriormente a falsidade do postal, o jornalista só tem de estar convencido da sua veracidade, (só dois meses depois o Centro disse algo ao beneficiário) para ser absolvido, como foi demonstrado pela defesa com base na jurisprudência portuguesa.

As acusações foram assim consideradas improcedentes, por não serem provadas, e o jornalista absolvido e mandado em paz.

Como caso de justiça concreto, estava assim arrumado. Simplesmente, o comportamento do Centro Nacional de Pensões e do seu presidente, negligenciando a informação do público mas apressando-se a perseguir judicialmente o jornalista reflecte um modo de actuação que está a generalizar-se na Administração Pública portuguesa e que é tida por muitos como acção intimidatória para forçar os jornalistas à autocensura.

Daregionalização ao saneamento

Continuação da pág. 6

go juntou em Março de 1984 três dezenas de técnicos e de jornalistas num colóquio que visou recolher e discutir sugestões para o estudo integrado das suas margens.

O açude-ponte, uma das obras por que todos se bateram está pronto. Muita gente sonha ver o Mondego, que no Verão quase seca na cidade como um lençol de água permanente, um ponto de referência constante, proporcionando a prática de desportos náuticos. Mas, para isso, é indispensável a regulação automática das comportas, problema que poderá ficar resolvido até Março de 1986. Quando tal acontecer e o Mondego for, em Coimbra, um lenço de água constante, então, sim, estaremos perante um fenómeno urbanístico novo. Azevedo Sobral, director dos Serviços de Hidráulica do Mondego, admitiu a instalação de um sistema capaz de substituir a energia da corrente pública. As comportas passarão então a poder ser manobradas manual e automaticamente.

Novo hospital quando abrirá?

Ainda ninguém sabe, em Coimbra, quando abrirá o novo Hospital da Universidade (Hospital Escolar). O eng.º António Moreira acha que o novo estabelecimento deveria abrir por andares, uma vez que dispõe de equipamento e, ao que parece muitos dos seus problemas prendem-se com pessoal. «Se bem que — sublinha — nem sequer ainda acessos tenha, porque o Estado não os fez. Os que competem à Câmara Municipal vão ser feitos no meu mandato, assim como a circular que vai servir o novo Hospital».

O presidente do Conselho de Gerência dos Hospitais da Universidade de Coimbra, Norberto Canha, apelou oportunamente para que o Estado se empenhe na sua abertura. «O bem-estar do doente e a credilidade na saúde exigem-no e o juro do capital investido impõem-no», acentuou Norberto Canha em carta enviada ao Ministério da Saúde, em parte transcrita pelo "Diário de Coimbra".

Monumento à burocracia lhe chamam, caracterizando a inépcia bem portuguesa e o típico atavismo luso. Porque, de facto, se fazem obras e instalam serviços sem deles se extrair com prontidão todo o proveito, todas as suas potencialidades. Pronto a funcionar, o novo Hospital Escolar de Coimbra ainda não tem data de inauguração, sequer.

O anterior presidente da Câmara Municipal, Mendes Silva, considerava urgente a abertura do estabelecimento, dotado de equipamento suficiente e de 1200 camas. Segundo ele, estavam parados mais de dez milhões de contos. A sua manutenção ficará cara, mas ele foi levantado para funcionar — e é isso o que a população quer.

Brinquedos: ou entram na CEE ou saem do mercado

Parte da produção nacional de brinquedos poderá ser retirada do mercado, se não forem observados os requisitos técnicos e de segurança, impostos pelas normas comunitárias — disse à ANOP fonte da Direcção-Geral da Qualidade.

A indústria nacional disporá, a partir de Janeiro, de cerca de um ano e meio para se adaptar à directiva comunitária que obriga todos os Estados membros a retirar do mercado os binquedos que não preencham as normas de segurança e se revelem perigosos para a saúde do consumidor.

A proposta de directiva, que será aprovada até ao fim do ano e entrará em vigor em 1 de Janeiro, impõe igualmente aos Estados membros comunicar à Comissão Europeia, de três em rês anos, os resultados de inquéritos de acidentes com brinquedos.

Em matéria de indústria de brinquedos, Portugal adoptou já o ano passado as normas do Comité Europeu de Normalização (Normas CEN), que deverõ ser publicadas em português. em Janeiro, e segundo as quais, os brinquedos devem obedecer a determinados requisitos e ser testados em laboratório.

O informador da Direcção-Geral da Qualidade salientou que quer as normas quer as directivas proíbem em absoluto a utilização de materiais inflamáveis e que em Portugal a maior parte dos brinquedos de peluche são feitos com esse tipo de material.

«Espanha, por exemplo, tem legislação sobre brinquedos há muito tempo, enquanto em Portugal não existia absolutamente nada antes da adopção das norma sobre normalização», acrescentou o mesmo informador, iterrogando-se sobre quais as implicações da entrada em vigor das normas comunitárias na indústria de brinquedos.

A Direcção-Geral da Qualidade será a entidade competente para certificar a conformidade dos brinquedos aos requisitos comunitários, baseada em testes laboratoriais que confirmem as propriedades mecânicas, físicas, químicas, eléctricas e de inflamabilidade e toxidade do produto.

Aquela direcção informou que os testes laboratoriais poderão ser feitos no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial ou Centro Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial ou Centro Nacional de Embalagem e deverão ser solicitados pelos industriais para efeitos de certificação.

Os brinquedos passarão a obedecer também às normas comunitárias sobre rotulagem e etiquetagem, devendo mencionar o nome do fabricante, o grupo etário a que se destinam, e uma faixa indicando que está conforme as normas comunitáris.

É proibida toda a publicidade que ponha em perigo o desenvolvimento da criança,ou explore a inexperiência dos adolescentes, contenha situações que envolvam riscos, incite à violação da lei ou conduza a uma atitude consumista.

Segundo um inquérito efectuado em países membros da OCDE, quase metade dos acidentes com brinquedos são provocados por quatro tipos de brinquedos—balouços, bolas de futebol, bicicletas ou triciclos e pressões de ar.

Em Portugal não existem dados sobre acidentes com brinquedos.

Importam-se mais brinquedos

O sector da indúsria de brinquedos, que até 1977 não registou exportações significativas, e se manteve deficitário até 1984, registou o ano passado, pela primeira vez, uma taxa positiva de cobertura das importações.

As exportações de brinquedos registaram em 1984 um aumento da ordem dos 74 por cento, rondando os 640 mil contos, enquanto o valor das importações foi de 605 mil contos, segundo um estudo da Associação Industrial Portuguesa (AIP) a que a ANOP teve acesso. De acordo com o mesmo estudo, o ano passado importaram-se mais 6 por cento de brinquedos do que no ano transacto.

Em 1981, (ano de que existem dados) o volume de negócios do sector, foi superior 1,5 milhões de contos.

COTAÇÕES CREDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	53$40	59$40
ALEMANHA FED (marco)	63$15	64$35
ÁUSTRIA (xelim)	8$90	9$10
BÉLGICA (franco)	2$927	3$127
BRASIL (cruzeiro)	$009	$019
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	113$25	115$75
(notas de 5 a 1000)	113$75	116$25
DINAMARCA (coroa)	17$35	17$75
ESPANHA (peseta)	$984	1$104
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	158$45	161$95
(notas de 5 a 1000)	158$95	162$45
FINLÂNDIA (marka)	28$80	29$40
FRANÇA (franco)	20$60	21$30
HOLANDA (florim)	55$95	57$05
IRLANDA (libra)	194$30	198$30
ITÁLIA (lira)	$084	$094
JAPÃO (iene)	$757	$792
NORUEGA (coroa)	20$60	21$10
REINO UNIDO (libra)	227$40	231$90
SUÉCIA (coroa)	20$60	21$10
SUÍÇA (franco)	75$35	76$85
VENEZUELA (bolívar)	9$50	10$50

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

IVA
IMPOSTO SOBRE O VALOR ACRESCENTADO

PORQUÊ?

O IVA, imposto sobre o valor acrescentado, entra em vigor em 1 de Janeiro de 1986.
É um imposto mais justo na medida em que disciplina os circuitos económicos. Evita a fraude fiscal, protegendo assim os comerciantes honestos.
É um imposto mais fácil, porque simplifica a actividade dos agentes económicos.
Neste período de transição é natural que surjam dúvidas. Dúvidas que podem tirar nos seguintes locais:

Serviços de Informações do IVA em Lisboa, Porto e Coimbra, Direcções de Finanças Distritais e Repartições de Finanças.

UM IMPOSTO MAIS JUSTO
UM IMPOSTO MAIS FÁCIL

SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO DO I.V.A.
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

SALGADO ZENHA AO DIÁRIO DE LISBOA

Salgado Zenha com os jornalistas Eugénio Alves e Augusto Vilela

- A apresentação da minha candidatura provocou um certo movimento de a ção entre as três restantes
- O eleitorado socialista terá, mais cedo ou mais tarde, de escolher entre mi Freitas do Amaral
- O dr. Mário Soares não passará à segunda volta
- Eu não conto viajar pelo estrangeiro em campanha porque estas eleições d tamente respeito aos portugueses

O "frentismo" presente é o que reedita o progra

Pela Administração aberta contra o «Estado do Segredo», pela descentralização e pela criação de regiões administrativas contra o centralismo excessivo em que continuamos a viver, Salgado Zenha define pela positiva os contornos da sua campanha. Para ele, o único «frentismo» existente nestas presidenciais é o de Freitas do Amaral, que ele considera o seu principal opositor: baseado num pacto com o PSD e dando nova vida às abaladas esperanças do CDS, Freitas do Amaral está, para Zenha, a reeditar o programa de concentração de poderes que foi o de Soares Carneiro em 80 e que o povo português derrotou, então, à primeira volta. Desta vez, as circunstâncias são diferentes. Zenha manifesta a certeza de que Mário Soares não passará à segunda volta e de que o eleitorado socialista votará no candidato da convergência democrática contra o candidato da direita.

DL — Numa declaração recente da sua Comissão Política, assinala-se haver indícios de acção concertada dos restantes candidatos contra a sua candidatura. Poderá concretizar tais indícios?

SZ — Penso que de facto a apresentação da minha candidatura provocou um certo movimento de aproximação entre as restantes candidaturas, o que tem o seu quê de «insólito». Todavia quero sublinhar que o meu opositor, o meu contraponto político é sobretudo o prof. Freitas do Amaral e o seu projecto político.

DL — O dr. Mário Soares, imaginando um cenário para a segunda volta que colocasse frente a frente os candidatos Freitas do Amaral e Salgado Zenha, considerou muito difícil que os socialistas votassem Freitas do Amaral. Trata-se de uma afirmação sincera, em seu entender?

SZ — Não conheço essa afirmação do dr. Mário Soares. Mas é verdade que o eleitorado socialista terá, mais cedo ou mais tarde, de escolher entre o prof. Freitas do Amaral e a minha própria candidatura. E creio que o eleitorado socialista votará a meu favor. Não vai decerto votar Freitas do Amaral, que representa o projecto a que eu chamo «de União Nacional».

Soares não passará à segunda volta

DL — Há afirmações de dirigentes políticos, nomeadamente do candidato do PCP, que referem estar a direita a tentar fazer passar Mário Soares à segunda volta. E são invocadas, em abono dessa tese, declarações de João Jardim e Adriano Moreira, entre outros. Que pensa disso?

SZ — Não faço comentários a comentários de outros candidatos. Na minha opinião o dr. Mário Soares não passará à segunda volta.

DL — Como interpreta a visita que Mário Soares fez à Madeira e a recepção promovida por João Jardim?

SZ — Não tenho apreciações a fazer. Como cidadão, o dr. Mário Soares tem o direito de fazer aquilo que entender. A constituição portuguesa confere-lhe esse direito. Por que motivo é que não há-de ir à Madeira?! Direi apenas que ele não vai à segunda volta.

DL — Mal o dr. Salgado Zenha manifestou a intenção de se candidatar, recebeu de imediato o apoio expresso do Presidente da República actual. Ora, tem sido prática do general Ramalho Eanes reflectir mais longamente as suas decisões. Será que a hipótese de se candidatar tinha sido anteriormente ventilada com o general Eanes?

SZ — Não houve qualquer compromisso prévio à declaração do sr. Presidente da República. Porque motivo é que ele tomou essa decisão é questão que lhe deve ser posta a ele.

DL — Como correu a conversa que teve com a eng.ª Lourdes Pintasilgo, na véspera da apresentação da sua candidatura?

SZ — Se eu tive ou não uma conversa com a eng.ª Lourdes Pintasilgo, é uma pergunta que deve ser feita a ela.

DL — É do domínio público...

SZ — É uma pergunta que deve ser feita a ela.'

DL — O dr. Salgado Zenha diz que o dr. Mário Soares não vai à segunda volta. Admitamos que era a eng.ª Lurdes Pintasilgo que ia à segunda volta com Freitas do Amaral. Qual seria sua posição?

SZ — Claro que votava na eng.ª Lurdes Pintasilgo. Isso é óbvio. Aliás já disse isso. Se fosse uma segunda volta com Freitas do Amaral e Mário Soares, é claro que votava no dr. Mário Soares. Mas obviamente que estas são hipóteses académicas...

A «destruição» do PS

DL — Em entrevista ao DL, o dr Mário Soares acusa-o de ter estado envolvido, enquanto dirigente e membro do PS, numa tentativa de destruição do partido...

SZ — Enquanto membro do PS sempre respeitei as normas da democracia. Quanto ao facto de não pertencer ao PS presentemente, devo lembrar que há vários elementos que já pertenceram ao PS, que de lá saíram e que agora dão o apoio ao dr. Mário Soares e portanto penso que ele não tem nada que estranhar. O facto de ter pertencido ao PS não significa que tivesse feito profissão perpétua. Ninguém pode negar aos cidadãos o exercício dos direitos que a democracia confere a todos os portugueses. Quanto às declarações que outros candidatos fazem, são da responsabilidade deles. Não tenho que fazer comentários.

DL — Freitas do Amaral — o seu contraponto político — tem viajado muito pelo estrangeiro durante a pré-campanha. O dr. Salgado Zenha não tenciona fazer contactos internacionais?

SZ — O dr. Freitas do Amaral está no direito de viajar por onde lhe aprouver. Eu não penso viajar porque não há eleitores no estrangeiro. E estas eleições são um assunto que diz respeito exclusivamente aos portugueses.

DL — Voltando ainda à questão dos poderes presidenciais. Como Presidente, como actuará quando o Governo se recusar a cumprir acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo, como está, aliás, a acontecer com os acórdãos relativos à Reforma Agrária?

SZ — Não me posso pronunciar em tese geral sobre assuntos que necessitam de uma apreciação concreta. Em princípio, as decisões dos tribunais têm que ser acatadas e o próprio poder judicial tem poderes suficientes para as fazer executar.

DL — Mas quando isso não suceder?

SZ — Tem que ser analisado em concreto. Não já nenhuma regra constitucional ou jurídica que permita resolver isso de uma só vez. Os problemas têm que ser analisados em concreto, caso a caso.

«DL» — Pensa que deve haver renegociação da adesão de Portugal à CEE?

SZ — Considero positiva a adesão à CEE. Quanto o resto, a CEE é, em si mesma, uma negociação permanente, um processo dinâmico.

«DL» — Como pensa actuar em relação às chefias militares no caso de ser eleito Presidente?

SZ — Há a Constituição, há a Lei de Defesa Nacional. Esses assuntos estão definidos na lei. A primeira obrigação que o Presidente da República tem face às chefias militares é respeitar a lei.

«DL» — E em relação a África, à cooperação com os países de expressão oficial portuguesa?

SZ — Devemos reforçar as relações de amizade com esses Estados, de modo a fazer desaparecer todos os atritos que possivelmente existam neste momento.

Jovens e mulheres

«DL» — Que pensa da situação da juventude e da posição das mulheres na sociedade portuguesa?

SZ — Em meu entender, os jovens e as mulheres portuguesas, embora sejam estratos sociais com problemas específicos, têm problemas que no fundamental dependem do próprio progresso da comunidade portuguesa. Quer dizer: há problemas que são mais sentidos por certos grupos, como é o caso do desemprego, que se faz sentir mais sobre os jovens do que sobre os adultos e mais sobre as mulheres que sobre os homens. Toda a gente sabe disso. Mas, no fundamental, é no progresso da prória comunidade portuguesa que tais problemas serão resolvidos. Isto não significa que, nos casos concretos em que haja discriminações contra as mulheres, por exemplo, em matéria de salários ou de emprego, se não tomem medidas específicas para vencer essas discriminações. E devem ser tomadas medidas para facilitar problemas específicos dos jovens, em matéria de educação e na procura do primeiro emprego. Mas, repito, a solução dos problemas de todos os portugueses é condição primária para que os problemas dos jovens e das mulheres conheçam também uma grande melhoria na sua solução.

Esquerda e direita

«DL» — Considera que a dicotomia esquerda-direita tem ainda sentido?

SZ — Claro que tem. Mas o Presidente da República não deve ser nem de direita nem de esquerda. Deve ser o agente do maior consenso possível no funcionamento da democracia portuguesa. A minha concepção é a de que o Presidente tem de respeitar o princípio da separação dos poderes que já em Portugal. Não pode «saltar para fora». Porque se ele o faz todos os outros agentes políticos também sentir-se-ão desobrigados de respeitar esse mesmo princípio.

«DL» — Dir-se-á, no entanto, que o sistema actual não tem resultado. Há uma grande crise de ordem social, política, cultural, as pessoas queixam-se, sentem-se frustradas em relação às expectativas criadas pelo 25 de Abril...

SZ — E acham que a culpa é do Presidente?

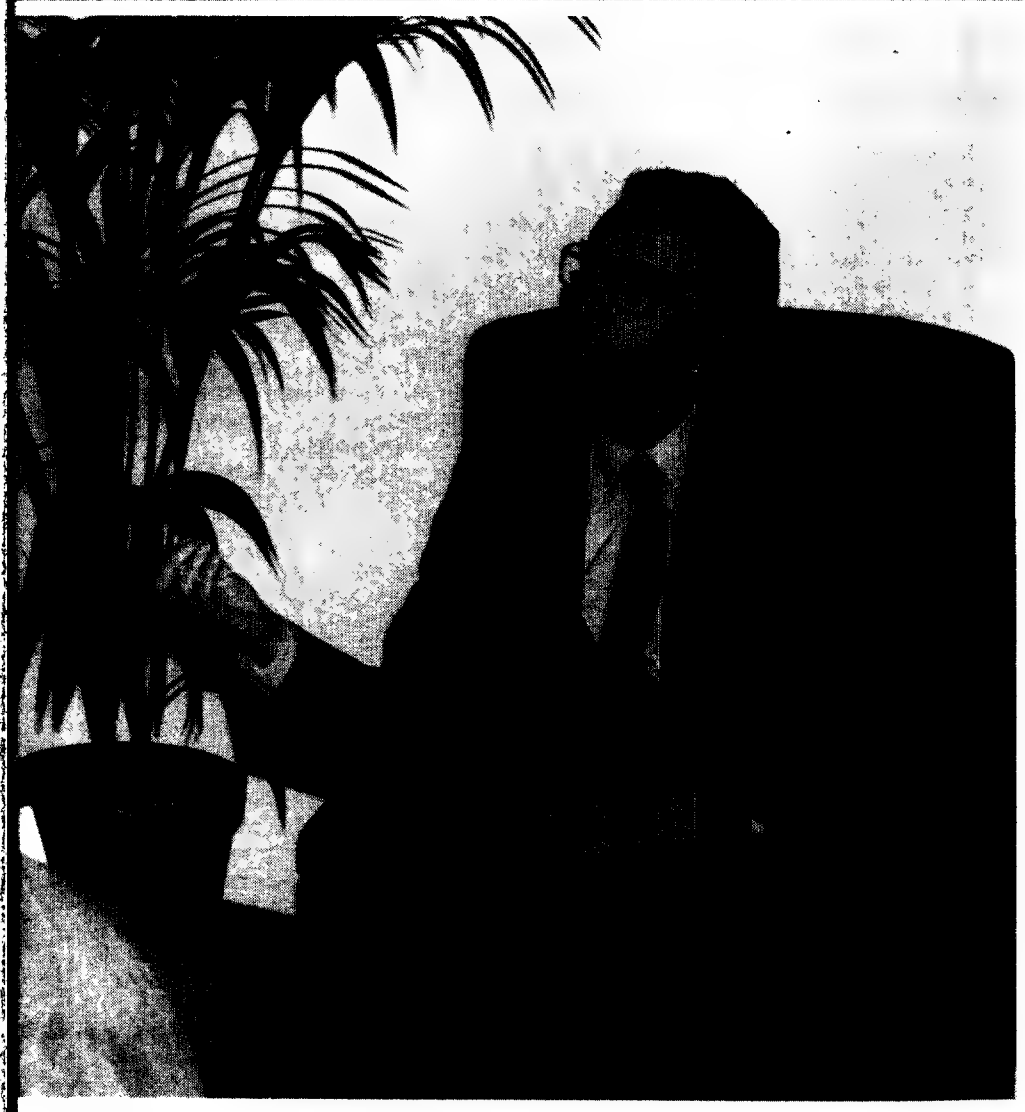
«DL» — Mas se um Presidente considera, logo à partida, que não vai interferir, que não vai mexer...

SZ — O Presidente não diz isso. O Presidente diz que jura a Constituição, que respeita a Constituição. Se, porventura, jura a Constituição e depois não a respeita, mesmo que por muitos bons motivos, não age de maneira honrada e honesta. E, portanto, não pode reclamar dos outros aquilo que ele próprio não faz. Eu apenas direi que serei fiel à Constituição que vou jurar. Caso seja eleito, quando puder intervir, intervenho. Doutro modo, exporei os meus pontos de vista, fazendo um apelo à opinião pública, mas dentro do respeito do princípio da separação dos poderes que a Constituição consagra.

Intervenção do Presidente

«DL» — Isso é já uma forma de intervenção...

SZ — É óbvio. Mas isso não significa que o Presidente possa constantemente modificar as coisas por meio de discursos. Isso é um problema de apreciação política que terá que ser feita ao longo do exercício do seu mandato. E há problemas que podem ser resolvidos sem ser por apelos à opinião pública, pelo diálogo com os órgãos de soberania, diálogos que podem ser públicos ou que podem ser reservados. São problemas de oportunidade política. Têm que ser resolvidos no



aproxima-

im e o prof.

dizem estri-

- Claro que a dicotomia Esquerda-Direita ainda tem sentido, mas o Presidente da República não deve ser de Esquerda nem de Direita
- Grupos de cidadãos devem, independentemente dos partidos, poder disputar as eleições autárquicas
- A descentralização e o regime de «Administração aberta» são duas das ideias centrais do meu projecto

nestas Presidenciais ma de Soares Carneiro

Entrevista de **Eugénio Alves e Augusto Vilela**

mento oportuno. Agora há um princípio fun-nental: a Constituição tem que ser respeitada. princípio da separação de poderes e de que os leres presidenciais não são hipotecados, nem susceptíveis de interpretações pessoais. Isso a mim é uma questão que está fora de dúvida.

«DL» — Porque não advoga o referendo no solução?

SZ — O meu ponto de vista é o seguinte: um erendo deliberativo é problema que compete à sembleia da República decidir. Não sou adepto e. Penso que o referendo consultivo, em certos os, sobre certas questões concretas poderá ser tajoso. Para determinados problemas que pos-n surgir e que, em meu entender, devem impli-um consenso entre a maioria e a minoria lamentar.

«DL» — Considera que a Lei Eleitoral ac-l é adequada à situação portuguesa?

SZ — Penso que a Lei Eleitoral pode ser dificada desde que se respeite o que se encon-na Constituição e tendo por objectivo funda-ntal que dessas alterações não fique em xeque o ncípio da alternância democrática. Ou seja, uma maioria conjuntural para perpetuar os ultados que obteve numa certa altura possa er leis de tal modo que os resultados sejam npre mais ou menos os mesmos.

dadãos e partidos

«DL» — O dr. Salgado Zenha tem defen-o em declarações públicas a possibilidade dos cidadãos poderem apresentar-se às urnas independentemente dos partidos...

SZ — Às eleições municipais, sim. Penso que em relação a estas eleições, a que actualmente só podem concorrer os partidos, não se devia obstar a que grupos de cidadãos se apresentem como candidatos.

Partidos regionais

«DL» — Não considera correcto que tal princípio se aplique igualmente às legislativas?

SZ — Penso ser difícil neste momento, dada a necessidade do sistema proporcional. Mas defendo a possibilidade de criação de partidos regionais. Que existem, aliás, em Espanha.

«DL» — Que balanço faz da actuação do novo Governo?

SZ — Isso não faz parte do programa do candidato a Presidente da República. Penso que o actual Governo ainda não apresentou o documento fundamental para se poder ajuizar do seu programa económico e financeiro próximo. Aí sim, quando for apresentado o Orçamento, poder-se-á com fundamento debater as perspectivas de acção do Governo. Até lá, qualquer juízo aprofundado será prematuro.

«DL» — Houve quem dissesse que estava em dificuldades para apresentar as 7500 assinaturas necessárias à legalização da candidatura, afinal apresentou 12 500 antes do fim do prazo. Que significado atribui a este facto?

SZ — As eleições ganham-se ou perdem-se com os votos que, no momento oportuno, o povo português emitirá, pronunciando-se sobre qual dos candidatos tem a sua preferência. As outras questões são para mim menos importantes. A apresentação da candidatura é um requisito formal, não é uma pré-votação.

DL — A sua campanha tem sido um pouco apagada. Não tem havido muita intervenção ou contactos do dr. Salgado Zenha em termos de campanha...

SZ — Bem, comecei mais tarde, houve problemas que os outros candidatos já tinham resolvido. Todas as campanhas têm que ter os seus objectivos. A nossa actuação vai-se desanuviando à medida dos nossos objectivos. Naturalmente a primeira parte foi a definição, digamos, do programa da minha candidatura, que já foi exposto publicamente. Já houve esses contactos. Houve ainda os problemas de estruturas e serviços, problemas que os outros candidatos já tinham resolvido. Mas não é dramático visto que o período de propaganda eleitoral propriamente dito ainda não se iniciou.

DL — Mas não teme os efeitos das declarações e da própria campanha do dr. Mário Soares sobre a alegada «traição» do dr. Salgado Zenha ao eleitorado socialista. Isso não terá efeitos sobre o eleitorado do PS?

SZ — Eu não quero fazer comentários sobre afirmações que os outros fazem. As candidaturas afirmam-se pela positiva e não por um jogo de apreciações sucessivas acerca de afirmações de outrem. Eu penso que a democracia é una e indivisível e todo o cidadão que aproveite os direitos que a democracia lhe confere, sendo fiel aos seus próprios ideiais, é fiel a si próprio, é fiel ao seu passado é fiel ao seu presente. E em democracia ninguém se pode arrogar ter direitos que nega aos outros. Isso é a negação da democracia. Invocar conceitos prejorativos dessa natureza é já uma atitude que considero antidemocrática e uma falsa apreciação sobre o comportamento dos outros.

DL — Mas quanto ao efeito dessas apreciações sobre o eleitorado?

SZ — A democracia é sempre o resultado de atitudes democráticas. Só em ditadura é que se sabe antecipadamente quem ganha as eleições. Em democracia, até ao momento da contagem dos votos não se sabe quem ganha. São contingências próprias da democracia.

Freitas e o frentismo

DL — Gostaríamos que comentasse uma outra crítica ou afirmação que é feita em relação à sua candidatura, que é considerada uma candidatura frentista, sem condições de dar um futuro de estabilidade aos portugueses e ao País e que poderia causar uma «crispação» — é uma expressão do dr. Mário Soares — **na sociedade portuguesa.**

SZ — Poderão explicar-me o que é que significa uma candidatura frentista?

DL — Bem, o problema não é nosso...

SZ — Mas eu tiro-vos dessa dificuldade. Eu penso que em política é essencial definirmos qual é o sentido que as palavras têm. Se não, estamos a girar à volta de fantasmas. Em meu entender a única candidatura frentista que existe neste momento é a do prof. Freitas do Amaral. Uma candidatura frentista, em meu entender, e é esse o sentido objectivo que em política se dá por candidatura frentista, é uma candidatura que tem por finalidade uma alteração de um programa político ou uma modificação política ou institucional que assenta num acordo préconcertado entre forças políticas sociais ou partidárias. Ora a candidatura do prof. Freitas do Amaral tem essas caractrísticas. Há um pacto escrito com o PSD, existe também um apoio do CDS que se firma no pressuposto de que o programa que ele vai defender é o mesmo da Aliança Democrática.

Rampa de lançamento

Portanto a candidatura dele é uma rampa de lançamento de um trajecto político análogo ao que foi defendido pelo general Soares Carneiro: «um presidente, um governo, uma maioria». Se ganhar as eleições irá actuar de maneira a conseguir esse objectivo. Tentará provocar as alterações legislativas institucionais necessárias para que a mesma maioria passe a ocupar o governo e passe a ter também maioria no Parlamento. Isto é que é uma atitude frentista. Eu não tenho acordos com nenhuma força política nem me proponho introduzir qualquer alteração institucional na política portuguesa. Procuro sim, única e exclusivamente, ser um agente do maior consenso possível, sem alterações à ordem institucional vigente. Onde está aqui o frentismo? Também no tempo de Salazar se dizia que todos os democxratas eram frentistas quando reclamavam as liberdades públicas. É uma característica que vem do passado e que não tem qualquer aplicação no presente.

DL — Mas o apoio já declarado e formalizado pelo PRD?

SZ — Todos os portugueses me podem apoiar. Eu não excluo nenhum apoio.

DL — Também a candidatura do dr. Mário Soares propõe alterações ao sistema. Defende nomeadamente alterações à lei eleitoral e...

SZ — Bem, eu não li o programa do dr. Mário Soares. O meu contraponto político é o prof. Freitas do Amaral. O dr. Mário Soares não tem possibilidades de ganhar as eleições. É um problema que não me interessa muito discutir. O prof. Freitas do Amaral sim, prertende, com toda a clareza, alterações à ordem institucional. Está escrito no seu livro «Solução para Portugal» e na reprodução da sua conferência no Grémio Literário. São propostas que reproduzem «ipsis verbis» as que o general Soares Carneiro apresentou em 1980. É a mesma coisa. Quer que a maioria que o eleja passe também a governar e a ter maioria parlamentar. E quer alterar a lei eleitoral de modo a estabilizar e a consagrar, digamos, essa própria maioria. Seria portanto uma alteração profunda da ordem política portuguesa, essa, sim, de carácter frentista.

Liberdades condicionais

DL — Supondo que o prof. Freitas do Amaral saía vencedor com o seu projecto frentista...

SZ — Frentista e freitista...

DL — ... Como se projectariam essas alterações político constitucionais na sociedade portuguesa?

SZ — Não posso estar, de modo algum, a profetizar o que iria acontecer caso o dr. Freitas do Amaral fosse eleito. Creio que não o será, e portanto nem valerá a pena usarmos essa hipótese. De qualquer modo será conveniente frisar que o dr. Freitas do Amaral é partidário de um sistema a que eu chamo de liberdade condicional. As liberdades são mantidas desde o momento em que politicamente os poderes sejam concentrados nas forças políticas que representem os poderes que ele entende necessários para provocar as alterações institucionais.

Ora a democracia não consiste só num sistema de liberdades políticas, não há nenhuma democracia do mundo em que os poderes estejam concentrados na mesma força política. Quando isso acontece, acabou-se. A democracia consiste num sistema de liberdades públicas e, simultaneamente, num sistema de divisão de poderes, isto é, em que há poderes e contrapoderes que se controlam reciprocamente e entre os quais podem ser exigidas as responsabilidades decorrentes do próprio exercício do poder. No sistema constitucional português há várias funções: há a função presidencial, há a função governativa, há a função parlamentar e há a função judicial. Portanto penso que o candidato à Presidência da República que se propõe arranjar uma forma política e um sistema eleitoral que vai concentrar todos os poderes, exceptuando a função policial, na mesma força política, mais cedo ou mais tarde põe em causa o exercício concreto das próprias liberdades. Não basta que elas formalmente apareçam. E o próprio medo que se pode instalar na sociedade portuguesa e a própria defesa dos cidadãos, em concreto, ficará prejudicada. É o sistema da liberdade condicional.

Dita«dura» e dita«branda»

«DL» — Isso não é meio caminho andado para a ditadura?

SZ — Bem, eu não quero usar o termo ditadura. Utilizaria antes o termo «ditabranda», pois não há censura. Haveria, sim, um sistema de inibição concreta no exercício das liberdades individuais. Não quero fazer um processo de intenção ao dr. Freitas do Amaral. O que estou a dizer é que sou contrário a um sistema desses. Existe da parte

Continua na pag. 4

A melhor democracia é aquela que o povo sente como sua

Continuação da pág. 3

desse candidato a ideia de copiar o sistema da 5.ª República francesa que, aliás, tem sido modificado desde os tempos em que foi criado até agora. Há muitas democracias no mundo...

«DL» — E em que democracia se inspira o dr. Salgado Zenha?

SZ — A democracia não se aprende nos livros. Um dos defeitos da democracia portuguesa é que é muito discutida pelos juristas. Para mim, a democracia é aquela em que o povo sente como sendo sua, aquela em que o povo se revê como sendo a sua própria democracia, em que há uma identificação povo-agentes políticos, em que o povo fica satisfeito com o modo como ela funciona...

O exemplo austríaco

«DL» — Mas refira um exemplo concreto de uma democracia com essas características, que considera modelar?

SZ — Penso que há uma tradição portuguesa que é de copiar a democracia francesa que não tem sido frutuosa para o nosso país. A França é um país muito maior, muito mais rico, com tradições históricas muito diferentes das nossas. A primeira República Portuguesa copiou o sistema francês que não deu bons resultados em Portugal. E a cópia da 5.ª República Francesa também não dará bons resultados. Existem outras democracias, por exemplo certas democracias nórdicas que poderiam servir de exemplo. Mas lá são monarquias. A própria Espanha também é uma democracia, e mais adiantada que a nossa em muitos aspectos políticos. Mas das democracias europeias a que considero mais interessante é a democracia austríaca. É uma República com um presidente eleito por sufrágio directo e em que o Presidente da República é tradicionalmente um agente do maior consenso nacional possível sobre o funcionamento das instituições... Foi uma das primeiras Repúblicas instituídas com eleições, por eleições directas, pelo maior jurista deste século, Kelsen. Foi muito contestada até à altura em que lá se instalou uma ditadura. Em 1946 foi reposta em funcionamento com satisfação geral.

«DL» — Mas é um sistema tipo chanceler. O primeiro-ministro é a figura política dominante.

SZ — Mas isso não deriva da Constituição, decorre da prática do sistema.

DL — Pensa, entretanto, que com os actuais poderes do Presidente da República seria possível efectivar as suas propostas de uma efectiva descentralização do sistema e de uma Informação aberta?

SZ — Democracia é obra do Povo. As pessoas que tomam parte no processo político, seja qual for o cargo que ocupem, não se devem deixar possuir pelo sentimento ilusório de que pela sua vontade os seus desejos se podem transformar em realidades. Há que conhecer o País em que vivemos, quais são as resistências que se formam à concretização de certos objectivos que são fundamentais como a descentralização. O Presidente da República exerce a sua função não excedendo os respectivos poderes, de modo a evitar qualquer desestabilização. Não pode favorecer esta ou aquela corrente política ou partidária. É um problema da relação directa do partido e do próprio povo, no sentido de fazer com que se introduzam na vida política portuguesa as modificações que podem decorrer de reformas institucionais, não destinadas a favorecer este ou aquele partido ou até de alterações da simples prática política em que a democracia seja cada vez mais sentida pelo próprio povo. A descentralização é uma delas. E a transparência de actuação de uma administração aberta, totalmente aberta, excepto naqueles pontos em que se imponha, digamos, a reserva das decisões, é outra. Aliás, esse sistema funciona em vários países, na Suécia, na Dinamarca, na Noruega.

Administração aberta

DL — Mas aí há uma sintonia entre o Presidente e o Primeiro-Ministro?

SZ — Não, esse direito é conferido a todos os cidadãos. Aqui em Portugal, por exemplo, reivindica-se o direito do jornalista a ter acesso a dossiers administrativos e governativos. Eu acho muito bem que tenham, mas esse mesmo direito deve ser concedido a todos os cidadãos. O jornalista exercita um direito que lhe pertence como cidadão. E acho bem que o estatuto profissional lhe conceda uma maior facilidade no exercício desse direito.

DL — Mas entre nós o Poder Executivo não tem facilitado esse direito...

SZ — São necessárias reformas institucionais. Não é preciso, para tanto alterar a Constituição, ela não o impede. É uma reforma de que a opinião pública tem que ter consciência para que seja facilitada a sua concretização. Porque as reformas decretadas de cima, sem que a opinião pública as considera como sendo necessárias, são revogáveis no próprio dia em que forem decididas.

Manutenção dos poderes

DL — No lançamento da sua candidatura criticou um cenário em que, por exemplo, a Assembleia da República retirasse poderes ao Presidente depois de ele ser eleito. Acha que perante um cenário desses o Presidente agiria correctamente se renunciasse ao mandato?

SZ — Bem, eu não gosto de falar em hipóteses abstractas. O Presidente pode renunciar a um mandato. Mas é um facto que deve ser apreciado em concreto. A Constituição confere-lhe essa possibilidade. Mas o que afirmei é que na última revisão constitucional foi apreciado o problema dos poderes presidenciais, não digo por todos, mas por alguns, numa concepção «a domine». Porque o Presidente é este Presidente, vamos reduzir-lhe os poderes. Isso não é democraticamente correto. Penso que o Presidente deve conservar os poderes com que foi eleito até à altura em que termina o seu mandato. Isto não impede que a Assembleia tenha poderes de revisão constitucional em que pode aumentar ou diminuir os poderes presidenciais. Só que essa alteração de poderes apenas deverá entrar em vigor quando terminar o seu mandato. Mesmo que os poderes sejam aumentados. Esta é a fórmula mais correcta, e a única maneira de despersonalizar o debate e não ter em consideração a pessoa que exerce o cargo. O Presidente é eleito por cinco anos, não para se envolver em projectos de revisão constitucional, nem entrar em polémicas com os partidos, mas para ser um factor e um agente do maior consenso nacional.

NR

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

RUA BENTO DE JESUS CARAÇA, N.º 17
— CRUZ QUEBRADA

SERVIÇOS COMERCIAIS
ARMAZÉM
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
RECEPÇÃO E PEÇAS

Informamos os nossos estimados clientes que, por motivo de inventário, os serviços comerciais/armazém e de recepção de aparelhos para reparação e peças, se encontram encerrados nos dias 2 a 3 de Janeiro, reabrindo no dia 7 de Janeiro de 1986.

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
MANUEL DOS SANTOS PORTELA, AJUDANTE DESTE CARTÓRIO

CERTIFICO

Para efeitos de publicação que por escritura de treze de Dezembro do corrente ano, lavrada de folhas cento e sete a cento e oito do livro de notas Cinquenta-H deste cartório, foi constituída entre Joaquim Santos Viegas e Maria Margarida Ferreira Ticas Viegas, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que usa a firma «SANTOS & MARGARIDA, LIMITADA» com sede em Lisboa, a qual se rege pelos artigos constantes da presente fotocópia que esta conforme ao original.

Lisboa Décimo Nono Cartório Notarial aos dezasseis de Dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco

O Ajudante,

Manuel dos Santos Portela)

PRIMEIRO.

A sociedade adopta a firma SANTOS & MARGARIDA, LDA , tem a sua sede na Rua José Ricardo, numero onze-B, freguesia de S Jorge de Arroios, concelho de Lisboa, e durara por tempo indeterminado, com inicio nesta data

SEGUNDO

O objecto social consiste no comércio de pronto a vestir

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e de CEM MIL ESCUDOS e corresponde a soma de duas quotas iguais de cinquenta mil escudos, uma de cada sócio

QUARTO

A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento de quem mais for socio

QUINTO

Poderao ser exigiveis prestaçoes suplementares do capital e igualmente os socios poderao fazer a sociedadfe os suprimentos de que a mesma careça nos termos e condiçoes acordados em assembleia geral

SEXTO

A gerência, dispensada de caução, será exercida pelo socio Joaquim Santos Viegas que desde já fica nomeado gerente, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral

PARÁGRAFO UNICO.

Para obrigar a sociedade é necessária e suficiente a assinatura de um gerente.

SÉTIMO:

As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija outra forma, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

«DL» 26/12/1985

«MACONAVE — NAVEGAÇÃO E TRÂNSITOS, LIMITADA»

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de cinco de Dezembro corrente, lavrada de folhas seis a folhas sete verso do livro de notas para escrituras diversas n.º 177-D, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede no concelho de Lisboa, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa que, com esta, se compõe de quatro folhas e vai conforme o original. — Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial aos cinco de Dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Terceiro Ajudante,

ILDA MEIRELES LOPES CARVALHO ESTEVES

— A sociedade adopta a denominação de «MACONAVE — NAVEGAÇÃO E TRÂSITOS, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, número sessenta e cinco, quarto andar A, freguesia da Madalena, sendo a sua duração por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

SEGUNDO

— A sociedade tem por objecto específico: Agência de navegação, trânsitos, afretamentos de navios, importação e exportação

TERCEIRO

— O capital social, integralmente subscrito e realizado em dinheiro, é de CINCO MILHÕES DE ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas: uma de quatro milhões novecentos e noventa e cinco mil escudos pertencente ao sócio Francisco Martins Coelho e outra de cinco mil escudos pertencente à sócia Maria Paula Mota Mateus Martins Coelho

QUARTO

— Um — A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, fica a cargo de um ou mais sócios, nomeados em Assembleia geral, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado.

— Dois — Fica desde já nomeado gerente o sócio FRANCISCO MARTINS COELHO, bastando a sua assinatura para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos, incluindo os de onerar e alienar bens moveis e imoveis da sociedade

— Três — O gerente pode delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade,

— Tambem a sociedade pode constituir mandatários para os fins e efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial

QUINTO

— A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, a quem fica reservado o direito de preferência em primeiro lugar, e, aos sócios não cedentes em segundo.

SEXTO

— A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os seus herdeiros ou representantes, devendo aqueles nomear de entre si um, que a todos represente, enquanto a quota se mantiver indivisa.

SÉTIMO

— As Assembleias Gerais, salvo os casos em que a Lei estabeleça outras formalidades e prazos, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de dez dias

«DL» 26/12/1985

BARREIRO — LISBOA

MARINA MACHADO CORREIA MARTINS

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Seu marido, pais e restante família participam que no dia 27 do corrente, na Igreja da Vitória, em Lisboa, pelas 18.10 horas, será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignaram assistir a este piedoso acto. Aproveitam a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente a todos quantos de qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar, especialmente àqueles que por desconhecimento de endereços o não podem fazer directamente.

Viktor Grishine substituido na chefia do Partido Comunista em Moscovo

Viktor Grishine: um nome que chegou a integrar a lista de sucessores de Brejnev

O primeiro-secretário do Partido Comunista em Moscovo, Viktor Grishine, encarado outrora como um possível sucessor para a liderança soviética, foi terça-feira afastado daquele cargo. Segundo a agência TASS, esta decisão foi tomada durante uma reunião do comité da cidade de Moscovo a que esteve presente o líder soviético Mikhail Gorbachev.

«O plenário libertou Viktor Grishine dos deveres de primeiro-secretário do comité do PCUS da cidade de Moscovo devido à sua aposentação», disse a TASS. Grishine foi substituído por Boris Yeltsin, secretário do Comité Central e que tem feito a maior parte da sua carreira na cidade industrial de Sverdlovsk, nos Urais.

O afastamento de Grishine, de 71 anos — que era também membro de pleno direito do Politburo — era aguardada por analistas políticos desde a exoneração, em Setembro passado, do primeiro-ministro Nikola Tikonov. Com efeito, a imagem de Viktor Grishine, um dos representantes da «velha guarda» brejneviana, tem vindo a apagar-se gradualmente desde a morte de Chernenko, apesar de ter surgido com frequência ao lado do secretário-geral do PCUS nos principais actos políticos da União Soviética.

O homem escolhido para substituir Grishine na chefia do Partido em Moscovo, Boris Yeltsin, para além de ter a mesma idade do actual número um soviético, 54 anos, apresenta as mesmas características que os observadores referem ser as de um «homem de Gorbachev».

Um gestor de empresa, ligado à indústria da cidade de Sverdlovsk, Yeltsin era praticamente desconhecido até à sua estreia na cena política soviética — em Março, quando foi nomeado membro do secretariado do PCUS. Segundo observadores, a substituição de Grishine por Yeltsin trata-se de mais uma peça colocada por Gorbachev na estrutura do poder soviético, para levar a cabo uma completa renovação desta. O ciclo de substituições — que afecta mais a «velha guarda» e que se caracteriza por uma pacífica retirada desta, para ceder o lugar a uma geração mais nova — encerrará com a realização, em Fevereiro de 1986, do XXVII Congresso do PCUS.

Repatriamento

Os passageiros e tripulantes de um avião comercial soviético sequestrado quinta-feira passada na China, foram repatriados sábado, disse ontem em Pequim, um porta-voz oficial do Ministério chinês dos Negócios Estrangeiros.

O avião, um «Antonov 24», voava da cidade siberiana de Chita para a Coreia do Norte, com cerca de 50 pessoas a bordo, quando os sequestradores, aparentemente quatro homens, o pretenderam desviar para a Coreia do Sul. No entanto, o avião foi forçado a aterrar na província chinesa de Heilogjiang por falta de combustível.

Segundo fontes de Pequim, os sequestradores do avião encontram-se detidos pelas autoridades chinesas. Entretanto, as autoridades soviéticas confirmaram ontem o desvio do avião da Aeroflot. As informações divulgadas são, todavia, contraditórias quanto à responsabilidade do sequestro. Enquanto a TASS refere que o aparelho foi desviado por um pirata do ar armado, as autoridades chinesas revelaram que os quatro piratas do ar são soviéticos e que se encontram em seu poder.

Etna: o único vulcão activo na Europa entra em erupção na noite de Natal

Um morto e 14 feridos é o último balanço da erupção do vulcão Etna, na Sicília, que foi seguida de vários abalos sísmicos que provocaram a derrocada de um hotel, revelaram as brigadas de socorros. Três tremores de terra que atingiram cinco graus na escala de Richter destruíram um hotel situado na encosta da montanha Etna onde se encontravam 20 pessoas pertencentes a cinco famílias sicilianas que ali festejavam o Natal.

O morto, um homem de 34 anos, pereceu, quando entrou no hotel para tentar encontrar a mulher e o filho de dois anos, após a ocorrência do terceiro tremor de terra.

A lava continua entretanto a fluir do vulcão, atingindo uma altura de 1800 metros e cerca de 200 bombeiros, polícias e membros dos serviços de protecção civil estão prontos para evacuar, caso seja necessário, os 5 mil habitantes de duas aldeias próximas.

De salientar que no passado mês de Novembro, 23 mil pessoas morreram em Armero, na Colômbia, devido à erupção do vulcão Nevado del Ruiz.

As autoridades italianas estão agora a avaliar os estragos causados pela erupção do vulcão Etna.

Um cientista do Instituto de Vulcanologia de Catania disse na quarta-feira ao fim da tarde que o vulcão estava mais calmo, na sequência de uma erupção de fumo e lava acompanhada por uma série de tremores de terra.

Segundo o mesmo cientista, Emanuelle lo Giudice, não há perigo imediato para as áreas habitadas.

As autoridades disseram que o fluxo de lava abrandou consideravelmente e está a ser contido num reservatório natural bastante acima de duas aldeias.

O ministro italiano da Protecção Civil, Giuseppe Zamberlette, está reunido em Rom com os seus colaboradores e o Etna está a ser sobrevoado por helicópteros do Ministério da Protecção Civil.

Na localidade de Zefferana foi instalada uma tenda onde funcionam os serviços de coordenação local dos trabalhos de socorro.

O Etna tem uma altitude máxima de 3263 metros e é o único vulcão ainda em actividade no continente europeu.

O Etna teve a sua maior erupção em anos recentes em 1979, quando nove pessoas morreram.

A primeira erupção conhecida do vulcão remonta a 475 antes de Cristo e foi descrita por Aeschylus. De entre as numerosas erupções, frequentemente acompanhadas por tremores de terra, as registadas em 1169 e 1669 foram as que maiores destruições causaram.

Ao longo da história do vulcão estão registadas 130 erupções e em 1981 e 1983 tinha sido detectada actividade vulcânica.

Confrontos tribais fazem 53 mortos na África do Sul

Uma batalha campal entre tribos rivais da África do Sul provocou ontem 53 mortos em Umbumbulu, localidade a 30 quilómetros a sudoeste de Durban — informou a polícia local.

Fontes oficiais disseram que mais nove pessoas ficaram feridas devido aos violentos confrontos entre cerca de 2000 zulus e 3000 pondos.

A polícia sul-africana, que tardou em chegar ao local da refrega, próximo de Durban, principal porto da costa Leste da África do Sul, disse desconhecer as causas dos violentos confrontos entre as duas etnias rivais.

Os confrontos eram frequentes no passado entre as duas tribos, mas nos últimos anos não tinham ocorrido incidentes tão graves como os de ontem.

Os zulus, cerca de seis milhões, consituem a principal etnia negra da África do Sul. Cerca de quatro milhões habitam o território autónomo de Kwazulu, a Norte de Durban.

Os pondos ocupam tradicionalmente a zona a Sul de Durban, mas são frequentemente obrigados a invadir território zulu à procura de trabalho junto dos colonos brancos da região.

Segundo as autoridades de Durban, o deslocamento incontrolado de centenas de pondos para território zulu pode ter estado na origem dos sangrentos confrontos.

«Dia de dor»

A activista negra Winie Mandela levou ontem à sua família até à prisão de Ollsmoor para efectuar uma visita de Natal ao seu marido, mas antes disse que para os negros o Natal «é um dia de dor».

Winnie Mandela, 50 anos, passou 40 minutos na prisão com a sua filha Zinzi e três netos numa visita a Nelson Mandela.

O seu marido, Nelson Mandela, é um advogado de 67 anos que fundou a ala armada do Congresso Nacional Africano, a maior força de oposição ao regime do «apartheid». Foi condenado a prisão perpétua em 1964 depois de ter sido julgado sob a acusação de planear sabotagens.

Apesar de estar preso há duas dezenas de anos, Mandela é a mais popular figura da oposição sul-africana e sondagens recentes indicam que ele seria eleito chefe de Estado se os negros pudessem votar.

Winnie Mandela disse que o seu marido estava a ser mantido em isolamento e que não podia falar com os outros presos políticos que estão detidos no mesmo estabelecimento prisional.

«Há muito que deixámos de saber o que quer dizer o Natal. Quando se é negro e oprimido neste país, o Natal é um dia de lamentação, é o dia em que nos lembramos daqueles que já não estão connosco porque pagaram o preço supremo na luta contra a opressão» — disse Winnie Mandela à saída da prisão.

Entretanto, em Joanesburgo, o bispo anglicano Desmond Tutu pregou contra o «apartheid» do alto do seu púlpito na catedral de Santa Maria.

«Há bombas que explodem e matam pessoas e quando olhamos para tudo isto pode ser que sejamos perdoados por às vezes pensarmos que Deus podia ter feito as coisas correrem de outra maneira. Como podemos nós viver assim em estado de sítio, com os soldados nos nossos bairros, gás lacrimogéneo a toda a hora, gente sempre a morrer, casas destruídas por bombas e pessoas presas sem julgamento? — perguntou Tutu.

João Paulo II na homilia de Natal

Menos armas, menos fome e mais respeito pelos direitos humanos

O Papa João Paulo II pediu ontem um mundo mais humano e com menos armas, menos fome e mais respeito pelos direitos humanos.

Na sua tradicional homilia de Natal aos mais de 50 000 peregrinos reunidos na Praça de São Pedro, o Papa afirmou que vivemos num mundo em que há ainda pessoas a morrerem de fome e em que os direitos humanos são escandalosamente violados.

Na mensagem, que foi vista em directo pela televisão por milhões de pessoas de todo o Mundo, João Paulo II afirmou que os critãoes eram o «novo povo» que soube «resistir à falsa miragem do progresso que é indiferente aos valores morais e olha apenas para as vantagens materiais imediatas».

Mas ontem foi o dia em que os apelos à paz e compreensão se multiplicaram por todo o Mundo. No entanto, no local onde se diz que Jesus nasceu, as celebrações de Natal decorreram sob fortes medidas de segurança.

Na mesma praça onde fica localizada a gruta onde a tradição sugere que Jesus veio ao mundo, soldados israelitas fiscalizavam rigorosamente os peregrinos que este ano acorreram em menor número temendo incidentes naquela zona ocupada por Israel na margem ocidental do Jordão.

Por todo o lado foi celebrado o nascimento de Jesus e mesmo dirigentes políticos de países não católicos fizeram mensagens apelando à paz e compreensão.

Em El Salvador o governo concordou com uma trégua de dez dias com as guerrilhas proposta pela Igreja, mas como uma tradição local são os fogos-de-artifício no Natal espera-se que as explosões — desta vez inofensivas — continuem durante estes dias.

Em Washington, o presidente Ronald Reagan mandou apagar a árvore de Natal da Casa Branca, com nove metros de altura e cerca de um milhar de lâmpadas, durante alguns instantes em evocação dos norte-americanos que estão reféns no Líbano e proferiu uma mensagem de esperança na paz.

François Mitterrand foi passar o Natal ao Egipto onde visitará os templos de Luxor numa visita privada.

Keita e Manuel Marques: um feliz reencontro, em Alvalade

Keita: um dia em Alvalade

De cultura bem acima da mediania e com um talento futebolístico que o colocou entre as grandes vedetas mundiais, o mali Salif Keita esteve novamente de passagem por Lisboa, revendo (em Alvalade) antigos companheiros no «onze» do Sporting, que a seu lado viveram (há meia dúzia de anos) belos êxitos verdes-brancos. Keita (que também foi figura exponencial entre os espanhóis do Valência e os franceses do Paris Saint Germain) esteve, pela mão de João Rocha, a concluir a carreira futebolística nos Estados Unidos, alinhando pelo Tea Man e, mais tarde, ingressou em duas Universidades de Boston, onde obteve o diploma de gestor de empresas.

Tornou à sua terra natal: e, no Mali, é agora o principal incrementador da festa de homenagem que vai ser prodigalizada a um antigo parceiro de lides na sua selecção nacional, o «capitão» Maiga, que terá a honra de ver evoluir uma selecção europeia na hora de abandonar os relvados. Keita (com 39 anos de idade) desejava que dois portugueses, nascidos em África estivessem no festival a Maiga: Eusébio e Jordão. Mas as possibilidades parecem gorar-se: o Benfica não está disposto a permitir que o «pérola negra» ande pelo mundo em excursão dispersando-se do trabalho que lhe foi entregue no Departamento de Futebol do clube da Luz e, quanto ao angolano Rui Jordão, ao serviço de um «team» que está envolvido directamente na luta pelo título nacional, pela Taça de Portugal e na Taça UEFA, ainda consta da lista dos mais classificados para a selecção que estará no México.

Por isso, envolto em muito boas vontades, embora um pouco decepcionado, Keita voltou ao Mali sem transportar consigo qualquer compromisso das vedetas negras que queria levar a conhecer a sua terra.

Futebol algarvio: luta hegemónica

«**Servir e dignificar os clubes, o futebol, o Algarve**», é o lema da lista encabeçada por Eduardo Tenazinha e concorrente às eleições do dia 27, para os corpos gerentes da Associação de Futebol de Faro.

O programa da lista de Eduardo Tenazinha, apresentado em conferência de Imprensa, tem como objectivos a formação de técnicos e a sua reciclagem, a constituição da equipa técnica regional e o apoio específico ao Conselho de Arbitragem, entre outros planos.

Os membros desta candidatura propõem-se tambem, no que respeita a casos específicos, institucionalizar a categoria de «esperanças» ou «aspirantes», realizar o primeiro curso distrital de treinadores, apresentar um projecto/proposta para amortizar/atenuar as contas correntes entre os clubes e a Associação e aplicar um critério de auxílio aos clubes, de harmonia com os fundos disponíveis.

A lista propõe para a presidência dos corpos gerentes da Associação os nomes de Aníbal Cruz Guerreiro (assembleia geral), Eduardo Tenazinha (direcção), Óscar Pinto e Costa (conselho jurisdicional), Gilberto Alves Cabaço (conselho de contas), Manuel Delfino Ribeiro (conselho técnico), José Garcia e Costa (conselho de disciplina) e Duarte Mendonça Murta (conselho de arbitragem). A outra lista concorrente é liderada pelo antigo árbitro internaconal César Correia.

Marítimo contrata

Na tentativa de escapar à zona perigosa do campeonato nacional, o Marítimo contratou dois jogadores: o brasileiro Aurélio (21 anos, defesa-central, que esteve no Vasco da Gama) e o holandês Van der Horst (também 21 anos, ponta de lança, que alinhou nos suíços do Baden).

Futebol de salão: Vizela na corrida

Sob a égide da Associação de Futebol de Salão de Lisboa prosseguiu, com o acerto do calendário, o campeonato nacional de uma modalidde em progressão constante. Encontros referentes à 2.ª ronda efectuaram-se no Pavilhão n.º 1 de Sacavém, com os seguintes desfechos: Damaia Ginásio Clube, 0-Juventude Vermelha /«O Diário», 4; Ases do Alto do Pina, 0-Grupo Desportivo Aga Khan, 1; Tremidin Hos/Gelat. Pindô, 4-Rabbit's / Sportiva 80, 3 e Alfa Bar Clube / Supermercado Europa, 4-Lima Limão Supermercados, 8. Pavilhão de Sacavém 2, jogo respeitante à 4.ª jornada: Cafés Delta B, 0-Clube IBM, 0.

Entretanto, confirmado o carácter nacional do campeonato, em Caldas de Vizela começou também a disputa da fase regional. Duelos no rinque do CCD Baiona: Baiona, 1-Assoc. Col. Teatro Construção, 4 e CCD St.ª Eulália, 4-1.º de Maio, 1. Jogos no pavilhão de Fermentões: Jope, 3-Lasa Desportiva, 2; Ac. D. Penedo, 2-Grupo Desportivo de Felgueiras, 1 e Baganheira, 0-Sedas de Vizela, 4.

Reservas lisboetas

Prossegue hoje o Campeonato de Lisboa de Reservas, entre equipas da 1.ª e 2.ª divisões, com os seguintes jogos para as 21 horas: Oriental-Sacavenense, Atlético-Estoril, Estrela da Amadora-Sporting e Belenenses-Benfica.

Juniores «B»: Convocações

Para o estágio a decorrer de 26 a 28 do corrente, o seleccionador-treinador José Augusto convocou os seguintes futebolistas da categoria de juniores «B»:

SL BENFICA (4) — Abel, Arone, Xavier, Nuno Guia; SPORTING CP (9) — Marcos, Paulo Gomes, Évora, Secretário, Carlos Manuel, Pedro Miguel, Amaral Galrão, Melro; FC PORTO (5) — Vítor Baia, Bizarro, Fernando Gomes, António José, Virito; V. SETÚBAL (3) — Seca, Hélio, Paulo Ricardo; GD TORRALTA (1)— Resende; BOAVISTA FC (1)— Fausto; CD MONTIJO (1) — Ricardo; SP. C BRAGA (1) — Gama; CD NACIONAL (1) — Maurício; V. GUIMARÊS (1) Carlitos; e LEIXÕES SC (1) — Tó Zé.

Operário-Vitória

Dia do Clube

A direcção do Clube Operário de Futebol, deliberou considerar como «Dia do Clube», o jogo a realizar com o Vitória Clube de Lisboa, no próximo domingo, dia 29, às 15 horas, no seu parque de jogos, a contar para a 10.ª jornada do campeonato distrital da 1.ª divisão da AFL, pelo que os seus associados ter-se-ão que munir do respectivo bilhete especial.

Trave-se a violência

O número de jogos que registaram incidentes, em 1984, foi de 769, menos 2,3 por cento do que os ocorridos em 1983 — revela um documento da GNR. A cifra eleva-se, no entanto, a 1703, se contarmos com a totalidade de incidentes registados e que inclui, nomeadamente, as agressões aos árbitros, os arremessos de objectos e as invasões de campo. No entanto (segundo a GNR) esse número total de incidentes sofreu uma diminuição de 16,4 por cento, comparativamente a 1983.

Em relação aos jogos de futebol com incidentes (767, visto dois terem acontecido em jogos de hóquei em patins) o documento indica que 94 ocorreram em encontros dos campeonatos nacionais. Ainda em relação ao futebol, os campeonatos distritaos absorveram a grande fatia de incidentes, com um total de 487. Os restantes casos ocorreram nas rubricas «outros jogos», 107, e «desconhecidos», 109.

Os incidentes registaram-se num número não especificado dos 1118 recintos desportivos, incluídos na zona de acção da GNR, e que são patrulhados por 494 postos da guarda.

Por distrito, Aveiro surge em 1.º lugar, com um total de 159 incidentes registados em jogos, (158 em 1983), 32 dos quais em encontros dos campeonatos nacionais de futebol. O Porto aparece agora em 2.º lugar, com 134 incidentes (187 em 1983), 20 dos quais nos jogos dos nacionais. Os distritos de Bragança, Santarém, Portalegre e Beja não registaram qualquer incidente em jogos dos nacionais. Bragança é ainda o distrito onde se registaram menos incidentes (três, num total de 12 recintos desportivos) o que dá uma média de 0,25 por cento de incidentes por recinto/ano.

Aveiro, com um total de 100 recintos, registou 159 incidentes a que corresponde uma média de mais de incidente e meio por recinto/ano.

Em relação ao total de incidentes, o documento refere que durante 1984 foram praticadas 383 agressões a árbitros, 237 arremessos de objectos, 159 invasões de campo e 24 insultos e 27 agressões a elementos da GNR. Acrescenta, ainda, que o público provocou 358 acidentes, os jogadores estiveram no centro de 211, os dirigentes 106, árbitros e jogadores 89, árbitros 41, jogadores 26, público e jogadores 22 e público e árbitro 20.

No referente ao total de incidentes (1703) as agressões aos árbitros representam 22,49 por cento do total e as desordens na assistência 21,02 por cento. A menor percentagem (1,1) é a relativa aos incidentes entre público e árbitro.

O documento revela que dos campos onde se registaram incidentes (aos quais são alusivos os relatórios dos elementos da GNR) 417 não têm condições mínimas de segurança: apenas 41 campos (segundo a GNR) têm possibilidades de manter segurança.

Modalidades

Esqui em curso

Mais uma iniciativa do Gabinete de Condição Física e Tempos Livres do Instituto Superior de Educação Física: um curso de esqui que terá lugar em Espanha (na Serra Nevada) de hoje até 1 de Janeiro. Os participantes estão colocados em cinco classes, com o curso orientado pelo professor Manuel Pavese Araújo (docente do ISEF).

Hóquei em campo: congressos

Para discutir e aprovar o orçamento para o próximo ano e o plano do director técnico nacional, a Federação Portuguesa de Hóquei em Campo realiza no dia 11 de Janeiro, um congresso extraordinário, onde também serão discutidas propostas de alteração dos estatutos federativos e do regulamento geral de provas.

Para além do preenchimento das vagas nos corpos gerentes da Federação, irá ser discutida uma proposta da direcção para nomear o Comité Olímpico Português «sócio de mérito» daquele organismo.

Râguebi: Barcelona vence Taça Ibérica

O Barcelona conquistou a Taça Ibérica de Râguebi em juniores ao vencer (em Lisboa) o CDUL, por 23-3 (12-0).

O «quinze» lisboeta, anterior detentor do troféu, foi sempre batido na luta entre os dois blocos de avançados e foi prejudicado por uma actuação infeliz do seu médio de abertura.

A equipa espanhola, que na anterior edição do Troféu tinha perdido em Barcelona com o CDUL, adaptou-se melhor ao piso

NBC: pausa para fazer chi-chi

A cadeia de televisão norte-americana NBC oferece, em 26 de Janeiro, aos seus telespectadores que sigam a final do Campeonato de Futebol americano, 60 segundos sem imagem para que possam ir descansadamente aos lavabos ou ao frigorífico. Durante um minuto, o écran fica sem imagem e ouvir-se-á apenas o tic-tac dos segundos — diz a NBC, em nota informativa.

Com o «minuto negro», a cadeia de televisão renuncia a 600 mil dólares (cerca de 95 mil contos), por não incluir publicidade.

Durante o dia da final do campeonato futebolístico, a NBC (National Broadcasting Corporation), apresenta ainda um programa de duas horas sobre «os últimos minutos antes da final».

Veloso perante Proust

- Qual é, para si, o cúmulo da miséria?

O que ultimamente está a acontecer na Etiópia.

- Onde gostaria de viver?

No local onde moro.

- O seu ideal de felicidade terrena?

O entendimento entre todas as pessoas.

- Quais os heróis de romance que prefere?

As figuras criadas por Saven Helssan.

- Personagem histórica preferida?

Uma pessoa que, por certo, ficará na história do nosso desporto: o dr. Miranda Calha.

- Quais são as suas heroínas favoritas na vida real?

Os nomes que, neste momento me vêm à ideia são de «heróis»: Charles Bronson, Roger Moore e Eusébio.

- Pintor preferido?

Não sou um grande apreciador de pintura: e portanto, não me posso pronunciar sobre esse assunto.

Veloso: sem muitas preferências

- Músico favorito?

Bruce Springsteen

- Qualidades preferidas no homem?

A honestidade e a sinceridade.

- Virtude preferida?

Humildade.

- A sua ocupação preferida?

Jogar futebol.

- Quem gostaria de ter sido?

Eusébio ou Rummenigge.

- Principal traço do seu carácter?

Ser humilde e sincero, para além de ter uma personalidade muito forte.

- Que mais aprecia nos seus amigos?

A amizade que eles possam ter para comigo.

- Qual o seu principal defeito?

Trabalhar muito e ganhar pouco

- Cor preferida?

Azul.

- Quais são os seus autores preferidos, em prosa?

Leio muito pouco e não tenho preferências.

- Poetas mais apreciados?

Também não tenho preferências.

- Nomes que distingue?

Teresa e Cristina.

- Que mais detesta acima de tudo?

Falta de honestidade.

Um nome na ponta da lança

Jesualdo Ferreira: " chicotadas psicológicas são um acto tradicional no nosso futebol"

Desde o início desta temporada futebolística que os ventos não sopram favoravelmente, para os lados da Tapadinha e o «histórico» Atlético ocupa actualmente posição intranquila na tabela classificativa da Zona Sul da 2.ª divisão, o seu técnico (prof. Jesualdo Ferreira) considere que esta situação será em breve ultrapassada.

A minha segunda época ao serviço do Atlético prossegue com as mesmas dificuldades da anterior. A tarefa como treinador não está a ser recompensada, e isso deve-se em grande parte à expectativa que se criou em torno da alteração do quadro de jogadores e da própria direcção do clube.

Após a 12.ª jornada do «nacional», o Atlético encontra-se na 10.ª posição, comprometedora já que o penúltimo classificado (Sacavenense) se encontra a escassos três pontos. Jesualdo Ferreira comenta:

Numa análise fria, posso dizer que o Atlético devia ter mais dois ou três pontos: numa visão realista, acho que a equipa da Tapadinha podia ter vencido todos os desafios. Mas, a verdade é que problemas de vária ordem (como é o caso das lesões no quadro de jogadores, já por si bastante reduzido) contribuíram para que o treinador não pudesse planear um trabalho que, a ser seguido, revelaria mais tarde outro rendimento. É difícil trabalhar com a equipa que não é a melhor, dada a realidade fria do Atlético: jogou até hoje apresentando em cada desafio uma constituição diferente. Com a ausência de três ou quatro pedras que, quanto a mim, são fundamentais. Devido a uma onda de lesões, surgiu a necessidade de fazer alinhar jogadores bastante novos. Tecnicamente considero que é esta a razão principal que tem levado a equipa a um tão fraco rendimento, para além de problemas de natureza psicológica. Todavia, tenho a convicção que o Atlético poderá fazer um campeonato ainda melhor que o do ano passado e classificar-se entre os quatro ou cinco primeiros da sua zona. O grande problema é de lesões; presentemente não posso contar com Cristóvão, Álvaro e Galo.

De referir que o «plantel» da turma alcantarense sofreu grande rombo no final da anterior temporada, ao deixar sair jogadores como José Monteiro (Estrela da Amadora) e Paulo Monteiro (Belenenses). Como é óbvio, a direcção do Atlético tentou conservar a estrutura da equipa recrutando jogadores novos. Até que ponto as aquisições colmataram as saídas?

A intenção era conseguir um conjunto menor no ponto de vista quantitativo (17 seniores e três juniores) que o do ano passado: mas o melhor possível do ponto de vista qualitativo. Porém, as lesões têm impedido esse objectivo.

Descontente está a massa associativa, que recorda com saudade o tempo em que o seu Atlético militava entre os grandes do futebol português. Jesualdo Ferreira abre-se:

Os adeptos do Atlético são apaixonados e reagem às vitórias com alegria e às derrotas com atitudes variadas. Até ao momento, não tenho nada a dizer, embora considere que o apoio aos jogadores seja diminuto. De salientar que os associados são muito passivos, aqui, na Tapadinha: e quando se manifesta é contra a equipa... Jesualdo Ferreira, que substituiu a poucas jornadas do fim da 2.ª volta da época anterior o então treinador Celestino Ruas, renovou contrato no início da presente temporada por mais um ano, com o Atlético. Será que esta renovação «esconde» o receio de voltar ao escalão superior?

O facto de ter renovado com o Atlético define a aposta que a direcção do clube fez em mim, tendo em conta a capacidade e o trabalho realizado na época anterior. Por outro lado, o facto de voltar ou não à I Divisão não se prende com o medo do regresso ao escalão superior, até porque é mais fácil orientar uma equipa da 1.ª do que uma da 2.ª.

Que diferenças existem na orientação de um clube do escalão superior e outro de bloco inferior?

Sensíveis: um treinador da I Divisão tem tarefa difícil pela complexidade exterior da sua missão, o técnico do 2.º escalão tem que ultrapassar as dificuldades que se vivem nos clubes. Por outro lado, a cobertura da Imprensa facilita a tarefa dos técnicos da 1.ª, enquanto, os treinadores da 2.ª passam quase despercebidos.

Recordando o tempo de Jesualdo Ferreira na Académica de Coimbra: terá essa passagem pela «briosa» constituído um tracasso para a carreira do treinador?

Não foi um insucesso mas uma etapa da minha formação. Em Coimbra, tive oportunidade de contactar com outras situações. E, quando afirmo que não foi um fracasso digo-o porque a minha capacidade e personalidade nunca foram postas em causa. Sempre afirmei que a Académica com aquele «plantel», tinha possibilidades de dar continuidade ao historial do clube. O facto de ter passado tão fugazmente pela 1.ª Divisão poderá constituir uma perda de oportunidade de aí regressar tão cedo; ao contrário de colegas meus, que voltam no ano seguinte ou até mesmo mais cedo. Isso só confirma os laços complexos de que os treinadores são vítimas, um «status quo» já criado.

Na Académica de Coimbra, Jesualdo Ferreira, foi vítima da chamada «chicotada psicológica», quando apenas iam decorridas sete jornadas do «nacional». Serão as «chicotadas» um mal necessario?

Jesualdo Ferreira: que Atlético teremos, em 86?

São, acima de tudo, um acto tradicional do nosso futebol. Todas as tradições constituem uma etapa a ser preenchida e que envolve (ou não) uma certa falta de coragem de quem dirige. As «chicotadas» não trazem nada de novo e só vêm beneficiar quem não pontua bem: é o que está presentemente a acontecer na divisão maior. As «chicotadas» são também, atitudes comodistas: é sempre mais fácil trocar uma pedra do que, abanar uma estrutura.

Filomena Araújo

Árbitros têm costas largas?

A figura principal do nosso jogo com o Feirense foi o árbitro Fortunato Azevedo, como que a preparar ambiente quando se deslocar à cidade de Vila da Feira. Um dos fiscais de linha (Neves Fernandes ou Leite da Silva?) **até ofendeu alguns dos meus atletas (...) Nos bastidores passam-se factos que influenciam desagradavelmente o que se passa no rectângulo de jogo.**

• Francisco Andrade, técnico do Viseu e Benfica, para «Record».

●

Este empate (Oriental, 1 - Atlético, 1) **é da responsabilidade do árbitro Pinto Correia. Anulou-nos um golo limpo, marcou-nos um «penalty» duvidoso (pois foi um lance de perna contra perna) e, depois, não usou do mesmo critério quando um jogador nosso foi rasteirado dentro da área do Atlético, para além de ter expulsado o José Luís, sem que este tivesse sido advertido com o cartão amarelo.**

• António Baguinho (responsavel pelo futebol orientalista) também para «Record».

●

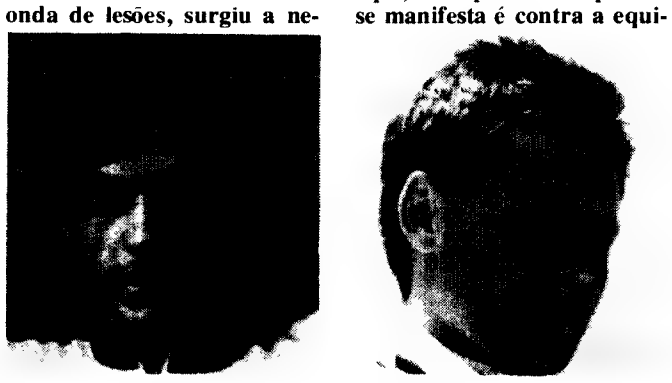
Um golo macabro, como este que aconteceu hoje, aqui (no Montijo), acabou com todos os sacrifícios. Como é que posso ter um bom Natal, depois de tudo isto?

• Mário Wilson, treinador do Estoril, igualmente para «Record».

●

O resultado poderia ter sido feito mais cedo se o árbitro Francisco Gonçalo tivesse marcado aquele «penalty». Enfim, não compreendo: não sei se há interesse em que a Académica não fique na 1.ª divisão, mas vamos consegui-lo, doa a quem doer.

• Vítor Manuel, treinador da Académica de Coimbra, falando para «Record», após o jogo dos conimbricenses com o Penafiel.



Pedalar de xadrez

António Alves e Benjamim Carvalho continuam sobre bicicletas mas mudaram de entidade patronal: do Sporting e do Lousa (respectivamente) para o Boavista. Na futura campanha, os axadrezados vão ainda contar com José Passos (ex-Ajacto) e Eugénio Passos (que estava no Tavira) continuando ao serviço do clube do Bessa quatro figuras: Manuel Neves, Duarte Pereira, Joaquim Neto e Rui Sevilha. A formação será treinada por José Santos e no comando da secção terá Moisés Carrasco, Jorge Silva e Vítor de Sousa.

Ciclismo: recorde mundial

O ciclista italiano Igno Minelli bateu, na Cidade do Mésico, o recorde mundial dos 100 quilómetros, percorrendo-os em 2 horas, 15 minutos, 44,34 segundos. A anterior marca mundial pertencia ao dinamarquês Jord Lund, com 2.18.43,60.

Mundo distingue atletas do ano

Os telexes começam a ficar inundados com relações de atletas e equipas distinguidos, por esse mundo fora, com títulos e prémios referentes a frutuosa actividade no ano que vai correr o pano.

O tenista Boris Becker, vencedor do Torneio de Wimbledon (aos 17 anos) e Cornélia Hanisch (campeã mundial de esgrima) foram designados «desportistas alemães-federais» do ano pela Imprensa desportiva da Alemanha Federal. Becker (actualmente com 18 anos) recebeu 3763 pontos na votação patrocinada pelo grupo internacional de jornalistas desportivos, contra 2722 do nadador Michael Gross e 1879 do golfista Bernhard Langer. Becker recebeu (indirectamente) outra distinção, ao fazer parte da equipa alemã-federal presente na Taça Davis, designada «o melhor conjunto do país» em 1985, à frente da equipa feminina de sabre e da tripulação alemã-federal na «Admirals Cup». Além de Becker, apenas o ciclista Gregor Braun (em 1976) conseguiu o prémio individual e colectivamente.

Estou, naturalmente, orgulhoso por vencer tão convincentemente, disse Becker, quando foi informado da escolha dos jornalistas desportivos. **Isto não quer dizer que Michael Gross e Bernard sejam inferiores, mas eu consegui alguns bons resultados este ano.**

Menino de ouro

Em Londres, um vietnamita de 13 anos, Hung Dang, foi considerado «o melhor jogador infantil do futebol britânico», em 1985. Hung, que reside no Reino Unido desde 1979, saiu do Vietname com a família num dos numerosos barcos de refugiados que abandonaram o país depois do ataque chinês. O jovem é médio da equipa da sua escola, St. Augustine, em Somerset, no sudoeste da Grã-Bretanha.

O título de melhor de 1985 foi ganho num concurso nacional para jovens promessas, organizado em honra de uma velha glória do futebol britânico, Bobby Charlton. O prémio de Hung será uma viagem a Itália, para visitar as instalações da Juventus.

Entre nórdicos

O avançado Michael Laudrup, que joga na Juventus de Turim (Itália), foi considerado o melhor futebolista dinamarquês de 1985, por um júri de profissionais, a que presidiu o seleccionador Seep Piontek. Laudrup (21 anos) que fora já considerado o melhor jogador dinamarquês em 1982, obteve este ano 16 votos, contra 10 do 2.º classificado (o defesa John Sivebaek, no Manchester United) e seis do 3.º (Preben Elkjaer, que integra a equipa italiana do Veróna).

Ginastas de 1.ª

Os atletas soviéticos Elena Chuchunova e Yuri Koroliov foram considerados os «ginastas do ano» por órgãos de Imprensa da União Soviética. Chuchunova (uma estudante de 16 anos) foi premiada pela 1.ª vez com um troféu instituído pela revista «Mulher Soviética». Koroliov, também estudante (mas com 23 anos), foi distinguido pela 3.ª vez pela revista «Jovem Comunista».

Golfe dá honraria

O alemão-federal Bernhard Langer, campeão no «Masters» dos Estados Unidos, foi eleito o golfista europeu de 1985, por um painel de ex-jogadores e jornalistas. Langer, que fez parte da equipa que ganhou aos norte-americanos a «Ryder Cup», conseguiu impor-se ao escocês Sandy Lyle, vencedor da última edição do «Open» britânico. Langar ganhou já os «opens» da Europa, RFA, Austrália e, recentemente, o Torneio de Sun City (África do Sul) onde arrecadou 300 mil dólares.

Braga: direcção mantém-se

A direcção do Sporting de Braga decidiu retirar o seu pedido de demissão, por solicitação **expressa e unânime do Conselho Geral** — informa um comunicado da colectividade. Na sequência da decisão do Conselho Geral, a direcção nantém-se em funções normais até ao próximo acto eleitorel, a realizar estatutariamente em Fevereiro.

O presidente da direcção, Mesquita Machado, decidiu delegar as funções de chefia do Departamento de Futebol a Nuno Cunha, segundo afirma o mesmo comunicado. Os órgãos dirigentes do Braga tinham apresentado o seu pedido de demissão na tarde de domingo, após o empate a um golo com o Aves, em jogo da 14.ª jornada do nacional de futebol da 1.ª divisão, na sequência da atitude tomada pelo treinador Henrique Calisto.

Amor a quanto obrigas

O jogador de hóquei Petr Klima, que abandonou recentemente a Checoslováquia com destino aos Estados Unidos, recebeu um presente de Natal inesperado: a chegada da sua noiva, Irena Zelenak. A última vez que se encontraram foi em Agosto, antes da partida da equipa da Klim para uma digressão à Alemanha Federal, destinada a uma série de jogos de exibição. Mas, Klima não regressou ao seu país e, quatro meses depois, é o maior goleador da equipa do «Asas Vermelhas» (de Detroit, Michigan). Zelenak decidiu, então, juntar-se ao seu namorado: e depois de ter feito sucessivas escalas na Hungria, Áustria e Alemanha Federal, chega a Detroit, para surpresa do noivo.

"Doping": técnico inglês sugere medidas mais duras

O técnico britânico de atletismo Frank Dick apelou à imposição de regras «mais duras» contra o uso de drogas no desporto.

As novas penalidades deviam dirigir-se a todos os atletas masculinos e femininos e, se necessário, aos próprios órgãos directivos — afirmou Dick na conferência anual do Conselho Central de Educação Física.

O técnico britânico dos atletas amadores disse ainda que o sistema proposto de irradiação dos atletas que acusassem testes positivos seria uma «solução benéfica para todos os países».

Natal sportinguista

Manuel Fernandes e Sousa (em destaque nas imagens) receberam da gerência sportinguista chefiada por João Rocha prendas natalícias destinadas aos seus filhos, durante uma bonita festa que os «leões» levaram a cabo com a colaboração de artistas do Circo Chen, que está radicado na lisboeta Praça de Touros do Campo Pequeno

"Juventude Leonina": uma claque pioneira

Quase pé ante pé, os nossos estádios de futebol viram chegar uma nova vaga de assistentes: as claques organizadas. Já são, pelo menos em termos estatísticos, perto de quatro dezenas as que incentivam os 16 símbolos que disputam o nacional maior e, ao que parece, com uma formação altamente organizada há vários anos: a «Juventude Leonina». Três comandantes desse bloco vieram à Redacção do «DL», e contaram a história do grupo:

— Tudo começou em 75/76: o João 9(filho de João Rocha) **frequentava o Colégio S. João de Brito e reuniu um conjunto de jovens sportinguistas que logo se intitularam «Juventude Leonina».**

João Castro Fernandes (o «Formiguinha») é o «leader» da «Juve Leo». Está no 2.º ano de História, na Universidade Livre. Veio até nós acompanhado pelo Filipe Franco Frazão («Caipira» entre os amigos, regressado há semanas de Montreux, onde concluiu um curso suíço de hotelaria) e Miguel Salema Garção (aluno do ensino secundário do Externato Luís de Camões). Os três vão contando coisas:

— Reconhecidas pela direcção do Sporting, há mais três claques: «Onda verde», «Força verde» e «Norte leonino». Mas, a «Juventude Leonina» é já o maior núcleo dos «leões»: cerca de 1600 integrantes (um quarto da claque é feminina) que, na noite do último Sporting - Benfica chegou perto dos cinco milhares.

«É necessário ser associado do Sporting, ter a quota em dia e, por ano, contribuir para a «Juve Leo» com 400 escudos, porque o clube apenas nos dá muito moral e uma sala (por baixo da bancada nova) **para guardarmos o nosso material: desde fotos a «posters» dos jogadores, que editamos para oferecer, até tambores e bandeiras.»**

A «Juve Leo» em noite de festa: recepção ao Benfica

Em esmagadora maioria, a «Juventude Leonina» integra alunos de liceus e escolas, que se reúnem para impulsionar as vedetas do seu clube nos jogos de futebol e nos grandes embates de hóquei e andebol. Não há idade limite para entrar na «JL»: **temos sócios com dias de nascidos** — garante o «Formiguinha», acrescentando:

— Nunca ensaiamos os movimentos: tudo é espontâneo. Nós (os comandantes do «exército») **ficamos cá em baixo, junto ao muro da bancada: o que fizermos é logo repetido pelos colegas. Durante a época, vamos fazendo um trabalho psicológico em todos os núcleos, quase porta a porta. Podemos garantir: estamos dez anos à frente das outras claques.**

Aqui há dias, por iniciativa da «Juventude Leonina», realizou-se o «2.º Congresso Nacional de Claques que, durante dois dias, animou o lisboeta Hotel Penta. Principais temas em debate: «A violência e o relacionamento entre claques» e «As claques em Portugal».

— Infelizmente, não tivemos, junto da generalidade dos órgãos de Comunicação Social, auditório pleno, embora conseguíssemos reunir 32 claques, inclusive da 2.ª divisão do futebol distrital.

As claques ostentam os nomes mais «impulsivos». Ora veja-se: «Força Avense» (Aves); «Dragões Azuis» (FC Porto); «Diabos Vermelhos» (Benfica); «Fúria Azul-Grená» (Chaves); «Alma Salgueirista» (Salgueiros); «Juventude Bracarense» (Sp. Braga); «Onda Verde» (Sporting); «Os Fundadores» (V. Guimarães); «Panteras Negras» (Boavista); «Os Marafados» (Portimonense); «Fúria Azul» (Belenenses); «Rubro-Negro» (Penafiel); «Força Verde» (Sporting); «Juventude Vitoriana» (V. Setúbal); «Os Comandos de Minerva» (Académica); Mancha Negra» (Académica); «Leões da Serra» (Sp. Covilhã); «Norte Leonino (Sporting); «Batalhão Negro» (Académico); «Fúria Negra» (Portimonense); «Dragões Ferozes» (Porto); «Esquadrão Azul» (Belenenses); «Leões do Bairro Alto» (Sporting); «Exército Rubro» (Benfica); «Força Azul e Branca» (FC Porto); «Torcida Verde (Sporting); «Oitavo Exército» (Setúbal) e «Onda Negra» (Académica).

— Mas a «Juventude Leonina» foi a pioneira (garantem as nossas visitas). **Possuímos uma grande experiência acumulada, a fazer prevalecer a nossa força: e já acompanhámos o Sporting a Sevilha, Auxerre, Roterdão e Bilbau. Fomos agora distinguidos com o troféu «Gandula», concedido pelo jornalista Wilson Brasil através da «Gazeta dos Desportos». Comandamos a classificação do «Prémio claques», no «Record». E temos uma aspiração: formarmos a melhor claque da Europa.**

Já foram tema de reportagem no diário francês «L'Equipe». **Queremos continuar, na mocidade, a mística do nosso clube. Fazer com que a assistência a um jogo de futebol não se pareça com o público silencioso que está numa sala de cinema. Levamos sempre roupa verde para Alvalade. Em jogos à noite fazemos desenhos com luzes. Já lá levámos os «Heróis do Mar», fazemos espectáculo com os raios laser. E temos outras surpresas agendadas: somos uma claque pacífica mas que pretende ser o mais expressivo grito de vida de uma massa associativa com mais de 105 mil unidades. O Sporting, neste momento e em todo o País, apenas tem menos sócios que o Automóvel Club de Portugal.**

Concluindo, o triunvirato das Relações Públicas da «Juventude Leonina» assegura:

— Até a UEFA já se informou sobre a nossa filosofia. Alegria e entusiasmo são o nosso lema: nunca a violência, física ou verbal, perante claques de outros emblemas.

Itália: nove milhões praticam desporto

Nove milhões de italianos, cerca de 15,4 por cento da população total do país, praticam algum tipo de desporto — anunciou o Comité Olímpico Nacional Italiano (CONI), baseado em dados recolhidos em 1983. Desta população desportiva, cerca de metade desenvolve actividades a nível competitivo em cada uma das federações que integram o CONI, enquanto os 4,5 milhões restantes são alunos dos vários centros educacionais e desportivos dependentes da organização.

No segundo grupo, incluem-se crianças que praticam (entre outras modalidades) minivoleibol, minibasquete e minifutebol nas escolas elementares, e aquelas que intervêm anualmente nos «Jogos da Juventude», que têm por sede as instalações do foro itálico.

No entanto, segundo Franco Carraro (presidente do CONI) **ainda há muito a fazer, embora o modelo organizativo que adoptamos esteja a produzir resultados muito positivos, não só a nível de competição como na divulgação do desporto.**

Carraro referia-se ao milhão de pessoas que, voluntariamente, colabora no desenvolvimento do desporto, entre os quais dirigentes, autoridades, treinadores e acompanhantes. Segundo o presidente do CONI, o Estado italiano enfrentaria um grave problema financeiro se tivesse de pagar ordenados aos 690 000 dirigentes de clubes, 80 000 juízes e 100 000 técnicos, cuja retribuição está a cargo dos clubes.

O futebol é a modalidade desportiva que atrai mais italianos (com 1 243 000 praticantes) e a sua força permitiu a expansão de outras disciplinas que cresceram à sua sombra.

Os dados recolhidos pelo Instituto de Estatísticas de Itália (e analisados pelo CONI) indicam que, para cada 100 000 habitantes, existem 110 clubes, 1212 dirigentes, 177 técnicos e treinadores, 45 juízes, 7928 atletas federados e um total de 15 403 praticantes distribuídos pelas diversas modalidades.

A percentagem média de atletas federados por clubes é de 72 e, no que respeita ao futebol, existe um clube por cada 4500 habitantes.

O estudo revelou (também) um diferente desenvlvimento desportivo nas várias regiões italianas, sendo as zonas Centro e Norte aquelas em que se pratica mais desporto. No nordeste de Itália, nas regiões de Trentino-Alto Adige, Veneza e Friuli, a percentagem de praticantes atingiu os 30 por cento, quase o dobro da média nacional. Pelo contrário, na zona Centro-Sul, particularmente nas regiões meridionais de Molise, Campania, Calábria e Sicília, a actividade desportiva é muito inferior a 15 por cento.

Segundo os responsáveis italianos, os números apurados explicam a melhoria conseguida nos últimos anos pela Itália, em competições internacionais, entre as quais os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em que o país transalpino obteve 14 medalhas de ouro, 6 de prata e 12 de bronze, ainda que seja de assinalar a ausência de fortes equipas dos países socialistas.

Bibliografia desportiva

Revista Portuguesa de Medicina Desportiva

Dirigida por Renato Graça (médico e atleta de prestígio) está em distribuição o volume referente a Novembro/Dezembro da «Revista Portuguesa de Medicina Desportiva», com um índice de trabalhos assinados por especialistas: João Mendonça, J. Leandro Massada, Duarte Freitas, João Mourinha, Manuel Martins, Helder Roque, António José Dias Ramos Gonçalves e nomes estrangeiros de igual relevância na medicina desportiva.

"Xutos e Pontapés": furar o cerco

«Cerco» é o álbum dos Xutos & Pontapés, recentemente lançado no mercado discográfico. O disco é o resultado de uma gravação «relâmpago», com dois dias para o instrumental, alguns temas registados com um só «take», como o som da banda, enérgico e cru.

A história dos Xutos tem início em 1978, nos arredores da casa do guitarrista Zé Pedro, nos Olivais, onde ensaiavam os Faíscas, banda em que militavam Pedro Ayres e Paulo Gonçalves, hoje, membros dos Heróis do Mar. Os Faíscas precisavam de dois músicos e puseram um anúncio num jornal da especialidade. De entre os diversos candidatos que por lá apareceram estavam Kálu e Tim, respectivamente o baterista e o baixista e vocalista dos Xutos.

Zé Pedro atento às movimentações dos Faíscas, andava por perto, e do encontro inevitável com Kálu e Tim saiu a ideia da formação de uma banda. E assim, com um vocalista chamado Zé Leonel, nasceram os Xutos $ Pontapés. Era o tempo da new wave em Portugal e bandas como os X& P, Minas e Armadilhas, Aqui Dell' Rock, e Faíscas partiam a loiça em Lisboa e arredores.

Em Dezembro de 1980 o Rock Rendez-Vous abria pela primeira vez as suas portas. No dia 8 de Janeiro de 1981 lá estavam os X&P a mostrar o seu valor e a prenderem a atenção dos dirigentes da casa, que desde logo os consideraram diferentes dos outros agrupamentos do então chamado «rock português».

Em 1981, o vocalista Zé Leonel saiu da banda e esta fica reduzida a quatro elementos, precisando de alguém para cantar. Tim, que já fazia uns coros quando era preciso, decidiu-se a assumir o papel de vocalista — instrumentista.

Gravam dois 'singles' de uma vez, editados no princípio de 1982, sendo as vendas diminutas. Em Maio do mesmo ano, a editora Rotação, acredita no grupo, e grava um Lp, sem título, do qual se venderam 1500 cópias, também só em Lisboa e arredores. Entretanto a banda vai dando os seus concertos e começa a ser solicitada para tocar fora de Lisboa.

A Remar

Com a reabertura do Rock Rendez-Vous, em Maio de 83, após quatro meses de encerramento por decisão policial, os X & P fazem o concerto da noite que deu que falar, mas havia problemas no seio do grupo e pouco tempo depois saiu Francis.

X&P mantêm-se algum tempo como trio a cumprir contratos já agendados e vão convidando músicos para a parte final dos seus espectáculos, criando assim uma dinâmica nova em torno da jovem música portuguesa. É durante este processo que toma lugar na banda o guitarrista João Cabeleira, ex-Vodka Laranja.

Todo o trabalho desenvolvido ao longo desse ano culmina com a gravação do 'single' «Remar, Remar», em 1984. Uma distribuição inadequada privou os fans da banda de comprarem o disco na maioria das discotecas e o resultado foi desolador: menos de mil exemplares vendidos à volta de Lisboa.

Durante 1984, apesar das aventuras discográficas não terem resultado da melhor forma, os X&P possuem uma agenda razoavelmente preenchida, inclusive com deslocações ao Norte do País, nomeadamente ao Porto. Em Dezembro a sorte bate-lhes à porta. São a imagem de marca de um Lp editado pelo RRV, intitulado «Ao Vivo no Rock Rendez-Vous». Este disco, gravado inteiramente ao vivo, incluía dois temas dos X& P e leva a energia da banda aos pontos mais remotos do País.

Em 1985 entra Gui, ex-Casino Twist, para acrescentar a sonoridade de um saxofone ao instrumental do grupo. Este é também o ano de entrada do «manager» Vítor Silva, elemento que faltava para a estabilização da banda. Com entrada deste surgem três concertos em Espanha, respectivamente em Mérida, Cáceres e Albuquerque, e começava também a romaria dos contactos com as principais editoras com vista à gravação do álbum há muito desejado e merecido. Nada se concretiza.

No dia 4 de Outubro são de novo os Xutos & Pontapés a reabrir o RRV, depois de dois meses de encerramento para obras. A lotação da casa esgotou. Na rua, ficaram dezenas de fans aos berros. O contrato para a gravação de «Cerco» foi firmado.

Amanhã, para si

Um filme de Mrinal Sen

Com a exibição, amanhã às 18.45 h, no Estúdio 444 de «Ruínas» de Mrinal Sen, concluímos o ciclo de filmes do Festival de Tróia que temos vinco a patrocinar em colaboração com o ABC — Cineclube de Lisboa. **É mais um exemplo de cinema que não chega aos circuitos comerciais portugueses. É mais um filme importante que lhe propomos em condições financeiramente muito eepeciais.**

Três amigos resolvem afastar-se por uns dias do bulício da cidade, indo veranear para uma imensa mansão, meio arruinada, do que outrora fora uma propriedade feudal.

Nessas ruínas vivem ainda, últimas herdeiras de um passado grandioso, duas mulheres: a mãe, cega e acamada, espera o regresso de um sobrinho que, anos atrás, prometera casamento à filha; esta, que sabe que o primo está longe, casou e a esqueceu, cala o seu segredo mantendo a piedosa e única esperança de vida da velha senhora.

Um dos visitantes, fotógrafo de profissão, aceita porém fingir que é esse sobrinho tão aguardado e, durante três dias, as ruínas senhoriais vão conhecer um simulacro de amor e vida. Depois, a realidade retomará o seu curso e os seus direitos.

É esta bela história que Mrinal Sen, cineasta indiano de vasta e reputada filmografia (mas que, em Portugal, permanece comercialmente ignota), narra no filme que lhe propomos veja amanhã: **Ruínas.** Apresentado, com êxito, em Tróia (onde, aliás, foi galardoado), depois de ter feito um prestigioso périplo de festivais internacionais (nomeadamente na secção «Un certain regard» de Cannes/84), **Ruínas** não está comprado para exibição no mercado português, pelo que a sessão de amanhã é, com toda a probabilidade, irrepetível.

Mrinal Sen de quem amanhã exibimos, às 18,45 h, no Estúdio 444 «Ruínas»

O conhecimento da obra de Mrinal Sen (que é, com Satyajit Ray, a proa do cinema na União Indiana), ao longo de quase três décadas de actividade materializada em vinte e cinco longas-metragens, não fica — nem de perto nem de longe — sequer aflorado com a visão de **Ruínas.** Mas é um passo, um pequeno passo mais no rompimento do cerco que o cinema americano está a fazer, com sucesso, em Portugal a tudo o que lhe saia da órbita.

Pensamos que há mais mundo e mais cinema:

Ruínas, agora, por exemplo.

Entretanto, para beneficiar das favoráveis condições de acesso reservadas aos leitores do «DL», recorte o cupão que hoje (e amanhã) aqui publicamos e siga as instruções nele expressas.

O "impulso" do T.H.C.

Os THC, um novo grupo de rock, lançaram o seu primeiro «single» intitulado «Leve Impulso». Eles são o Marco Santos, na voz e teclas e o João Cabeleira, na guitarra e programações de baixo e bateria electrónica.

Vencedores do Segundo Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous, os THC, nasceram como grupo nessa data, ao tomarem conhecimento de que o regulamento não impedia ainda a participação de músicos convidados — João Cabeleira é um dos guitarristas dos Xutos & Pontapés, e um dos melhores guitarristas rock portugueses.

A banda formada apenas por dois elementos, tem como colaboradores, em espectáculos ao vivo, o Gui, no saxofone, também dos Xutos e Luís Sampaio, dos Croix Sants. Em 1981, os dois másicos faziam parte dos Vodka Laranja e chegaram a graver um disco que nunca ninguém viu. Sem grandes perspectivas de futuro a banda desfaz-se e fica Marco e João Cabeleira, unidos por uma amizade mais antiga que o agrupamento.

Em 1983 vão compondo umas coisas em conjunto sem saberem realmente com que destino.

Exposição colectiva de sócios da Cooperativa Árvore

A Cooperativa Árvore do Porto inaugurou quarta-feira a sexta exposição colectiva constituída por cerca de 150 trabalhos de 76 dos seus sócios.

Paralelamente a Árvore organiza debates sobre «A arte e os artistas do Porto» e «A Árvore e o seu fruto».

Por iniciativa daquela cooperativa artística e cultural portuense e com o apoio do Ministério da Cultura, está a ser mostrada no Norte do País uma exposição constituída por 21 trabalhos de jovens artistas do Porto: António Olaio, Augusto Canedo, Carlos Mesquita, João Gonçalves, Marrucho, Pedro Tudela e Sousa Vieira.

Denominada «Porto — Tendências Actuais», a mostra, integrada no Ano Internacional da Juventude, esteve patente em Chaves, Bragança, Vila Real, está agora em Guimarães e seguirá para Cerveira, Viana do Castelo, Paredes de Coura e Caminha.

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Cartaz DL

«RUÍNAS» de Mrinal Sen

Estúdio 444
Dia 27
18.45 h

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 60$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC).

X Festival de Música do Algarve arranca em Abril

O X Festival Internacional de Música do Algarve inaugura-se a 26 de Abril de 1986 com a apresentação da Orquestra Juvenil das Comunidades Europeias, anunciou a região de turismo, entidade organizadora.

O espectaculo inaugural realiza-se no Cinema Santo António, em Faro.

O festival, que se prolongara pelos meses de Maio e Junho, continuara como os anteriores sob a direcção artística do musicólogo algarvio Pereira Leal.

A organização informou também que o cartaz alusivo a este acontecimento esta a ser elaborado pela pintora Maluda.

O futuro dos "Thompson Twins"

«Here's To Future Days» é o último álbum dos Thompson Twins, que inclui o «hit» «Don't Mess With Doctor Dream», relacionado com a campanha contra a heroína. Este disco, lançado em Setembro deste ano é talvez o melhor da carreira da banda britânica.

Os thompson Twins, com mais de 20 milhões de exemplares vendidos das suas rodelas de acetato, são uma das bandas com mais sucesso em Inglaterra e em todo o mundo. A sua maior conquista foi com o tema «Into The Gap», em que estiveram no primeiro lugar dos topes de «singles» e LP's, durante três semanas.

A banda formou-se em 1977, em Sheffield, e o seu nome foi influenciado pelos dois irmãos gémeos do TinTin. De início eram quatro elementos, mas logo se lhe acrescentaram mais três, do modo que constituíram uma banda de muito efeito rítmico.

«Animal Laugh» e «Make Bilieve» foram os seus dois primeiros «singles» que praticamente não causaram impressão, mas com o terceiro, «In The Name of Love», de 82, conseguiram um impacto tremendo, subindo nas primeiras semanas para os primeiros lugares da Bilboard. Nesta altura o grupo foi considerado, pela primeira vez, um dos nomes superiores do pop britânico.

«Quick Step and Side Kick», o novo álbum de Fevereiro de 83, entrou directamente para o segundo lugar das tabelas britânicas, e ali permaneceu durante mais de um ano.

Seguiram-se «singles» como «Love On your Side» e «We Are Detective», que caracterizam o novo som dos Thompson Twins, sobretudo dançantes... Lançaram em 84 um clássico, «Hold Me Now», que vendeu mais de cinco milhões de exemplares e «Doctor, Doctor» foi considerado uma das melhores canções da banda.

Com «Into The Gap», em Fevereiro de 84, a banda aparecia com um som mais melódico e mais calmo. O álbum entrou directamente para o primeiro lugar dos top's, conquistando dois discos de platina em Inglaterra. Depois foi a vez de mais um êxito «You Take Me Up».

Depois do álbum de Novembro, «A Lay Your Hands On Me», os Thompson Twins empenharam-se numa longa digressão por todo o mundo e os temas que gravaram começaram a ser produzidos por Tom Bailey. Em Julho deste ano, apareceram no «Live Aid». Depois, foi o trabalho para «Here's To Future Days», com produção de Nicole Rodgers.

Paris em arquitecturas

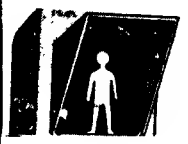
Continuação da pág. 3

d'Orsay, lançado anteriormente pelo presidente Giscard, aproveitando, numa excelente adaptação, a velha estação de caminho-de-ferro, mesmo defronte do Louvre, inaugurada em 1900, com todo o gosto ecléctico da altura, osbra de V. Laloux — e agora também, por concurso bem ganho, de R. Bardon, P. Colboc e J.P. Philippon. Museu da arte da segunda metade do século XIX, com recuperação de valores académicos românticos ou realistas, este novo museu, a inaugurar em breve, será também pelo seu programa uma notável peça na rede de museus parisienses — que nela faltava, por dispersão ou pública ignorância dos respectivos fundos.

E este aproveitamento da «gare d'Orsay» faz lamentar a incúria havida, quando se deixou perder as construções metálicas dos Halles ditos de Baltard — de resto a favor de uma arquitectura de consumo, ainda em custo, ao gosto actualizado de anos 30, que não honra Paris, e nesta esposição se não mostra. A Ópera da Bastilha, ideia também do presidente Mitterrand, retoma curiosamente uma ideia do Segundo Império, quando David (que foi o arquitecto da estátua de D. Pedro IV no Rossio) se encarregar de imaginar uma sala popular de música para equilibrar culturalmente e socialmente a Ópera luxuosa de Garnier. Ela será, com projecto do uruguaio C. Ott, uma construção festiva, oferecendo grandes possibilidades técnicas à Ópera contemporânea, num neo modernismo bem vidrado nas fachas, que não deixará, porém, de traumatizar o velho bairro popular.

O Ministério das Finanças, no cais de Bercy, à beira do troço aéreo do Metro e inspirando-se na sua estrutura, numa intenção «simbólica» defendida pelos arquitectos vencedores do concurso (P. Chemetov e o chileno B. Huidobro), mas não muito crível, é um vasto complexo perpendicular ao Sena e com complementos em ângulo a ele paralelos, para abrigar repartições. O Parque de la Villette, por seu lado, define-se em várias situações e com vários programas que incluem mesmo a recuperação do matadouro oitocentista (Ph. Robert e B. Reichen), vastíssimo «hall» de exposições com admiráveis possibilidades, aliás já experimentadas pela última Bienal de Paris. Outras edificações, um conjunto de Ciências e Indústria (A. Fainsilber), um conjunto consagrado à música (C. de Portzamparc) com grandes cuidados de acústica espacial, o «Zenith», grande sala-circo de estruturas levas (Ph. Chaix e J.P. Morel) cabem num parque tratado por B. Tschumi. Quanto ao Instituto do Mundo Árabe, em que se empenham dezanove países que dele fazem parte, é um vasto edifício vidrado composto por dois corpos, um recticlíneo, outro, anterior, curvo, em meio arco de círculo, conforme ao terreno dado à construção. São seus autores, J. Nouvel e o Architecture Studio, de Paris, parece que sem grande imaginação criativa.

Para terminar, a «cabeça da Défense», novo topo ou pólo oeste da cidade, para além do eixo dos Champs Elysées e do seu arco de triunfo da Etoile, inserido e dando sentido final, talvez, sim ou não simbólico, ao complexo de arranha-céus do sítio de Défense. Trata-se de um arco utilizável, cerca dum «carrefour» internacional da comunicação, num projecto geral do dinamarquês J.O. Spreckelsen que ganhou o concurso, fazendo vingar a solução de um cheio (mesmo esvaziado em arco, espécie de fantasma da Etoile) contra a de um vazio que no sítio preferia nada edificar, para manter a perspectiva pura da cidade, nessa sua extremidade. Preferência oficial não quer dizer razão, nem seu contrário — e, ao arco cúbico que se vai erguer, outra ideia e outra prática de Paris poderão continuar a antes desejado (ou ter desejado...) um vasto espaço de fim de mundo — ou de fim de Paris...



TEATRO

Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos, em «Tutankamon e a sua Rainha»

Teatro

• O grupo de teatro **Maizum** tem em cena na Casa dos Tabuenses, na Rua dos Poiais de São Bento, n.º 75-B, pelas 21.45 horas a peça «Tutankamon e a sua Rainha», uma farsa trágica escrita em 1969, por Adolfo Gutkin. O enredo conta a história de um homem e uma mulher que jogam um jogo de verdade / mentira, passado / futuro, vida / morte, após muito terem vivido. Nessa teia que os imobiliza, eles movem-se à procura de uma certeza, duma razão para continuarem o jogo. A bola, quando em nosso poder, ou a lançamos ou a retemos, mas quer façamos uma ou outra coisa, a finalidade é depositá-la num espaço (reservado e) bem (ou mal) defendido pelo «adversário». Romper esse espaço sinaliza superioridade e vitória. A peça pode ser encarada como um «match», um desafio, onde cada jogador utiliza todas as suas capacidades para atingir o seu objectivo. «Tutankamon e a sua Rainha» tem encenação, dramaturgia e luzes de Adolfo Gutkin; interpretação de Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos: cenografia de Ana Vieira; revisão de tradução de Luísa Neto Jorge;assistência de encenação de Isabel Pacheco; sonoplastia de Carlos Achemann; luminotecnia e som de Luís Fernandes e montagem de Henrique Nunes.

• No Teatro da Trindade continua o **Festival Grupo de Campolide,** esta noite com a representação de peça «A Queda dum Anjo», que sobe ao palco pelas 21.30 horas. O espectáculo está ainda em cena amanhã e dias 29 e 31.

Música

• Hoje, amanhã e depois, em dois «set's» pelas 22.30 e 0.30 horas, no Hot Clube de Portugal actua o **Grupo de David Gausden.**

O Grupo constitui-se, nas palavras do seu líder, para explorar «a grande tradição Jazzística dos EUA». Tocando obras dos maiores compositores do jazz, como D. Ellington, Charlie Parker, Tehelonious Monk, Coltrane, Ornette Coleman, Wayne Shorter, etc, o grupo é, naturalmente, portador das concepções do seu líder, muito próximas das do jazz «Estadunidense». É talvez o grupo português com uma forma de tocar e um reportório mais perto daquilo que é a concepção geral do jazz, como forma de arte baseada na improvisação, vitalidade, alegria de tocar e atitude aberta e dessacralizada em relação aos materiais musicais utilizados. Daí que, com base no material descrito acima, o grupo se afirme como tocando «tudo, desde o swing à fusão e às correntes contemporâneas». Os seus componentes são, para além do seu líder, David Gausden, director da Escola de Jazz do HCP e personalidade activíssima no desenvolver do jazz português e na descoberta de novos talentos, Carlos Vieira, um veterano membro do Quinteto de Maria João, Jorge Reis, músico multiforme, novo no jazz e violinista da Orquestra Sinfónica da RDP, e Mário Delgado, um dos talentos revelados na Escola do Hot e já anteriormente membro do «Ars Nova».

Cinema

• No Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, continua o ciclo de cinema. Nesse âmbito è hoje projectado, pelas 21.30 horas, o filme do realizador **Jacques Tati** «Parede». O filme é para maiores de seis anos.

Exposições

• Na Galeria Gilde, em Guimarães, estão patentes ao público duas exposições. Na primeira sala da Galeria encontra-se exposta uma mostra de **pinturas japonesas** sobre papel de arroz, dos princípios do século. Noutra sala pode ser visitada uma exposição de escultura e desenhos de **Minoru Niizuma.** O catálogo desta mostra inclui textos de Lisa Taylor, directora do Smithsonian Institution's National Museum of Design; de Thomas Messer, director do Guggenheim Museum, e ainda do próprio Niizuma.

CINEMA

Uma cena do filme «A LUA NA VALETA», realizado por JEAN-JACQUES BEINEIX com GÉRARD DEPARDIEU, NASTASSJA KINSKI e VICTORIA ABRIL. Em exibição no cinema QUARTETO

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Alfa Club
T. 763319
A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14:00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
COTTON
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930
OS GOONIES
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
AMERICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscópio
— T. 795093
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
SEXO AO DOMICÍLIO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
OS GOONIES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
O MUNDO FANTÁSTICO DE OZ
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
RAIVA SILENCIOSA
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
OS DOIS SUPER POLÍCIAS EM MIAMI
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
UM DUELO IMPLACAVEL
(int. men. 13 anos)
24.00 h
(Int. 18 anos)

Cine Portela
— T. 2524761
MADONNA — O CLA DE SUSANA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

MISSAO FINAL
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
CARAVANA DA CORAGEM
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
O PAI NATAL
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
REQUIEM PARA UMA MULHER
(int. 13 anos)
15.30 e 18.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
MARY POPPINS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
O MUNDO FANTÁSTICO DE OZ
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109
JAMES BOND 007 — ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O MUNDO FANTASTICO DE OZ
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

A CARAVANA DA CORAGEM
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037
CICLO EISENSTEIN
ALEXANDRE NEVSKI
16.00, 19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 19.00 h

Hollywood
— T. 802859
O ESPIÃO DO SAPATO VERMELHO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
REQUIEM PARA UMA MULHER
(int. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30

Las Vegas
— T. 631162
AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
«THE COTTON CLUB»
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
RAÇA VIOLENTA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
O DESEJO DAS INGÉNUAS
A partir das 14 horas
Sessões continuas
Filme pornografico

Pathé
— 821933
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
OS DOIS SUPER POLÍCIAS EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN
24.00 h

A CASA E O MUNDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ZARDOZ
24.00 h

A LENDA DA FLORESTA
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS
23.30 h

A LUA NA VALETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O VALE DOS PERDIDOS
24.00 h

N'Gola
UTU, O ULTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
007 – ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
O NOSSO FUTEBOL
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45

Roma
T. 889192
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANOES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
O ULTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Vox
T. 880808
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
LADRÕES DE AUTOMOVEIS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
OS REPETENTES EM FERIAS
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
BLUE BOY & COMP.ª LD.ª
21.00 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cinestúdio — «A Rosa Purpura do Cairo», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «Cotton Club», às 15.30 e 21.30 (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Os deuses devem estar loucos», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (não aconselhável men. 13 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Amor e musica», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
MEM MARTINS — Cine Teatro Chaby — «Descanso».

Linha de Cascais
CASINO ESTORIL — Matinee infantil «007 Alvo em Movimento», as 17.00 e 21.15 h.
ALGÉS — Cinema 2000 — «Branca de Neve e os Sete Anões», as 15.30 e 21.30 h (para todos)
SPORT ALGÉS E DAFUNDO Cristine — «O Carro Assassino», as 21.30 h.

Outra Banda
ALMADA — Academia — «Historia Interminavel», as 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
ALMADA — Incrivel — «O clube», as 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
PAVILHAO JARDIM — «Bruce Lee Super Heroi» as 21.30 h

NÃO

FUME

EM

RECINTOS

FECHADOS

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 24 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CHELAS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **GALINHEIRAS - CHARNECA -LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453), **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO — ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALAMEDA GAGO COUTINHO — Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Mamade Curie, 15-A (T. 723220); **RESTELO - À AVENIDA VASCO DA GAMA -ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 60-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Pnoras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

ALGÉS — Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Coutoo lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4232485). Permanente; **Solla**, loja D, lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 9500045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

DL TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

«**PÁSCOA**» de August Strindberg. Encenação de Luís Miguel Cintra. Cenografia de figurinos de Cristina Reis.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«**JARDIM DE OUTONO**», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

De terça a sábado, às 21.45

Aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friechrichtk ZWaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97

Todos os dias às 21.30; quintas, sextas e sábados às 16.00; domingos às 17.30; dia de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

«CIRCO DE NATAL». Rola-rola, mula cómica, gatos pretos, pombos em liberdade, barristas, malabaristas, ilusionismo, palhaços, faz-tudos e elefantes.

Grupo de Teatro Marzoni

R. Poiais de S. Bento, 758-2.º — Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado às 21.45

«**TUTANKAMON E A SUA RAINHA**», de Adolfo Gutkin. Interpretado por Carlos Paula Vasconcelos, Ana Vieira, Luísa Neto Jorge, Isabel Pacheco, Carlos Achemann, Luís Fernandes e Henrique Nunes.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Todos os dias às 21.45; sábados e domingos às 16.00

«**ARSÉNICO E RENDAS VELHAS**». Original de Joseph Kesulrind. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa, Luísa Barbosa.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 36

Sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**O MORGADO DE FAFE EM LISBOA**», de Camilo Castelo Branco, encenação de Ruy Matos.

D. Maria II — Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 16.30

«**VIRGINIA**», interpretado por Carmen Dolores, João Vasco e Luísa Salgueiro. Encenação de Carlos Avilez.

Soc. Inst. Guilherme Cossul

Av. D. Carlos I, 61, 1.º

Sextas e sábados às 21.30

«**REI DA VELA**»

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000

Festival Grupo de Campolide — Companhia do Teatro de Almada

De 3.ª a 6.ª, às 21.30

«**HUGHIE ANTES DO PEQUENO ALMOÇO**»

Teatro Variedades

Parque Mayer – Tel. 32 60 37

Todas as noites às 21.30

«**UM CORONEL EM 2 ACTOS**». Adaptação de Francisco Nicholson. Direcção e encenação de Varela Silva. Cenários de Octávio Clérigo. Interpretado por Camilo de Oliveira, Alina Vaz, António Feio, Paulo Marcelo, Dulce Guimarães e Francisco Nicholson (artista convidado).

Circo Chen

Praça de Toiros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30; quintas e sábados às 16.00; domingos e feriados às 15.00 e às 17.30

«**O PRIMEIRO CIRCO DA EUROPA**» com a grande atracção mundial Família Zambo.

Circo Americano

Praça de Espanha

Todas as noites às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

Jibóias, caniches, trapezistas-voadores, palhaços, salto mortal automóvel.

Teatro do Século

R. do Século, 41

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.30.

«**EMBALAGEM PERDIDA**» de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado às 21.30

Domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, e Paulo Ferreira.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Maria Matos

Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07

A REVISTA À PORTUGUESA

1.ª parte 1910 a 1945

De 3.ª a sábado às 21.45, aos sábados também às 16, domingos só às 16.

Escolha de textos e cooperação literária de Joaquim Pessoa, com Aida Baptista, Vítor Rosado, Margarida Carpinteiro, Maria da Graça, Vitorino, Hercinda d'Almeida, Rui de Sá, José Raposo, Gabriel Pais, Jorge Trincheiras, Sílvio Pleno e o Grupo de Bailado Olissipo.

Feira Popular de Lisboa

CIRCO PAQUITO CARDINAL

Todos os dias às 21.30, domingos às 17.30

Porto — Campo Alegre

R. Camões, 312, 2.º-A — Tel. 38 21 31

A «Seiva-Trupe» apresenta todas as noitas às 21.45; domingos ás 16.00

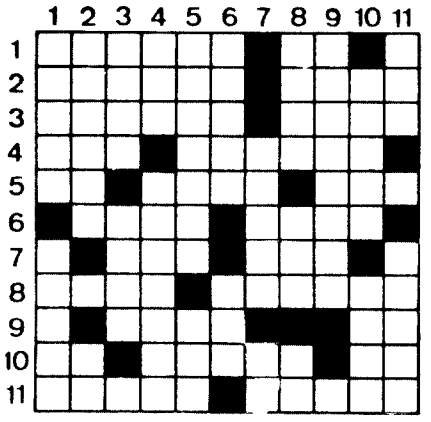
«**OS AMOROSOS DA FOZ**» de Camilo Castelo Branco. Encenação de Norberto Barroca, cenografia de Manuel Passos e música de Paulino Garcia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 457

HORIZONTAIS:

1 Paladares. Pede determento. Conjunção.
2 Antiga cidade da Sarmácia. Mandioca doce.
3 Enfarruscas. Deusa do casamento e da família, irmã e esposa de Osíris e mãe de Horus.
4 Graúdo. Pequena rede de pesca (Bras).
5 Em a. Mais mal. Indiviso.
6 Invulgar. Pronome demonstrativo.
7 Freguesia do concelho de Esposende. Dé mios.
8 O primeiro dos deuses da mitologia escandinava Marcos.
9 Vulcão da Sicília. Lt.
10 Pertences. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. O mais.
11 Intuição. País.



VERTICAIS:

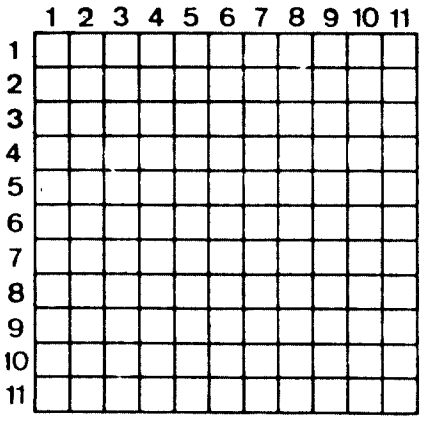
1 Pequena cidade do Panamá. Colorações.
2 Enferrujar. Pronome reflexo.
3 Juízo. Aguce.
4 Acrescentando uma vogal é rio da Lapónia. Queixumes.
5 Ensejo. Recusa
6 Ilha do mar Jónio. Bigorna de aço sem hastes.
7 Pecado. Item.
8 Carne de porco metida em tripa de intestino grosso. Senhor em inglês. Pronome reflexo.
9 Investigam.
10 Cama (pop). Vila e concelho do distrito de Aveiro.
11 Aqui está. Alberga por esmola.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 617

HORIZONTAIS:

1 Rei do Egipto da 4.ª dinastia, cerca de 2800 aC. Doença dos vegetais que os faz definhar.
2 Besuntais. Prender com elos.
3 Ena? Abreviatura de Santíssimo. Proferirá.
4 Doutor. Aterrorizado.
5 Nesse lugar. Uma das Espórades. Guarneça de asas.
6 Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Prata (s.q).
7 Vila e sede de concelho (Braga). Fímbria.
8 Detestar.
9 Gálio (s.q). Induzir.
10 Pertenças. Vai pelo ar com grande velocidade. Lagoa do Estado da Baía.
11 Aperfeiçoássemos.



VERTICAIS:

1 Um dos Estados da Federação da Malásia. Capital da Argélia.
2 Reuniriam. Agarrei.
3 Letra grega. Tanto.
4 Preposição e artigo (inv). Despertava.
5 Aquele que fabrica ou vende pistolas.
6 Pronome demonstrativo (pl). Curas.
7 Batráquio.
8 Calhau. Consentimento.
9 Profeta judeu no tempo de Acave e de Jezabel. Diz-se do que é engraçado, esquisito, extravagante.
10 Prelado. Suspiros.
11 Cidade da Argélia. Unha forte e curva.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º 14 456

HORIZONTAIS:

1 COMO. VIVE. O.
2 Oca. Vira VS.
3 Matars. Grãs.
4 Rã. Visasse.
5 Dás Éter Só.
6 Somara As
7 Alas Me. Al.
8 To Nabos
9 Rn. Rs. Ocaso.
10 Ecoa. Or.
11 Ia. Sacaras

VERTICAIS:

1 Com. Dra. REI.
2 Ocara. Lança.
3 Matasse.
4 Ostras
5 VIVEM OS.
6 Visitam. CC.
7 Ir. Sereno
8 Vagara Açor.
9 Rs. Abara
10 VASSALOS.
11 Osseos. Sós.

PROVÉRBIO: Como vive o rei, vivem os vassalos.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N 15 616

HORIZONTAIS:

1 Boa. Mesa.
2 Écula. Aviso.
3 Sacar. Cones.
4 Hió. Uçu.
5 Aa. Sião.
6 Mad. Missa.
7 Ecaras. Sores.
8 Nó. Anos.
9 Trapaceiros.
10 Dó. Alar. És.
11 Aos. Sa. Mau.

VERTICAIS:

1 Testamento.
2 Ca. Acorda.
3 Buchada.
4 Olaia. Rapas.
5 Aaro. Banal.
6 Socas.
7 Macuim. Será.
8 Evocais.
9 Sinuoso. Tem.
10 Ase. Serosa.
11 Ostras.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **7.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.33**: Suite, em mi maior e fantasia, em dó maior, de Haendel; **16.45**: Árias de óperas, de Verdi; **17.00**: Integrais; **17.31**: «Gaspar de la Nuit», de Ravel; **18.00**: Música, de Bach; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.15**: Concerto, para harpa e alaúde, de Häendel; **20.40**: «Pinguis Est Paris», de João Rodrigues Esteves; **20.50**: A ópera «Tosca», de Puccini; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.25**: Trio, em lá menor, de Maurice Ravel; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **21.15**: Programas religiosos; **23.00**: Vigésima quarta hora: **01.00**: Peça o que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Ré maior; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Especial corrida; **23.00**: A hora é esta; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional (Braga, Porto, Lisboa e Évora)

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

14.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio da série «As Aventuras de Marco Polo».

18.10 — Notícias

18.25 — Curso de Inglês

18.50 — A Rádio Vai ao Circo

19.55 — O Livro Grande de Petete

«Turron»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor

Lipe deixa Cláudia surpreendida quando lhe afirma que sabe ser sua intenção terminar o noivado com ele. Diz-lhe ainda que não deve recear tomar essa atitude pois, depois do perigo que correu com a doença já nada o atemoriza.

Cláudia devolve-lhe a aliança e separam-se depois de se beijarem amigavelmente.

Agenor dá uma avultada quantia a Renata, com a qual ele deveria pagar o fornecimento de bebidas para a sua empresa.

Muriel convence Fernando a comprar 500 exemplares do primeiro livro que será editado pela sua nova empresa. Assim o projecto ficará financiado.

Jorge Augusto procura consolar Lucia da ausência do filho, explicando-lhe que o menino parece feliz em casa do pai.

21.30 — Actual

Presidenciais/86 com a Eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo e o prof. Freitas do Amaral

22.35 — Crime, Disse Ela

Numa maravilhosa ilha mediterrânica, Jessica Fletcher e um restrito número de convidados comemoram animadamente o sexagésimo aniversário de um famoso pintor, Diego Santana. Visivelmente preocupado, ele revela a Jessica que recebera uma ameaça de morte. Em seguida, conta-lhe que, no dia anterior, um inesperado desmonoramento de uma gigantesca urna ornamental quase o atingira... Uma numerosa lista de potenciais suspeitos porá à prova, mais uma vez, a argúcia e perspicácia da escritora Jessica Fletcher.

23.30 — Último Jornal

«Marco Polo» (desenhos animados)

«Horizontes de Glória»

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados

«O Homem de Plástico»

19.55 — Som de...

Com Jaime Oliveira

«Crime Disse Ela»

20.20 — Conheça Melhor

«Áustria»: no coração da Europa: A Cultura e a Arte Romana

20.50 — Horizontes de Glória

(10.º Episódio) Uma repórter curiosa é encarregada de escrever um artigo sobre a vida de um piloto de experiências e o Coronel Sarnac é escolhido para o efeito. A jornalista começa a querer entrar em área exclusivamente da competência militar e o Coronel Sarnac sente-se pressionado...

21.45 — Encontros Com

«Solistas de Lisboa» Olga Prats — Pianista; Artur Moreira — Clarinete; Álvaro Cunha — Fagote; Lopes da Cruz — Oboé; e António Costa — Trompa. Interpretam o Quinteto Kv 452, de Mozart. A entrevista a este grupo é conduzida por Carlos Pinto Coelho.

22.30 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

09.00 - Curso de Complemento de Formação para Professores de Trabalhos Manuais e do 12 Grupo
12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.55 — Antes que o Rio Esqueça
19.20 — O Mar e a Terra
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.15 — Revista Internacional do Ano
22.25 — Duarte & C.ª
23.20 - Televisão — A «caixa» que mudou o Mundo
00.15 - Último Jornal

RTP 2

19.30 - Desenhos Animados
19.55 — Medicinas Alternativas
20.25 — A História dos Teatros em Portugal
21.55 — Directo/2
23.00 - Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
SPECTRUM 48 K
FABRICO INGLÊS
20 900$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 21.30 Actual
RTP 2 20.50 Horizontes de Glória
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 · Cruz Quebrada · Telef 2112871

DL
FORTE PACO
Fundador Joaquim Paço

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
02.30 **3,60 m**	08.08 **1,30 m**
14.52 **3,70 m**	20.17 **1,30 m**
Dia 27	
03.08 **3,90 m**	08.41 **1,30 m**
15.30 **3,70 m**	20.52 **1,30 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	4°
VIANA DO CASTELO	9°
VILA REAL	5°
PORTO	10°
COIMBRA	8°
CABO CARVOEIRO	13°
CASTELO BRANCO	7°
PORTALEGRE	6°
LISBOA	10°
ÉVORA	8°
BEJA	9°
FARO	9°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

Fraude de Mira vai a tribunal

O ex-gerente da agência do Banco Pinto e Sotto Mayor de Mira, Joaquim Lúcio Barros de Carvalho, acusado de fraudes bancárias que ascendem a 250 mil contos, foi hoje entregue ao Tribunal de Vagos, juntamente com o respectivo processo instruído pela Polícia Judiciária de Lisboa.

Como então foi largamente noticiado, em Março do ano passado foi detectada uma fraude cambial processada através daquela dependência bancária em Mira envolvendo, segundo se indiciava, nomes sonoros que logo despoletaram várias pressões nas entidades encarregadas do respectivo esclarecimento.

Entretanto, o até então gerente da agência bancária, Barros de Carvalho, desaparecia vindo a ser conhecido o seu paradeiro no Brasil de onde foi extraditado apenas em Novembro último, por interferência dos Serviços Jurídicos e Tratados do Ministério dos Negócios Estrangeiros junto do ministro da Justiça do Brasil.

No entanto e enquanto se instruia o respectivo processo uma medida governativa viria a amnistiar os autores de fugas de capitais beneficiando assim alguns «sócios» do Barros de Carvalho, medida pouco transparente e bastante criticada no meio forense e policial.

O ex-gerente agora arguido foi na altura despedido por justa causa por emissão fraudulenta de cheques sobre o estrangeiro mas, beneficiou da concessão de tempo suficiente para ultimar alguns negócios particulares, vender prédios e as quotas que possuia em diferentes sociedades antes de fugir

Após a sua fuga a Judiciária viria a prender seis indivíduos envolvidos na fraude, todos considerados pessoas importantes que viriam a ser libertados com excepção de um considerado de «terceira linha», Isaías de seu nome. Entre os libertados contou-se um indivíduo de apelido Queiroz, cujo irmão se celebrizaria mais tarde como responsável por outra organização «especializada» na fuga de capitais, envolvendo personalidades muito conhecidas em várias áreas da vida social e política do País.

Este processo foi um dos uue mais polémica levantaria nomeadamente no interior da Polícia Judiciária a ponto de pôr em risco o prestígio da corporação.

"Rota Certa": mais um dia dá mais mortos na estrada

Continuação da pág. 1

Em idêntico período do ano passado, numa operação das mesmas características que abrangeu no entanto menos um dia, a Brigada de Trânsito da GNR registou 26 mortos e 552 feridos (225 em estado grave), resultantes de 631 acidentes.

Segundo um porta-voz do Comando-Geral da GNR, o elevado número de mortes ao volante bem como de sinistrados, ficou a dever-se ao mau estado do piso-molhado em quase todo o País e com gelo nas regiões da Guarda e Bragança — causador de despistes incontroláveis. Outra razão apontada pela mesma fonte é a do acelerado envelhecimento do parque automóvel português.

Registe-se, a propósito, que até ao momento, e no mesmo período já morreram cem pessoas nas estradas espanholas.

/D/E/C/A/R/A/S/

ANTÓNIO ARNAUT, advogado de profissão, homem político, cidadão participante, homem de cultura, fundador do PS, agora ex-PS, deputado, agora antigo deputado, ministro, agora antigo ministro, figura grada no **pós**-25 de Abril, escritor.

Vinte anos antes do ano da libertação, em 1954, com a chancela da Coimbra Editora, António Arnaut publicou «Versos da Mocidade». Esperou trinta anos para repetir uma incursão no domínio literário: o livro de contos «Rude Tempo, Rude Gente». Mas, tendo feito um intervalo na actuação política, desde o desgosto com o PS ao empenho na candidatura de Francisco Salgado Zenha, António Arnaut promete-se e promete-nos, continuar uma actividade literária. Publicado o volume «Rude Tempo, Rude Gente», de súbito anuncia:

«Por Este Caminho» (poesia), «A Viagem» (contos), «Pátria, Memória Antiga» (poema /poemas). Sem prejuízo da intervenção política.

JULIETTE GRECO actua em Lisboa a 31 de Janeiro. Não está ainda marcado o local onde actuará a Greco, uma das grandes intérpretes da canção francesa. Tem actualmente 58 anos. Em 1977 anunciou a sua intenção de se retirar, o que não concretizou até hoje. No seu livro «Memórias», Greco afasta qualquer hipótese de «reforma» ao afirmar: «Continuarei a cantar até morrer».

FERHAT ABBAS, o primeiro presidente do Governo provisório argelino, formado em Setembro de 1958, morreu anteontem. Contava 86 anos. Abbas foi o autor do manifesto do povo da Argélia, em Março de 1943, considerado como o ponto de viragem no crescimento do nacionalismo argelino. Depois da independência, em 1962 foi nomeado presidente da Assembleia Nacional argelina.

MERYL STREEP vai aparecer pela primeira vez ao lado de Robert Redford. Os dois actores estarão juntos no novo filme de Sidney Po-Black, «Out of Africa», bem acolhido pela crítica norte-americana. No filme, Meryl Streep encarna a figura de uma escritora dinamarquesa e Robert Redford o de seu amante. A acção decorre entre 1914 e 1931.

HIROHITO, imperador do Japão, iniciou ontem o 60.º ano do seu reinado. Com 84 anos, comparece ainda a numerosos actos públicos e continua activo no seu «hobby»: estudar medicina. A sua próxima aparição pública está marcada para a próxima semana, quando receber cumprimentos de ano novo da multidão, frente ao palácio imperial, no centro de Tóquio.

MARIA CALLAS: os seus fans podem vê-la e ouvi-la esta noite, em «A Tosca», de Puccini. Será às 20 e 50, na RTP-2, numa gravação que conta com interpretações de Giuseppe Di Stefano e Tito Gobbi, um elenco de ouro acompanhado pela orquestra e coro do Scala de Milão, dirigidos por Vittore Sabata. Maria Helena de Freitas fará os comentários a esta ópera, levada à cena pela primeira vez em 1900.

Valiam 25 mil contos

Ocapis do Zaire morrem em Lisboa

Um casal de ocapis oferecidos pelo presidente Mobutu a Ramalho Eanes faleceram na madrugada de ontem por razões ainda desconhecidas.

Uma fonte daquela instituição revelou esta manhã ao nosso jornal que estão por apurar as razões da morte dos dois animais, com respectivamente dois anos (macho) e quatro anos (fêmea). Uma equipa médica procederá à autópsia dos animais, a pedido do Zoo, cujos resultados serão posteriormente divulgados.

A mesma fonte deplorou o sucedido, sublinhando que os animais se encontravam instalados em boas condições, em três compartimentos aquecidos e devidamente acompanhados.

A oferta tinha sido feita por iniciativa da comunidade portuguesa residente no Zaire. Os dois ocapis chegaram no passado sábado, pelas 22 horas, a Lisboa, tendo sido de imadiato transportados para as suas instalações do Jardim Zoológico.

A perda assume ainda maior significado, se considerarmos que se trata de animais raríssimos e de difícil adaptação às condições de cativeiro. Segundo um informador do Zoo de Lisboa, existem apenas cerca de 60 animais nos Jardins Zoológicos de todo o mundo. Além disso, a sua vida é de um modo geral curta.

O nosso Jardim Zoológico, há quase duas décadas não dispõe de ocapis. O último residente dessa raça, um «parente» da girafa, mas mais pequeno, data de 1963, tendo falecido algum tempo depois.

O casal de ocapis valia cerca de 25 mil contos.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 234 • 26 de Dezembro de 1985

A jovem poesia portuguesa

Fernando Guimarães

A poesia pode ser uma experiência, quanto mais não seja a que é ocasionada pela própria leitura. A experiência mais radical, aquela que lhe está na base é, portanto, a das palavras que a trazem até junto de nós.

Tendo em vista essa aproximação, a poesia não nos encaminha para um espaço que se possa confundir com o da realidade, pois diz respeito a um mundo diferente, o do **sentido.** E cada vez mais se toma consciência que, na poesia, o sentido é o que fica a oscilar entre as possibilidades de leitura e o leitor possível. O sentido, portanto, não se **fixa**. A indefinição do poema como algo que se apresenta sob uma forma infinitamente interior ou infinitamente exterior, como vivência ou narratividade, como unidade ou fragmento parece ser o modo como ele — o poema — se afirma entre tais extremos.

Não é esta a oscilação que pode melhor representar o que há de comum em poetas afinal tão diferentes como aqueles que se reúnem neste livro? Aí («A Jovem Poesia Portuguesa»), e sob as assinaturas de Amadeu Baptista, Helga Moreira e Jorge Velhote, reunem-se três breves conjuntos de poemas. No primeiro — «Green Man & French Horn» —, Amadeu Baptista aproxima-se mais duma concepção de poesia que, ao mesmo tempo, poderia ser entendida em termos de unidade e de expansão, marcada, neste último caso, por uma tendência para a narratividade.

Importa desde já notar que esta aparente contradição não deixa de encontrar um símile no próprio modo como o poeta, em alguns passos dos textos que escreveu, fica a oscilar entre o deslumbramento ou a magia e a serenidade ou a «**ciência crepuscular**», entre o amor e a solidão, entre a luz e a penumbra. Por isso, fala nas «**pombas/sobrevoando as nossas mãos, mais leves que o ar ou o facto do amor**»,nas «**raparigas-/descalças no olhar**», na «**harpa/com o poder das mães**».

Outra aparente contradição: dir-se-ia que os poemas que mais se identificam com o poeta são aqueles que se projectam nos outros, isto é, os que aparecem referidos a pintores ou poetas que as próprias dedicatórias identificam, nomeadamente Mário Botas, Nuno Guimarães e Ruy Belo. Ocasionalmente, não falta mesmo a esse encontro uma figura de **distanciação** — a ironia —, a qual se faz sentir num comovido poema dedicado a Ruy Belo. E isto mostra bem o que poderíamos entender por uma nova contradição. Será a que existe entre a vivência que o poema nos comunica sob uma forma que acaba por **desconstruir** a própria forma que traduz a figuração irónica que, apesar disso, não deixa de acompanhar o poema:

Este homem procura as cores mais secas do nosso entendimento;
vai connosco até à rua; responde-nos
um cigarro primeiro, uma construção na areia, depois um ferro
a espetar nas dunas e no mar
enquanto o mar houver e a paz durar;
come connosco à nossa própria mesa; ama a nossa mulher
e experimenta o odor da nossa casa onde os nossos filhos
lhe entram pelos joelhos.

O espaço duma narratividade possível como que desaparece no conjunto de poemas que, com o título «Os Solstícios do Tigre», Helga Moreira nos apresenta. Se procurássemos uma espécie de **arte poética** que tivesse sido assumida ao longo deste conjunto, escolheríamos, sem dúvida, o seguinte verso: «**Um som dos lábios. De quando é essa memória?**»

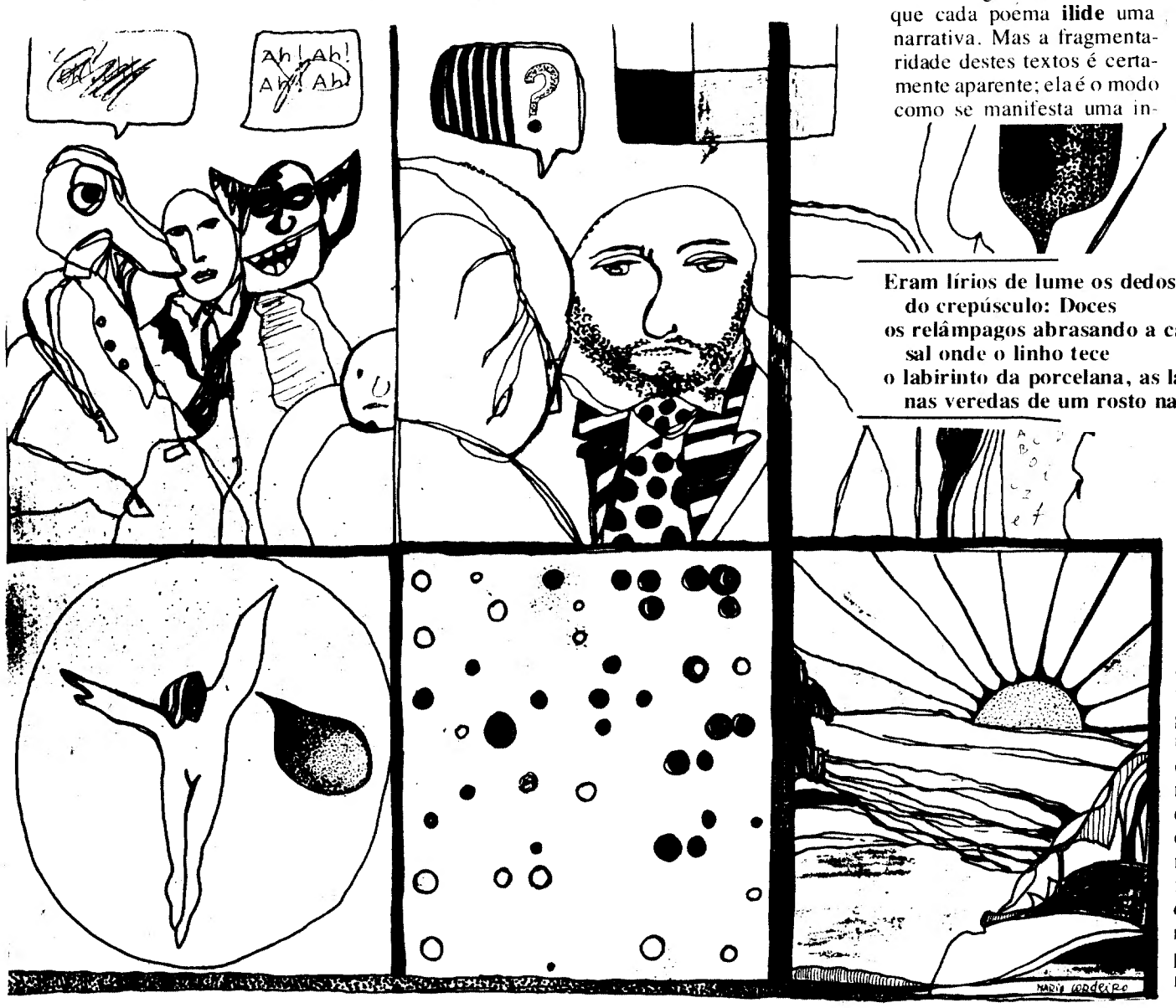
A poesia de Helga Moreira está marcada pelo intimismo. E outro verso poderia exprimir esta característica que faz, talvez, com que nos seus poemas se persiga sempre qualquer coisa de inicial: «**visitam-nos rumores, o primeiro poema**». As imagens, as metáforas acabam por ficar diluídas numa linguagem que persegue uma interioridade em que se recusam as refulgências, aquele excesso verbal que, curiosamente, o próprio título desta série de poemas — através das imagens que confluem e se cruzam nos «**Solstícios do Tigre**» — parecia indicar ou indiciar.

Tudo, equilibrada e plenamente, se concentra no

pequeno templo da memória onde só mãos e brancura nos acariciam
falando da primeira emoção das palavras
que ditam o último recurso

A série de poemas com que Jorge Velhote colabora neste livro intitula-se «Hermeneutical Studies». A leitura destes poemas parece dar-nos a consciência de que neles há a abertura para um possível entrecho; ao mesmo tempo, e levados talvez pelo facto dos seus títulos serem a palavra inglesa **fragment,** devidamente numerada, capacitamo-nos que esse entrecho ficou como que reduzido a um fragmento. Dir-se-ia que cada poema **ilide** uma narrativa. Mas a fragmentaridade destes textos é certamente aparente; ela é o modo como se manifesta uma intensificaçao verbal conseguida, pelo uso conjunto de imagens e de metáforas, as quais, devidamente articuladas no seu desenvolvimento, tendem a transformar-se numa espécie de núcleo ou centro do próprio poema. Há, assim, uma contida expansão, incapaz de anular o próprio contorno do poema considerado como unidade essencial. Será a que pode existir a partir de momentos tão intensos como aqueles em que se diz que «**as mulheres vêm, sábias/como as aves**», **ou se inquire «quem [...] os vidros/da morte tece».**

Traça-se o âmbito duma realidade inesperada, onde, a partir da descrição de breves cenas ou situações se criam condições para uma transformação, para uma discreta metamorfose que o poema acabará por acolher em si mesmo:



Eram lírios de lume os dedos abrindo a dura face
do crepúsculo: Doces
os relâmpagos abrasando a cal, o saborosíssimo sal onde o linho tece
o labirinto da porcelana, as lágrimas que brilham nas veredas de um rosto na aragem abandonado.

Representam, sem dúvida, os três autores aqui reunidos modos diferentes de realizar a poesia. Mas adivinha-se, também, nos poemas deste livro uma espécie de contorno que lhe dá uma unidade muito especial, sobretudo pela maneira como neles se vai ao encontro ou se recupera um **imagismo,** que, aliás, parece ser uma cada vez mais visível característica da poesia dos nossos dias. E, com ele, o que é que se procura senão encontrar um espaço, uma representação verbal para o imaginário até que, como um dos três poetas aqui reunidos nos diz, se revelem em cada poema «**as indeléveis marcas/do fascínio**»?

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Horst: a insistência do referen

Fernando Guerreiro

Dá-se o nome de luz à sombra da luz viva
Bernard de Clairvaux

REFERINMO-LO na 1.ª parte deste artigo: na fotografia de Horst mantém-se em aberto a **insistência** do referente. Veremos, agora, como esse processo se estrutura. Para a sua melhor compreensão distinguiremos nele dois momentos; um, que tem mais propriamente a ver com a operação do branco e do negro (da articulação do princípio do claro/escuro), outro, que faz do branco (ou da luz) um princípio, ao mesmo tempo, de petrificação («marmorinização») da forma e de denotação/segmentação do diferente.

Fixemo-nos, para já, no 1.º momento: o que faz da **oposição branco/negro** (claro/escuri) o próprio princípio (e operador) constituinte do corpo e da forma (enquanto factor de modalização da estrutura).

A primeira constatação a fazer, continuando a utilizar a fotografia de Mapplethorpe como termo de referência, talvez seja esta: ao contrário do que sucede com Mapplethorpe, o branco (sobretudo nas fotografias dos anos 30) assume aqui frequentemente a função de p(l)ano de fundo (1.º termo de referência: de essência) e é **sobre** esse branco (esse fundo ao mesmo tempo marcado, positivado e uno) que o negro e a sombra (como seu factor de contaminação, intermediário, segundo) recortam (denotam) a forma e a constituem (estruturam). No entanto, segundo factor em que a fotografia de Mapplethorpe e a de Horst se diferenciam, se o negro (a sombra) é, em certa medida, um princípio **activo** (e negativo), é sobre o branco que ele se aplica — i. e., o princípio de diferenciação **precisa-se**, define-se sobre um continuum (essência) e ao mesmo tempo que a precisa, **activa-a**.

Citaremos 3 exemplos: o retrato de Mistinguette com um vestido de Molyneux (1933); o vestido da manga branca de Robert Piguet (1936) e o modelo branco de Alix (1938).

No 1.º caso é evidente esse uso do negro como **factor de evidenciação (definição) da forma** (efeito que tem inclusivamente um seu índice auto-referencial que denota, interiormente ao seu sistema, o próprio processo de formalização da forma: referimo-nos ao motivo das flores, também articulado na base desse contraste — corola branca /vs/ caule negro). No 2.º exemplo, também encontramos o recurso a uma operação de auto-referencialidade de modo a constituir um **2.º grau de formalização** (de sistematicidade) do conjunto: neste caso, é todo o vestido (prolongando-se pelos seus acessórios: chapéu e luva) que funciona como o caule (o negro) enquanto o branco (iluminado) da manga (e do rosto), «trabalhado pelo negro», se desprende e sobressai do fundo (branco-sombra, menos puro). No entanto, é talvez na **composição em branco** do modelo-Alix que este sistema de relações é trabalhado mais profundamente e, em certa medida, invertido: a acentuação e a ênfase postas nos diversos efeitos de brancura (intensificados ainda pelo arabesco das «touches» arqueadas, no rosto, de um negro retinto) têm essencialmente um efeito de «applatissement» e de **linearização do fundo e do conjunto. Com efeito, se o espaço é tripartido e a direcção vectorial dominante é a da vertical (massificada e globalizada pelos índices arquitecturais que constituem as colunas: o próprio corpo, ao centro, tem a massa, o volume, de uma coluna) (7), por meio da acentuação da componente de geometrização** da estrutura (a vertical de um dos braços do modelo e a horizontalidade triangular do outro, flectido pelo cotovelo, reduplicam e em certa medida «depuram», singularizam, as grandes coordenadas do conjunto), assim como pelo uso do **branco** (enquanto princípio selector das formas: filtro e planificador do fundo — que o reduz a um plano ou a uma linha), obtém-se quer a simplificação da massa (a passagem do volume, da coluna, à linha) quer a **linearização** (e geometrização) do conjunto.

Podemos assim definir **dois grandes operadores** deste processo de **linearização** do fundo (da profundidade de campo e da perspectiva) e da estrutura (da passagem da sugestão da tridimensionalidade do volume à superfície).

O 1.º operador, já o referimos, é o **branco**. Num 2.º momento, o próprio nu (a sua brancura) constituirá a confirmação dessas operação (efeito) de **linearização** do conjunto. A linha é a superfície: branco, é como saliência, linha, que o modelo reveste (enquanto corpo) o seu estatuto (exp. o **Nu de Lisa**, de 1939: um nu estriado, crivado, que se constituiu por detrás das cordas da harpa, ou seja, do sacrifício/crivo da linha) (8).

O 2.º operador é já uma figura — o **triângulo**, como figura que recorta a forma e que quadricula o fundo mas que ao mesmo tempo desloca, irregulariza, num processo muitas vezes auto-referencial (especular centrado sobre si), em que se opõe ao efeito capitalizador (e conservador) do círculo. No retrato de Paullete Goddard (1938), p. ex., os triângulos são duplos, de dois tipos: sinais acrescentados (pelos dedos, no rosto) ou subtraídos (aberturas triangulares no vestido: aqui é o negro, ou melhor, a ausência do negro, súbita, repentina, que distingue o modelo — enquanto carne: referencialidade — do fundo do signo ou do sentido — ou seja, do obscurecimento do vestido com que podia sempre ser revestido) (9).

Resta agora sublinhar como estes dois operadores — a insistência do branco (como efeito de planificação — e a redução a um plano, superfície, que daí advém) e o triângulo, como operador (figura) —, mais do que uma função de **geometrização** (formalização: fixação da forma e a sua redução a uma estrutura) ou de **verosimilhança perspectiva** (no sentido do efeito de tridimensionalidade do relevo), têm um efeito de **angularização** e **descentração** interna da estrutura.

Efeito de **descentração** que, por assim dizer, «rompe» a forma e provoca aquilo que designaremos como um (duplo) **efeito de fissura**.

Fissura, em primeiro lugar, como «racha» na forma (assim, no **Nu de Lisa**, de 1940, aos triângulos salientes, positivos, do braço superior, do seio pendente e da dobra da perna corresponderá o triângulo interiorizado, implosivo, das nádegas: a racha da forma, a fissura propriamente dita). Em 2.º lugar, criação de um processo (momento de não coincidência, melhor, de **dissociação** interna **entre corpo e forma** que constitui o corpo mais como **índice** do referente (da questão em aberto, nunca resolvida, do referente) do que como **signo**. O corpo é sempre algo **a mais** ou um sinal (um índice) que **falta** para que possa ser interpretado, reduzido a um signo. Sinal a menos: os casos a que já nos referimos e que nos remetem, antes de mais, para uma prática (de escansão) da **fissura** (**The Corset**, de 1938; o **Nu de Lisa**, de 1940); sinal **a mais**; outro nu, agora de 1955 — o pequeno «phallo» a mais ou sexo (mais precisamente uma das dobras do sexo que se desprende ou acrescenta lateralmente à perna) que sobressai (melhor, a elas não se reduz, nunca é reduzido) das diversas operações de triangulação (os braços ao fundo, a perna flectida) que tanto nos dão o processo (trabalho) de gestação da forma como o momento de **não-coincidência** em que no processo sexo e forma (= signo) se distinguem (10).

Como William A. Ewing sublinha «Horst trata a luz com uma **substância material**» (op. cit.) — i. e., na sua fotografia a luz é um princípio que não tanto idealiza como **realiza (fotografia) (reifica)** a própria materialidade («substancialidade») do corpo (do físico). O seu princípio de acção é o da Medusa — mas ao mesmo tempo, através desses índices de petrificação (ou marmoríneos), marca-se constantemente a **diferença** de um corpo (ou aquilo que o constitui, na sua diferença, como corpo).

Trata-se de um motivo que encontramos, aliás, recorrentemente na fotografia da altura (basta citar, p. ex., Cecil Beaton), no entanto, no caso de Horst, esses índices de estatuária (marmoríneos) — pórticos, máscaras, bustos, colunas — têm a haver não só com uma **petrificação**/marmorização das formas, mas também com a **constituição** dos seus referentes. Esses acessórios têm, portanto, nesta fotografia, um duplo estatuto de índices: por um lado, como índices do **processo de constituição/reificação** (virado sobre si: como num enquistamento, concêntrico) **das formas** (as máscaras, p. ex., do modelo de chapéu Reboux, de 1938), mas, por outro, eles constituem também o seu **depósito**, i. e., os seus **restos**, o resultado de um **excesso** do processo que, enquanto tal — e daí o seu carácter fragmentário e parcelar, disperso e perdido —, **decaem** e se diferenciam das formas: estão lá com o **estatuto de heterogeneidade (pronominal) do deíctico** (i. e., enquanto indicadores **impessoais** capazes contudo de referir uma instância de pessoalidade — ou de corporalidade — que nunca se reduz ao ou confunde com essa marca de contaminação ou de petrificação da forma que é, na própria pele, o marmoríneo.

Ou seja, há um momento em que é muito difícil dizer se é o processo de reificação do corpo — ou o inverso — que consigo arrasta a forma.

Com melhor ou peor sorte podemos, talvez, nele distinguir dois momentos que acompanham esse progressivo (ou desde início **decidido**) processo de não-coincidência, desapego do corpo (do nu) em relação à forma.

Num primeiro momento, assiste-se como que a uma **secreção de uma segunda pele**: uma espécie de «carapaça» que se modaliza ou é índice de modalização (formalização: contaminação pela forma) do corpo.

Dois exemplos: «Waxed Beauty» e «Electric Beauty» (ambos datados de New York, 1938). No 1.º caso, o «maillot de cera» (um contraste do branco com o translúcido; refere o ponto em que quase se confunde a estátua (o grau superior de individualização para que aponta a petrificação, já como coisa solta, «outra») com o corpo (a **cera**, com o seu carácter maleável, aplicável, tanto anuncia a permanência de um **continuum**, de um princípio **defensivo** — como carapaça, armadura — como realiza uma **descontinuidade**, introduzindo uma **função de dejecção** ou de secreção inorgânica, segunda, de que o molde é o **tropo** (a pele removível). No 2.º exemplo, «Electric Beauty», não só se mantêm esses índices de auto-sedimentação do corpo (o creme ou a cera que impropriamente recobrem meia-perna) como acompanhando a verticalização do modelo (de uma foto para a outra há a passagem da horizontal à vertical e à ocultação ciclópica — já que só um olho é visível — do rosto), afluem à cena vários índices de **metalização** e de **electricidade** (instrumentos, projectores) que, relacionados com os «graffitti» à Bosch da parede, transmitem uma dimensão ao mesmo tempo parturiante (em certa medida sacrílega, contranatura, já que o que se produz é um «monstro») e apocalíptica ao conjunto (11).

Num 2.º momento é **o próprio corpo que se distingue da estatuária** (i. e., dos índices de auto-referencialidade que, segundo alguns comentadores, podiam aproximar a fotografia de Horst de uma espécie de «arte das ruínas» ou do neoclassicismo).

Referiremos apenas dois exemplos: «Pés» (de 1941) e «The New American Foot» (48). No 1.º caso, os pés do modelo surgem na diagonal do triângulo (estático) definido pela estátua: não só os pés do modelo, sucedendo-se, se confirmam um ao outro, como as mãos, direccionando-os, sublinham o desvio, a angularidade (o **clinámem** como factor de diferenciação e princípio de oscilação-/declinação do ser) de um modelo (do corpo) em relação ao «outro» (i. e., ao índice de formalização da estátua). «The New American Foot» constitui como que uma variante da 1.ª fotografia: nesta, são já o pé e a perna (a partir do joelho) do modelo (o corpo) que se diferenciam do branco da toalha (toalha que aqui substitui os efeitos de corporização da estatuária e que constitui como que a consolidação da própria luz do fundo); no entanto, na própria linearidade do pé e da perna — i. e., da forma linear de inscrição do corpo —, são as unhas (pintadas) que constituem como que o seu último recurso deítico (que repõe afinal, ainda como a questão do referente, o **corpo**) (12).

Dir-se-ia, no entanto, que essa **vontade de diferenciação do corpo numa das últimas fotos de Horst (Nu**, de 1982), contudo, se ambiguiza.

Numa 1.ª leitura possível o nu, lutando contra o negro (a não-essência: o fundo) procura conquistar-se como forma, soltar-se e desprender-se: de qualquer modo, esta situação parece não ter já tanto a ver com a **luta original** (a questão que está em disputa — entre Ser e não-ser — não é a de uma origem, princípio) como constituir um **instantâneo** de um debate mais longo e profundo — ou, dito de outro modo, o nu estaria sempre em risco de ser apropriado pelo não-ser e de, portanto, como **forma** ser desconstruído (é evidente, aqui, a referência à morte que faria da forma, ao mesmo tempo, um constante estado de luta e de luto).

Numa 2.ª leitura, no entanto, não haveria tanto luta (a haver resistência ela seria sobretudo passiva) pelo que os movimentos (do nu) de encontro à napa negra do fundo, mais do que dela procurarem desprender-se, seriam movimentos de com-preendimento que visariam sobretudo uma **reintegração** no não-ser, no negro, agora compreendido, para lá ou aquém da forma, como o único espaço possível de retorno e de absoluto.

Dualidade que, em certa medida, é também a do próprio motivo clássico a que esta foto alude na pintura — referimo-nos, é claro, à possessão (pintada, por exemplo, por Corregio) de Io (a ninfa: o princípio da forma e do feminino) por Júpiter («travestido», agora, de nuvem).

Black Kole, nuvem negra: obscurecimento de um princípio (fissura) a que em última análise sempre re-torna a fotografia (como a pintura).

te - II

NOTAS:

(7) W. A. Ewing refere-se à protuberância ou evidenciação da sua qualidade de objecto que resulta desta concepção do «corpo como arquitectura» (ou como índice de arquitectura) (*Horst*, Idea Books, op. cit). Para o mesmo autor, através dos jogos de claro-escuro, Horst tanto faz ressaltar a estrutura dos vestidos (...) como idealiza a pele marmorínea do modelo» (op. cit).

(8) Também numa das fotografias mais conhecidas de Horst, «The Corset», de 1938, o nu é o que se constitui quer desse efeito de*pressão* do branco (o aperto do corpete) quer o que passa pela *grelha* (teia) mais curta que, em si, constituem os atilhos (elementos de preensão de precisão segundos que cumprem também essa função de estriamento, «fiação», da forma e do seu conjunto). Na foto, mais recente, do modelo de fato de banho do Courrèges (1978), esse efeito de corporalização (reificação) do nu como corpo sofre um efeito de concentração (e de condensação da luz — que unicamente aí se fixa e que o ilumina) que recciona o corpo ao mesmo tempo que o avoluma e parcializa como «massa/torso (i. e., tronco de coluna). Exemplo em certa medida contrastivo: se «The Corset» 1938) ainda está perto do «Nu de Lisa» (nos dois casos têm um mesmo efeito de «grille»/de fiação quer os atilhos quer as cordas da lira), no modelo de Courrège (de 1958) há uma resistência à linearização que se aproxima mais da prática de condensação (trópica e metonímica) do corpo como unidade parcelar, auto-suficiente e massiva (o torso propriamente dito). Sobre este ponto cf. o texto de Paulo Varela Gomes, «O Tronco à Janela», J. de Letras (9/7/85).

(9) Haveria que nos deter mais demoradamente, no campo das representações do corpo, nos índices (indicadores-segundos) da sua re-orientação metonímica. No «Nu de Lisa», p. ex., os dedos, e em particular um dos dedos, o indicador, desprende-se da mão e acompanhando as linhas da lira, aponta para cima: noutra fotografia para a «Vogue», «Mammoth Tricorn», de 1938, o indicador e o polegar da única mão visível redobram o triângulo do chapéu e assumem esse mesmo estatuto deíctico.

(1) Um exemplo mais recente de uso da figura do *triângulo* (um triângulo de luz, que emerge da sombra) encontramo-lo na foto-anúncio de modelos de meias de homem feito para Calvin Klein e datado de 1983: de um modo mais estabilizado e harmónico, o triângulo de luz e a pose das pernas (tensas, flectidas), na sua relação com a figura perfeita do círculo) das argolas, dão esse momento (e dinâmica), aqui, não só de constituição mas também, se não de resolução, pelo menos de *suspensão* das formas (em que os referentes, se de todo não se apagam, pelo menos, se escusam).

(11) «Parto» de um monstro, já que é para Frankenstein que nos remete este laboratório. Aqui haveria, talvez, que referir a função desses elementos de *motricidade* na fotografia de Helmut Newton. Se a determinação metonímica pode constituir uma via de reificação fetichista — neste sentido a fotografia de Horst insinuaria uma tendência da fotografia dos anos 60 e 70 em que o detalhar do corpo se associa à própria particularização dos acessórios) —, o próprio princípio de encenação (global) do conjunto, quer pelo recurso a *terceiros elementos* como *índices objectuais* do figurativo; sólidos, televisores, sistemas de electrónica), quer pela objectualização (metalização das roupas e dos adornos, parece obedecer a essa *exigência de objectualidade*. Do ponto de vista dos processos (da articulação da estrutura), e como motricidade, a fotografia apresenta-se como uma *mecânica* (ou um mecanismo) (cf. o nosso artigo sobre *H. Hewton*, «S. Lisboa», 16 e 23/5/85).

(12) Em «Pés» as unhas surgem não tão claramente pintadas ou mais descoloridas. Dito de outro modo, elas não revestem tão plenamente esse seu estatuto deítico. Em «New American Foot», pelo contrário, mais do que o pé — ou perna — são as unhas o que sobressai/ressalta do jogo do claro-escuro.

Nota por escrito

NOS primeiros dias de Dezembro, quando já o Natal nos bate à porta, assistimos na televisão a um tremendo festival de publicidade. Sem pretender ferir ninguém (ah, estes publicitários!...), é como se, de repente, a publicidade tomasse o freio nos dentes. São as bebidas, as comidas, os electrodomésticos, os perfumes, as prendas caras... Enfim, um sociólogo que deseje estudar o consumismo natalício, tem ali matéria que nunca mais acaba...

Este ano, porém, mais do que em qualquer outro os livros gozaram de grande publicidade na época do Natal. Pessoalmente não me lembro de ano de maior colheita. Começa pelos modos a dar frutos a política de bonificação encetada pela RTP relativamente à edição portuguesa e aos escritores portugueses. Não salva do inferno, mas ajuda um bocadinho.

Muitas foram as editoras que estiveram na publicidade do Natal: Caminho, Verbo, Europa-América, Civilização, Presença, Círculo de Leitores, D. Quixote, etc. Escritores de tanta qualidade lá estiveram ou lá foram lembrados: José Saramago, Manuel da Fonseca, Alice Vieira, Alçada Baptista, para já não falar doutros grandes nomes da literatura portuguesa como Eça de Queirós, Florbela Espanca e de Ferreira de Castro, a propósito da reedição da suba obra.

O meu desejo é que este fluxo publicitário não abrande. Primeiro, porque se a publicidade vende tanta coisa má, ao menos seja usada em alguma coisa boa. Em segundo lugar, porque, de rosto ao desprezo a que a Televisão vota os escritores portugueses, sempre a publicidade nos dá a ocasião de os vermos ou ouvirmos falar deles na TV.

E já agora: quando é que os outros órgãos de informação seguem o exemplo da Televisão, estabelecendo condições especiais de publicidade aos livros?

M.C.

ILUMINURAS

Num concerto "grosso" /barroco

Theodore Fraenckel

O som dos galos, perturbante,
com o orgulho gutural das
roxas manhãs que se anunciam...
Como num concerto «grosso», barroco
é o desaguar sublime destas pensadas atitudes
que o Sol atormentam (e com a sua quietude, o dia).
Aqui nasce o rio.
Mas que mar se oferece para o acompanhar
até ao declínio efémero dos nossos espíritos?
O resto das amizades inumanas (imaturas) —
das ásperas confusões, a ternura —
o desgosto dos dedos trocados
pelas sombras das árvores —
que aqui se esconjuram,
com o púcaro. Procura.

A RECENTE NOVELÍSTICA AMERICANA

Harriet doerr: "Stones for Ibarra"

Mario Avelar

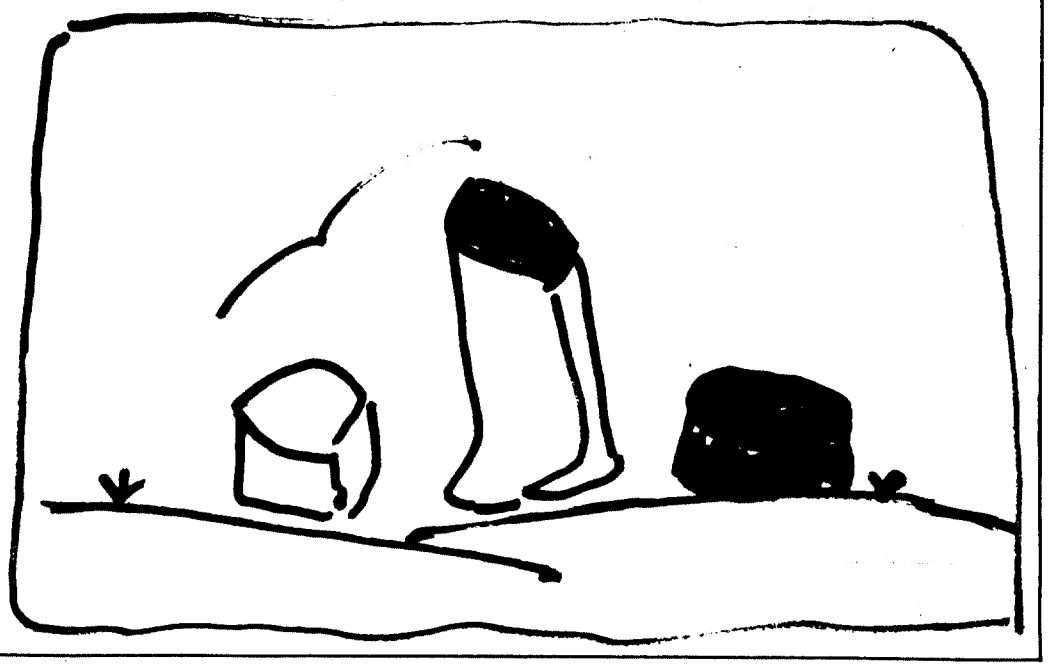
A acção deste romance decorre numa aldeia longínqua do México, Ibarra. Um casal de americanos de meia-idade, Richard e Sara Everton, decidem abandonar a estabilidade típica da classe média a que pertencem e partir para Ibarra onde devem recuperar a casa abandonada pelos avós de Richard no princípio do século. Deverão também repor em funcionamento a mina de carvão há muito cerrada. Outro dado deverá ainda ser acrescentado — Richard sofre de leucemia e sabe ter apenas quatro a seis anos de vida.

Através destas informações dois tipos de dúvidas se levantam: a) tratar-se-á duma situação típica de regresso às origens, decorrendo do complexo de culpa comum numa geração que viveu crises e rupturas dos anos 60, e agora se acomodou ao **establishment** (os **yuppies,** como são habitualmente designados)? b) em que medida a morte previsivelmente datada de Richard permite criar um ambiente de tensão que em cada instante torna patética a narrativa?

A estas duas questões uma outra se deverá acrescentar — até que ponto a narrativa consegue evitar o **pastiche** face à influência da recente novelística sul-americana que tanto tem seduzido leitores, escritores e críticos fora daquele espaço geográfico e cultural?

Com efeito, **Stones for**

Continua na pag. 4



Diário de Lisboa LER ESCREVER

"Stones for Ibarra"

Continuação da pág. 2

Ibarra não só escapa ao mal-estar tão característico da geração **yuppie,** como também recusa o previsível patético. Além disso, as influências de escritores sul-americanos como Garcia Marquez são aqui diminutas, já que elas não deverão ser confundidas com a presença determinante do solo cultural latino-americano que, na sua especificidade, determina modas, mitos, comportamentos, tão «estranhos» ao discurso ocidental.

Ao longo de dezoito capítulos que compõem o romance, o leitor toma contacto com episódios quotidianos da aldeia que frequentemente muito pouco se relacionam com a vida das personagens centrais. Na realidade, embora alguma expectativa possa ser em torno delas criada, o facto de logo no início serem fornecidas informações precisas sobre o desenlace (a morte de Richard no período previsto), destrói desde logo qualquer possibilidade de expectativa quanto a uma alteração eufórica no percurso das personagens. Deste modo, o leitor conhece, à partida, o fim, a narrativa deverá centrar-se nos instantes quotidianos, o olhar do narrador perder-se nos episódios banais ou estranhos, então tornados, eles próprios, heróis da história. Mais do que o par Sara-Richard, Ibarra surge, assim, como heroína. Em vez dum clímax esperado pelo leitor perto do final, vários despontam em cada capítulo, em cada narrativa, sem que todavia isso signifique uma tensão constante — as histórias decorrem seguindo um fluir inevitável alheio ao tempo, como se a existência se justificasse e encerrasse em si própria num estado de pura suspensão.

Esta suspensão que se opõe a um dinamismo típico das sociedades do primeiro mundo, é significante dum olhar sobre o universo, também ele oposto ao **outro.** E o **outro,** em **Stones for Ibarra**, é o par Sara-Richard, corpo alheio ao mundo que os recebe e aceita na sua diferença, dele tentando retirar o maior proveito possível. Não se deverá falar, contudo, de aculturação, já que, de Sara e Richard, a aldeia absorve apenas o mais funcional — o dinheiro. O poder económico dos americanos que permite alterar positivamente o rosto da aldeia, constitui o grande motivo da sua aceitação, demonstrando os autóctones um pragmatismo evidente que todavia jamais deverá ser entendido num sentido oportunista.

Diferente se revela o comportamento do par. Richard, por um lado, conhece a língua, as tradições e as modas, o que lhe permite inserir o seu trabalho no novo espaço. O trabalho apresenta-se, aliás, como sua preocupação dominante, no qual a personagem inscreve, com uma determinada lucidez, o seu quotidiano, aparentemente alheio à morte que o espera, vivendo como se possuísse todo o tempo, numa suspensão algo semelhante à da aldeia. Sara, por outro lado, revela uma diferente atitude. Porque desconhece o castelhano, Sara encontra-se inicialmente arredada da comunicação, construindo o seu conhecimento das modas através das histórias mais ou menos fantásticas que a si chegam, dos comportamentos «estranhos» e ritualísticos que observa, e, por fim, da sua imaginação que a leva a construir todo um universo especulativo a partir do qual personagens e situações se justificam.

Os episódios por ela vividos ao longo da sua aprendizagem do castelhano com a velha madre Petra são disso significativos. Na escola, junto das crianças, Sara recebe a sua iniciação na língua através da enigmática mulher que, apesar das constantes tentativas da aluna, sempre recusa revelar qualquer informação sobre si, sobre o seu passado. Assumindo a ordenação como a **morte** total da infância e adolescência, a madre não deixa todavia de soltar um ou outro elemento sobre o passado. Esses índices permitem à fértil imaginação de Sara insinuar uma fascinante ficção que preencherá **o espaço em branco do passado da religiosa.** Está-se nos anos dez, época da revolução mexicana, durante a qual os conflitos entre revolucionários e grandes proprietários e a igreja assumiram frequentemente uma cruel violência. Vivendo numa **hacienda,** a jovem Petra assistiu à morte dos patrões, tendo sido resgatada por um padre que a «protegeu» num colégio de freiras. Entre Petra e o jovem filho do patrão, Sara construiu uma fantasia amorosa que, embora verosímil, permanece no silêncio de conhecimento da madre.

Se se pode falar de aculturação nesta narrativa, isso será certamente em relação a Sara. Absorvendo modas alheias que enriquecem um quotidiano marcado pelas imagens dos Estados Unidos, apreendendo língua e comportamento, Sara inserir-se-á profundamente no novo espaço, integrando na sua visão do mundo superstições e fantasias ali verosímeis.

Mas referiu-se no início a importância das histórias que dão forma a este **Stones for Ibarra** e que se situam à margem do par. À partida, o narrador detém-se num conjunto de episódios envolvendo o processo de instalação do casal em Ibarra. No entanto, à medida que eles se **acostumam** à aldeia, a sua presença apaga-se, apenas despontando quando as histórias a narrar o justificam (o que aliás se compreende devido ao poder económico que os distingue dos outros e os torna frequentemente ponto de contacto obrigatório com essas histórias).

Ao longo dos sucessivos capítulos deste romance, as pequenas narrativas de Ibarra acumulam-se como as pedras do monumento (e metáfora final), suscitando a diferença na sua singularidade e ao mesmo tempo inserindo-se no universo que a aldeia é. Porque de um espaço marcado pela pobreza se trata, os vagabundos, os enjeitados, os loucos, os deficientes, ocupam aí um lugar particular — heróis silenciosos de um mundo que não pode ser concebido sem a sua presença. Além disso, aqueles que da miséria pretendem escapar funcionam, a nível do comportamento e das esperanças, em contraponto com o conjunto dos habitantes, introduzindo um dinamismo que choca com a suspensão mais geral.

Porque de um espaço de profunda religiosidade e misticismo se trata, episódios surgem onde a fusão de ambos insinua uma verdade outra estranha aos americanos (e ao próprio leitor) que todavia sugere a sua própria possibilidade.

Observem-se alguns exemplos destas duas situações — os episódios de José Reyes, de Kid Muñoz, de Pablo e Juan, do táxi vermelho, e de Basílio e Domingo. José Reyes tipifica uma situação comum em semelhante microcosmo. Causas particulares associadas ao seu crescinentoe educação, posteriormente aprofundadas pela crise económica que o levam ao desemprego, impelem a personagem para a destruição. Neste caso, a prisão perpétua por ele aceite num silêncio resignado que mais não é do que uma extensão da sua própria existência.

Kid Muñoz emigrou e tornou-se um boxer famoso nos Estados Unidos, mas um acidente durante um combate cegou-o. Agora, o antigo pugilista conserva do passado apenas o nome que indicia ironicamente a áurea perdida, sendo o seu presente um silencioso deambular pelas ruas da aldeia, vendendo cautelas. Ao entrar no restaurante semideserto onde Sara e Richard almoçam, Muñoz dirige-se às mesas vazias nela esperando encontrar clientes. Entre a decepção e a ironia trágica se define assim o existir de alguém que na fuga da miséria apenas vem acentuar a própria impossibilidade de vencer nos **Eldorados** do capitalismo.

Um mesmo sentido de ironia trágica envolve a narrativa de Pablo e Juan. Pablo é o jovem idiota que morre no dia da instalação da electricidade na casa dos Everton. Espelhando a organização da macronarrativa, também aqui o final — morte por afogamento — é revelado logo no início. Qualquer **suspense** quanto à resolução é assim destruído à partida, baseando-se a inevitabilidade da própria narrativa na sucessão de eventos que a justificam. Aí deverá residir o seu fascínio.

A ironia trágica nasce da condição do herói — Pablo, idiota e herdeiro — e da dependência moral e material de Juan face ao irmão. Apenas possuindo metade da casa, Juan deverá subsistir mantendo o irmão. Todo o seu presente e o futuro que pretende construir com a namorada passam por um ser que lhe recusa a sua independência. A morte acidental no final, surge como uma certa redenção e simultaneamente como factor de (auto)culpabilização que o acompanhará para sempre.

Semelhante construção se revela na narrativa de Basílio e Domingo, também ela centrada num dia festivo da aldeia. Também aqui o destino se apresenta como aquela entidade invisível e omnipotente regulando o quotidiano de gentes que aceitam a sua inevitabilidade. No entanto, neste caso uma pequena **nuance** se verifica.

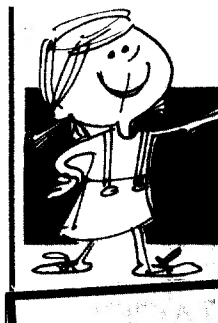
«Believing as they did in a relentless providence, the people of Ibarra, daily and without surprise, met their individual dons. They accepted as inevitable the hail on the ripe corn, the vultures at the heart of the starved cow, the stilborn child. But when they heard that Basílio Garcia had killed his brother, Domingo, everyone in the village said, 'It is a lie'.»

Basílio sacrificara a sua vida para poder assegurar uma educação e, consequentemente uma vida diferente ao irmão Domingo. Uma disputa amorosa levá-lo-á a assassinar Domingo. Será o **inesperado** que causa o espanto da aldeia e não a crueldade do acto em si, já que todo o quotidiano é ali marcado pela crueldade da própria miséria.

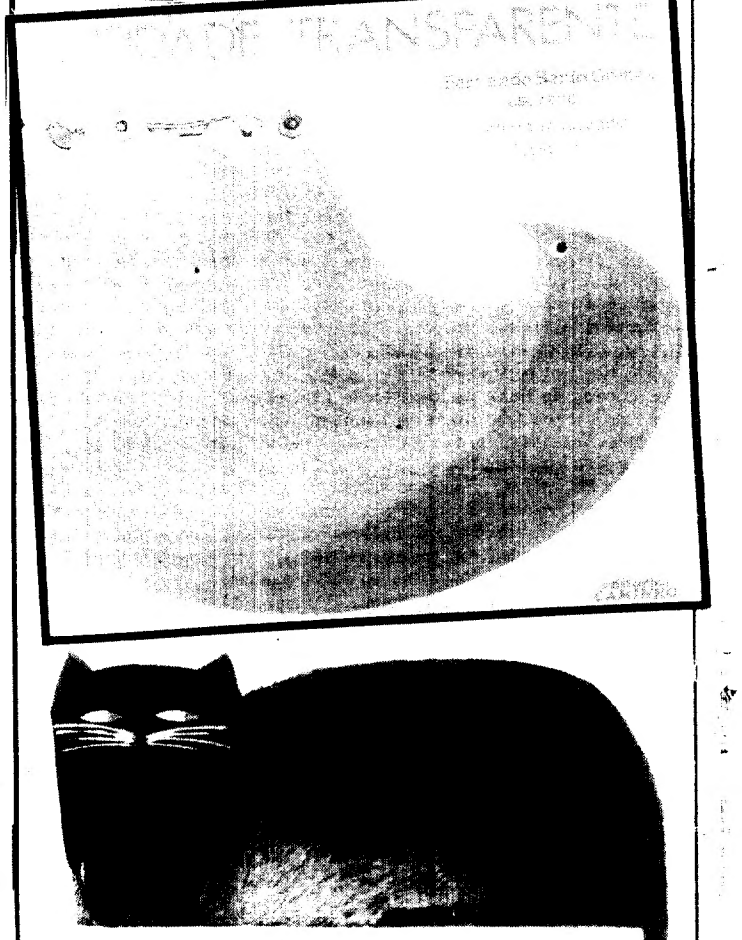
Diferente se apresenta a história do táxi vermelho. Chuy Santos, seu protagonista, possui características que o diferenciam das personagens das narrativas antes referides. Despreocupado e sonhador, Chuy Santos faz dos seus planos um constante devaneio fantasioso quanto à riqueza tão ambicionada. Entre o tolo e o calculista, ele será o único capaz de vencer. E se não obtém a riqueza, consegue pelo menos uma existência despreocupada, à semelhança do modo como conduz o seu táxi. Objecto inicial onde projecta a utopia da riqueza, o táxi será, depois de adquirido, espaço de prazer.

Uma ideia unifica todas estas narrativas de **Stones for Ibarra** — Nada fora do comum surge numa existência que se permite fluir ao sabor do destino, despreocupada e trágica na aceitação da alegria e da dor (como Richard persistindo, sabendo que vai morrer e todavia aparentando ignorar essa inevitabilidade).

NOTA — **Stones for Ibarra** é o primeiro romance de Harriet Doerr (n.º 1910). Foi publicado em 1978 e recebeu **The American Book Award** de 1984.



ESTANTE INFANTIL



TÍTULO — A Cidade Transparente
AUTOR — Fernando Bento Gomes
ILUSTRADOR — Henrique Cayatte
EDITOR — Editorial Caminho

CADA vez mais, nos tempos que vão correndo, um livro para crianças terá de ser avaliado num todo: o texto, a ilustração, a qualidade dos diversos materiais utilizados.

Antes de mais nada, diga-se que a ilustração de Henrique Cayatte é um verdadeiro espectáculo, verdadeiro acto criativo paralelo ao espectáculo do próprio texto. Quando digo paralelo não quero dizer que se trata de algo exterior ao texto, não quero dizer que Henrique Cayatte competiu com o autor do texto desviando, em seu favor, as atenções que a outro poderiam pertencer. Isso não acontece. Antes pelo contrário: texto e ilustração constituem um embrechado pleno de ritmo, sem soluções de continuidade. Sabiamente, Henrique Cayatte situa o texto, leva-o à óptima ocupação da página, numa harmonia que poucas vezes se terá verificado em livros portugueses. Este livro é uma daquelas obras que dá gosto ter, que dá gosto olhar — que dá gosto guardar. Vale tudo isto por dizer que a estética, como elemento essencial na educação do espírito infantil, é uma actividade complexa que ultrapassa o factor meramente literário.

A Cidade Transparente leva-nos ao Reino da Natureza ameaçado por tantos inimigos — mas defendido por cada vez mais agoa. Fernando Bento Gomes conduz-nos até esse monstro que se chama «maré negra», aliás do conhecime das nossas crianças que costumam ver televisão. M **Negra** que persegue as «ondas azuis» protegidas pelas crianças e pelos adultos conscientes do amor que devemos à nossa Pátria que é a Terra.

O texto de Fernando Bento Gomes é de uma grande simplicidade, coloquial e directo. O autor procura levantar uma construção de feição poética e fá-lo utilizando de preferência materiais sólidos. Há páginas, por exemplo, em que, das 170 palavras, os adjectivos não chegam à meia dúzia.

Pois. Quanto menos os autores **manipularem** as crianças, melhor.

Mário Castrim